

Rosa Lobato de Faria

Romance
de Cordélia

COLEÇÃO
ASA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ROMANCE DE CORDÉLIA

Rosa Lobato de Faria

Edições ASA Literatura

C 1998, Rosa Lobato de Faria

Direcção Gráfica da Colecção: João Machado 1.a edição:

Outubro de 1998

Depósito legal n.º

125599/98

ISBN 972-41-1993-9

Finisterra

Autores contemporâneos de literatura portuguesa

ASA Editores II S.A.

Sobre a Autora:

Rosa Lobato Faria nasceu em Lisboa em Abril de 1932. A sua actividade tem-se dividido por diferentes áreas ligadas à escrita, à televisão e à música, nomeadamente como actriz, cronista, guionista, letrista e apresentadora. O essencial da sua poesia está reunido no volume Poemas Escolhidos e Dispersos (1997). O seu primeiro romance, O Pranto de Lúcifer, foi publicado em 1995 e encontra-se traduzido na Alemanha. Seguiram-se-lhe Os Pássaros de Seda (1996), Os Três Casamentos de Camila S. (1997) e agora este Romance de Cordélia.

Todos os seus livros têm conhecido um assinalável sucesso junto do público leitor; o que levou João Bettencourt da Câmara a escrever: "Êxito espantoso para quatro breves anos nas letras nacionais -- e que só deve à crítica oficial o favor de ter ficado calada (exceptuado, que eu saiba, o discernimento da Vértice e da Brotéria)".

Sobre o Romance

No Romance de Cordélia Rosa Lobato de Faria compraz-se em caminhar no fio da navalha, inventando um género que deliberadamente invoca, pelo avesso, o romance de cordel, forçado a figurar na primeira pessoa em algumas das passagens mais tortuosamente divertidas do livro. Livro que se constrói, em ficção, sobre uma série de histórias de vida reais, cuidadosamente recolhidas pela autora e por ela sabiamente recontadas, sem que se perca o drama, a violência, a ternura, a linguagem de um submundo forçado a ocultar-se sob as abas da nossa vergonha colectiva. (...) Mas, mais vale experimentá-lo que julgá-lo: quem, tendo-o começado, for capaz de o abandonar merece um doce. O cianeto é por minha conta.

João Bettencourt da Câmara

Doutor em Ciências Sociais

Professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Romance de Cordélia é uma história que parte do infinito da vida de todos nós para o ponto finito da vida de cada um de nós.

Carrocel alucinante que vai percorrendo a espiral que o conduz ao âmago da solidão humana. Uma nova história de Job no feminino, contada com um verbo de fogo e, no tom, com um humor de vitríolo.

O final projecta esta obra, em tempos de caos, para uma leitura universal. Rosa Lobato de Faria ter-se-á dado conta de que escreveu uma obra-prima?

Jorge Guimarães

Romancista, dramaturgo, pintor e crítico de arte.

Às reclusas do Estabelecimento Prisional de Tires, cuja verdade tornou possível esta ficção.

Não, não adiantava nada. Podia escrever a protestar a minha inocência, mas isso não ia restituir-me os dezasseis anos de vida que perdi aqui, nem ia restaurar a minha pobre dignidade feita em cacos.

Na prisão escrevem-se cartas.

Primeiro cartas burocráticas, quando ainda nos julgamos senhoras da nossa cidadania, Exma. Senhora Directora, venho por este meio junto de V. Exa. para pôr ao vosso critério a injustiça da minha situação...

A seguir cartas desorientadas, Exma. Senhora Directora, não sei sinceramente por que me encontro aqui, farto-me de pensar e não compreendo por que é que há-de ser este o meu destino, se a Senhora Directora...

Depois cartas desesperadas, Senhora Doutora Lurdes, minha querida Directora, é do fundo da minha miséria que lhe venho implorar que fale com o Sr. Dr. Juiz, eu sou inocente, houve uns malvados que me prejudicaram e estão à solta, se a Doutora Lurdes pela alminha de quem lá tem..

Mais tarde cartas abjectas, minha querida Doutora Lurdes, sol desta instituição, minha verdadeira mãe, só a senhora me pode valer com a sua bondade, eu beijo o chão que a senhora pisa, era só reverem o meu processo, vão ver que estou inocente como uma criancinha acabada de nascer, tenha dó das minhas lágrimas, Doutora Lurdes, prometo ser uma filha para si o resto dos meus dias, vou ser sua criada sem ordenado...

Por fim cartas patéticas, Doutora Lurdes minha Mãe, seja ceguinha se matei aquele homem, eu nem tenho força para pegar numa arma, fui sempre muito fraquinha da fome que passei em criança...

Não escrevi e não escreverei carta nenhuma, embora já tenha articulado umas tantas aqui na minha cabeça.

Apanhei vinte anos de cana e estou quase a sair desta prisão algures no interior do país, porque se completam daqui a oito meses os cinco sextos da pena, o que significa que acabo de cumprir dezasseis. Depois, rua. Agora o que está, está e o que foi, foi e chego à conclusão que não interessa nada qual é o crime que estamos a pagar, se não é aquele é outro, e o pior de todos, que nem cem anos chegam para redimir, é ter errado a minha única vida, ter lixado tudo completamente, sem saber quando, nem como, nem porquê.

Melhor apagar a luz, ou ainda vem aí a guarda Celeste chatear-me a cabeça com um sermão.

Enquanto a Arminda Canivete não me empresta o livro que anda a ler, diz que é muito bonito, só o nome, O Segredo de Mira Milita... Terei de entreter a insónia a pensar mais uma vez onde é que a minha existência deu o nó cego que me trouxe aqui, sim, que as coisas não são só aquilo que está à vista de todos, vêm de trás, muito lá de trás, e há um sítio qualquer em que a linha começa a desviar-se e depois por becos e atalhos a gente nunca mais encontra a estrada principal, nem o sul nem o norte, nem estrela nenhuma para se guiar.

A Ilda Grandalhona está virada para a parede a rressonar, às vezes nem consigo ouvir o que penso, mas é sempre assim, ela matou o marido com dezoito facadas e dorme como uma santa a noite inteira, eu, que não matei ninguém, passo horas em claro às voltas com as minhas recordações.

Era bem bonita, a casa dos meus pais nos arredores de Lisboa.

Pela frente entrava-se directamente da rua para um hall onde havia pratos nas paredes forradas de damasco verde-garrafa, montes de pratos e também molduras douradas muito mais largas do que as paisagenzinhas minúsculas, quase todas com barcos, que estavam escondidas lá no meio. Eu costumava empoleirar-me numa cadeira para espreitar aquelas pinturas, o serem assim pequeninas no meio das

molduras grandes fazia delas um segredo, e eu imaginava que me tornava pequena como a Alice, mas que em vez de entrar pelo espelho que não me interessava nada, entrava pelos quadros e ia de barco por aqueles rios a ouvir os passarinhos que cantavam nas margens.

De um lado e do outro do hall havia salas, uma maior, chamada de visitas, outra mais pequena, chamada escritório, só porque tinha uma mesa com gavetas posta de esquina, mas o resto eram sofás e mais quadros, desta vez retratos de pessoas antiga que nunca ninguém se deu ao trabalho de me explicar quem eram.

Do hall saía uma escada, mesmo ao meio, que levava ao primeiro andar onde havia uma casa de banho com o chão aos quadrados pretos e brancos e três quartos de dormir: o meu, o dos meus pais e o de hóspedes onde o meu pai dormia quando a minha mãe o punha fora e que era quase sempre.

Em baixo, além da casa de jantar, copa e cozinha, havia ainda outra sala, muito diferente do resto da casa e que era a sala de estar. Não tinha as paredes forradas de seda escura mas de papel às florinhas vermelhinhas em fundo creme e os sofás eram encarnados e os tapetes claros e abria para um jardim muito grande com canteiros cheios de ervilhas-de-cheiro e maravilhas cor de laranja.

Eu gostava de ir para o fundo do jardim e agarrar-me às grades a ver o movimento porque, curiosamente, a rua passava lá em baixo como se o jardim ficasse no primeiro andar, mas a casa não ficava e isso sempre me fez a maior confusão. A grade que evitava que eu caísse à rua e que os ladrões entrassem, caso tivessem uma escada de bombeiros, era encimada por uns bicos de ferro, como se fossem navalhas, um dia lá pelos meus doze anos pensei fugir de casa saltando o gradeamento verde, mas tudo o que consegui foi uma septicemia por ter espetado na coxa dois daqueles bicos cheios de ferrugem.

No jardim havia outra coisa de que eu gostava muito, era um tanquezinho redondo de pedra cinzenta comida dos líquenes onde nadavam peixinhos encarnados. Alguns, por acaso, eram malhados de branco como se estivessem mal grelhados mas mesmo assim eram giros e faziam-me imensa companhia. No meio do lago estava a estátua de um menino a fazer chichi, eu achava uma vergonha ele ali a segurar a pilinha com a mão onde todos o podiam ver, dava graças ao céu por ser rapariga e poder fazer chichi sem mãos.

Quando era pequena ainda me punha de cócoras a espreitar para mim a ver se tinha uma coisa daquelas a nascer, aos poucos concluí que não, ingenuamente achei que era uma sorte, porque aos quatro anos sabia pouco da vida.

Vida, para mim, era aquilo que levava os meus pais para tantas viagens e jantares e saídas à noite, a minha mãe sempre elegantíssima, muito magra, metida nuns vestidos justos, a fumar de boquilha e a chatear o meu pai.

Altino Gaspar, tu não sabes do que eu sou capaz. Se eu a vejo na festa faço um escândalo, aí faço, podes contar com isso. Vou conferir o perfume dela com o do lenço que tirei ontem do teu bolso, ou tu pensas que eu não tenho nariz?

Tinha nariz, grandinho por sinal, mas do que eu gostava neste discurso era da palavra escândalo, que não sabia o que significava mas achava linda, cheia da tal "vida" e de outras coisas misteriosas.

Altino Gaspar, o meu dinheiro não se fez para o bico de serigaitas e não é de certeza o teu contra-fagote que te consente a estúrdia. É bom andares direitinho se não queres ficar com a caixa do instrumento a fazer de travesseiro.

Percebi muito cedo que a minha mãe era rica e o meu pai era músico, em público a minha mãe insistia que ele só tocava por carolice de pessoa abastada com direito às suas excentricidades.

Mas vi muitas vezes o meu pai entregar em casa o dinheiro que ganhava na orquestra sinfónica. A minha mãe aceitava-o com ares superiores e metia-o numa caixa de madeira com embutidos de marfim.

Chamava-se Lina e tinha valores muito próprios, para ela era louvável ser ocioso e uma vergonha ser músico profissional, desprezava as pessoas simples e era capaz de dar a vida para manter as aparências.

Teve sempre vergonha de mim. Do meu aspecto, do meu comportamento, das minhas preferências e do meu nome.

O meu pai foi encarregado de me registrar quando eu tinha dois dias de vida, levava a incumbência de me pôr Lina Maria mas no momento da verdade saiu-lhe da boca o nome que trazia no coração e tinha a ver com o único momento de glória da sua vida, em que representara o papel de rei Lear no teatro de amadores da sua terra.

Cordélia, disse ele. Cordélia Sant.ana Gaspar.

Por sorte não se esqueceu do apóstrofo em Sant.ana, porque então teria sido o divórcio.

Até morrer, a minha mãe tratou-me e ordenou que todos à sua volta me tratassem por Lili.

Mira Milita era uma jovem linda e ingénua que ansiava por ajudar sua pobre mãe. Seu pai morrera ao cair do trapézio num arrojado número sem rede e sua pobre mãe ficara ceguinha de tanto chorar. Sim, querida leitora, leu bem. A mãe de Mira Milita era ceguinha, não de nascença mas de tanto chorar a sua miséria.

Valia-lhe aquela filhinha maravilhosa que ao completar dezoito primaveras pediu à vizinha Soledad algum dinheiro emprestado para comprar o jornal e se pôs a procurar emprego. Sim, Mira Milita era uma jovem corajosa.

Quis o destino que os seus passos a encaminhassem para a grande empresa de construção civil de Rodolfo Augusto, um dos homens mais invejados da alta sociedade de Miami. Sim, Rodolfo Augusto era belo e rico, embora o seu passado guardasse alguns segredos que todos ignoravam.

Quando Mira Milita falou com a recepcionista esta disse-lhe que teria de esperar várias horas para ser recebida por uma secretária, sim Mira Milita teria de esperar várias horas mas estava disposta a todas as humilhações para ajudar sua pobre mãe invisual. Mas nesse momento passou um homem de bela aparência, de fato verde-claro e camisa sport com a gola de fora, deixando ver os pêlos do peito e o cordão de ouro que o adornava. O rosto era moreno, tinha um belo bigode negro e o cabelo revoltado descaía-lhe a meio da testa. As mangas levemente arregaçadas deixavam ver pulsos fortes adornados de um belo relógio de ouro e algumas pulseiras do mesmo nobre metal. A pedra do seu anel era rubra.

O coração de Mira Milita deu-lhe um salto no peito quando o belo desconhecido lhe disse que se ela vinha à procura de emprego, fizesse a fineza de entrar.

Sim, leitora, adivinhou. Era Rodolfo Augusto, o homem forte da construção civil de Miami e de tantos outros negócios, nem sempre legais, é certo, mas muito rendosos.

Ao ver a bela Mira Milita com o seu melhor vestido que sua mãe ceguinha guardara dos tempos do circo, vestido esse de seda rosa-choque debruado a lantejoulas, ao ver os seus olhos sombreados de azul e prateado e os cabelos louros que lhe caíam em cachos pelos ombros, Rodolfo Augusto ofereceu-lhe o lugar de sua secretária com um ordenado principesco que dava para abandonar a barraca onde Mira Milita vivia com sua pobre mãe invisual e alugar um belo apartamento na cidade. Sem esquecer de pagar à ex-vizinha Soledad o dinheiro que lhe emprestou para o jornal e para os carapaus do almoço.

A técnica de ler estes livros é a gente fingir que acredita.

Não tem qualquer importância aceitar o lugar de secretária sem habilitações. Dá-se logo de caras com um sujeito que vai mudar a nossa vida e nenhuma protagonista, por mais que o mundo as solicite, se esquece que tem escondida no sótão uma mãe ceguinha ou entrevada ou passada dos carretos.

Só na minha vida nada aconteceu assim. Foi tudo, sempre, da maneira mais difícil.

Tinha eu cinco anos quando a minha mãe me chamou maluca pela primeira vez. Estávamos a almoçar e eu disse assim, por que é que a Laura não come connosco à mesa.

Quem é a Laura?

Aquela menina que brinca comigo na cave onde estão as arrumações.

Qual menina?

Ora, a Laura. Está lá o baú dela, tem Laura escrito com pregos, foi ela que disse, e uma vez também estava lá em cima nas águas-furtadas onde a mamã não me deixa brincar.

Esta criança é completamente maluca. Altino Gaspar, se és tu que lhe metes estas coisas na cabeça, com a mania das peças de teatro e toda essa bodega de amadores de meia tigela, ponho-te a dormir na cave para conheceres a Laura.

O papá nunca me disse nada, sou eu que brinco com a Laura e faz-me pena que ela não coma. Outro dia levei-lhe uma maçã, mas ela não quis. É por isso que ela é tão branca e magrinha.

Lili, sabes o que tu és? Ma-lu-ca. A Laura não existe. Só os malucos é que vêem pessoas que não existem.

Mas o que é que queria dizer existir? Eu via a Laura, brincava com ela, falávamos sem ser preciso abrir a boca.

O que é existem?

Existir é... é estar aqui, estar... assim como nós, é... olha sabes que mais? Vai chatear o D. Pedro.

Aqui é que eu fiquei a zero. Qual D. Pedro?

Lili, hoje não falas mais comigo, está bem? És ma-lu-ca.

Ma-lu-ca.

Já percebi, mamã. Sou ma-lu-ca.

Muitos anos mais tarde o meu pai contou-me que aquela casa tinha sido comprada a uns senhores que precisamente a vendiam por ter ali acontecido um estranho acidente à filha mais nova.

Fecharam-na de castigo na cave, onde guardavam materiais das obras em curso e a criança morreu envenenada com o cheiro das tintas. Chamava-se Laura.

Talvez por saber isto, o meu pai, quando a minha mãe se retirou para fazer a sua sesta de beleza, veio fazer-me perguntas sobre a Laura com um ar muito preocupado. Mas eu disse que não se ralasse mais com o assunto.

O papa já sabe que eu sou maluca e má, disse aquilo para aborrecer a mamã. Prometo que não torno.

Tinha seis anos quando comecei com a mania de ser bailarina.

O meu pai gostava da ideia, já que a minha mãe o tinha proibido de continuar com o teatro amador que lhe deva tanto prazer e era uma luta de todos os dias tocar contra-fagote na orquestra.

O contra-fagote, explicou-me o meu pai muitas vezes, é um instrumento profundamente afectivo. Pertence à família dos oboés e não é mais do que um fagote, cuja extensão é de si bemol-ré 2, apenas soa uma oitava mais baixo.

É esse registo grave que o torna um instrumento chegado ao coração de quem o toca e de quem o ouve, foi durante muito tempo o único instrumento de sopro de registo grave, fez o seu caminho do século XVI aos nossos dias e no século XVIII tornou-se mesmo solista em peças de Vivaldi, Bach e Telemann.

Como não hei-de amar o meu contra-fagote, desabafava por vezes o meu pai quando a sarcástica Lina troçava do seu valor na orquestra sinfónica, como não hei-de amá-lo e tocá-lo e estudá-lo contra ventos e marés, se sei que um dia posso ser chamado a interpretar um solo e a fazer ouvir, no silêncio da sala, as batidas transpostas do meu coração.

A minha mãe, quando ouviu a palavra ballet, temendo que eu tivesse herdado as predisposições artísticas do meu pai e decidisse ser, como ela disse, corista, achou logo que isso não era próprio para uma menina bem educada, se ela me pode ver lá de onde está deve finalmente perceber que a educação

burguesa não é tudo e ouvir as pessoas em vez de as contrariar sistematicamente é talvez uma ideia melhor.

Mas não estou a culpar a minha mãe pelos meus erros, só estou a tentar descobrir onde é que...

A educação burguesa foi sendo voluntariamente recalcada em todas as situações dúbias da minha vida onde não vinha ao caso, aqui na cadeia, por exemplo, percebi desde logo que devia adoptar a linguagem populista das minhas colegas, não me armar em fina; esquecer os arrebiques da minha pequena cultura, usar calão, dizer dói-me as cruces, benzer-me a torto e a direito e agora até já penso assim, aprendi aos poucos que o poder de adaptação do ser humano é quase ilimitado.

Foi numa tarde à hora do chá e por causa da discussão sobre o ballet, que a minha mãe me chamou maluca pela segunda vez, agora com absoluta convicção e algum fundamento.

Obrigaram-me a lanchar com as visitas, a Lina começou a meter-me a ridículo, a humilhar-me com piadinhas, eu resolvi desligar, pus-me a olhar para a tapete da sala de visitas e a sentir pena daquelas flores fanadas que se entrelaçavam com umas volutas bordeaux, toda a gente as pisava sem cuidado nenhum ou então ficavam ali fechadas às escuras dias e dias do lado triste da casa e a minha mãe começou a pedir-me que explicasse às amigas por que é que queria ser bailarina.

Para pular a grade do jardim, disse eu. Para fazer um grand-écart até ao telhado do outro lado da rua. Para andar a casa toda nas pontinhas dos pés e depois voar num entre-chat pela janela, num jeté pelos ares, pousar num arabesque na torre da igreja, fazer de lá uma révérence às gaiivotas em véspera de temporal.

As visitas riam, riam, a minha mãe dizia, um pouco embaraçada, não liguem, não liguem que ela não regula bem, eu senti uma necessidade compulsiva de dar razão à minha mãe, agarrei no bule do chá e reguei as rosas do tapete.

Na escola também não tinha muitas alegrias. Eu saí alta e magrinha à minha mãe, morena ao meu pai e o que se usava naquele colégio particular eram as loiras rechonchudas, eu era o patinho feio da aula, elas diziam que eu tinha bigode e que os meus vestidos eram pirosos, isto porque a minha mãe tinha a mania dos botões em feitio de bichos, galinhas, ursos, cães de orelha murcha e abusava dos casaquinhos de jacquard em lã mohair, obrigava-me a usar uma pulseira de ouro com figas e trevos pendurados e às vezes as minhas meias pelo joelho apertavam com fios de lã com borlas na ponta. Calculo que a Mira Milita devia gostar da minha roupa e dos meus sapatos vermelhos de verniz.

Mas não havia nada a fazer. Quando íamos às compras eu nunca podia escolher o que gostava, as crianças não têm querer, olha que lindo este casaco para o inverno com capuz debruado a pele branca.

às vezes já saía da loja com a peça vestida, a rezar para não encontrar nenhuma colega e se a minha mãe me propunha um lanche na pastelaria eu dizia que não tinha apetite, levava logo um apertão no ombro, antipática, mal agradecida, uma pessoa não sabe mais o que há-de fazer para a ver contente, gasto um dinheirão a vesti-la do bom e do melhor e a paga é uma tromba daqui até Cacilhas.

Era uma aluna mediana, onzes, dozes, um catorze em dia de festa, um nove de vez em quando. O catorze, quando acontecia, era a Matemática, o que fazia as outras olharem-me ainda mais de esguelha, ser boa a Matemática era uma espécie de anormalidade, era sinónimo de não ter namorado e ser anti-social.

Com a adolescência o meu nariz cresceu um pouco mais do que o desejável, o buço acentuou-se, o cabelo frisou irremediavelmente, de magra passei a desengonçada. A minha mãe sempre previra que eu viria a ser uma mulher feia e as perspectivas pioravam de dia para dia.

Como aos doze anos só pensava no ballet, os estudos foram-se ressentindo. às horas a que deveria

fazer os trabalhos de casa andava eu com umas sapatilhas compradas às escondidas a fazer espargatas no hall de entrada que era onde havia mais espaço livre e, agarrada a um friso de madeira que havia na parede para expor mais pratos com armas ducais, ensaiava os meus exercícios para o dia em que finalmente me deixassem frequentar uma aula de bailado.

às vezes punha-me a pensar como é que a minha mãe, que me vestia num estilo entre Heidi e Pai Natal, tinha tido tanto gosto para decorar a casa, normalmente quem põe pompons aos filhos tem napperons de croché nas costas dos sofás e mesinhas de vidro com pés dourados por onde sobem trepadeiras do mesmo metal. Mas não era o caso. Todas aquelas divisões, à excepção da sala de estar que abria para o jardim, eram austeras mas sóbrias, então um dia o meu pai explicou-me que os pais da Laura tinham vendido a moradia tal e qual, com todo o recheio, ao meu avô materno, que a comprou para oferecer à filha de prenda de casamento. E a minha mãe, respeitando o seu conselho, não tocou em nada, donde, nem o gosto era dela nem as armas ducais e os antepassados dos retratos eram nossos. Melhor assim. Os Sant.anas eram só ricos, podiam ser pirosos à vontade.

O meu pai tinha um gosto muito mais seguro e despojado porque era cem por cento camponês, criado entre barros e madeiras velhas, detestava o supérfluo, mas tinha tido uma paixão arrasadora pela minha mãe, pelos seus vestidos tubulares, os seus pregadores de arminho, as suas boquilhas de tartaruga, o seu nariz imperial e ela, não sei por que mistério, amou a dada altura aquele rústico entroncado que tocava contra-fagote, sentiu-se deliciosamente transgressora, teimou no seu capricho, casou.

Tiveram esta única filha, feia e desarranjada dos pirolitos, com a ideia de ser bailarina, que aprendeu as posições por um manual e se treinava aos saltos pela casa toda na ausência dos progenitores.

Foi assim que chumbei o segundo ano do liceu, como se chamava nesse tempo, e a minha mãe, vexada por ter uma filha que além de medonha e maluca se revelava estúpida, decidiu que eu devia ter o justo castigo de tanta ingratidão.

A Lina detestava a sogra, que criava galinhas como modo de vida e morava num lugar algures no interior do Algarve que se chamava Alcatruzes. Tinha até vergonha de pronunciar este nome.

As pessoas podem viver na província, sim, mas em quintas com nomes poéticos, Herdade das Acácias, Casa da Fonte, Monte dos Rouxinóis. Mas Alcatruzes, assim toscamente, era plebeu de mais.

Era-lhe impossível conceber castigo mais horrível do que três meses entre o fedor da criação, a apanhar ovos sujos de coco de galinha, a comer sopas de pão e miúdos de fricassé.

A suprema sentença foi mandar-me passar as férias grandes para casa da minha avó Adelaide.

Sim. Mira Milita ficara noiva de Rodolfo Augusto. O seu inocente coração cantava hinos de louvor à vida que assim a escolhera para tamanha felicidade. No seu belo apartamento no último andar dum luxuoso prédio com vista para a baía, ela esperava todas as noites a visita do seu amor. Ele, porém, pouco se demorava. Pedira-lhe que mantivessem o noivado em segredo e não queria dar nas vistas aos vizinhos. Punha acima de tudo a reputação de sua noiva, sim, Mira Milita era virgem e assim deveria continuar até ao casamento. Trocavam juras de amor sob o olhar, salvo seja, complacente da pobre mãe invisual, onde Rodolfo Augusto garantia à jovem que ela deixaria o emprego assim que se casassem e que sua mãe ceguinha seria sujeita a uma operação que havia de restituir-lhe o uso daqueles preciosos órgãos: os olhos.

O que Mira Milita na sua ingenuidade não sabia é que sob aquele peito musculoso se escondia uma víbora de maldade. Sim, leitora, Rodolfo Augusto arquitectara um plano sinistro para dar um herdeiro à família Augusto sem que a pobre inocente tivesse nisso qualquer vantagem. A verdade, a terrível verdade é que Rodolfo Augusto era casado. Sua esposa Agripina era estéril e o esposo prometera-lhe colocar nos seus braços o tão almejado herdeiro.

A inocente Mira Milita era apenas um joguete na mão daquele caviloso malfeitor.
E assim se realizou o sacrílego casamento...

Isto agora também já é de mais. Ela aceitou o emprego, o apartamento, o anel, era secretária dele e nunca percebeu que o homem era casado... E papéis para o casamento? Em Miami não é preciso? E o padre católico? Era um figurante mascarado? Mas que bosta de história. E o raio da insónia que não desarma.

...Desde o dia em que Mira Milita anunciara ao seu alegado esposo que o seu amor fora abençoado com uma fecunda gravidez, Rodolfo Augusto nunca mais dormiu no prédio que dava para a baía.

A pretexto duma viagem desapareceu do horizonte da futura mãe e embora telefonasse todos os dias, só voltou a aparecer uma semana antes do parto para acompanhá-la à clínica quando a hora chegasse, não sem antes ter ido levar a sogra invisual a Boston para a prometida operação.

Com que alegria Mira Milita entrou naquela maternidade! E com que tristeza saiu, tendo sido informada que a criança nascera defeituosa e morreria poucos minutos depois.

Rodolfo Augusto não estava quando ela saiu, ela dirigiu-se a casa, mas encontrou esta ocupada por outros moradores. O porteiro disse que recebera as chaves da mão dum desconhecido que lhe garantiu que a senhorita não voltaria.

Desesperada, Mira Milita dirigiu-se ao escritório, mas os seguranças tentaram expulsá-la. Então os seus gritos foram ouvidos na administração. E que fez Rodolfo Augusto? Alegando que Mira Milita estava louca, como se podia comprovar pela história sem pés nem cabeça que ela contava, em que era casada com ele e tinha tido uma criança sua. Todos sabiam como ele era feliz com sua esposa Agripina, que, por sinal, acabava de lhe dar um herdeiro.

Foi aí que Mira Milita entendeu tudo e gritou ainda mais, mas já tinha chegado a ambulância que a levou ao manicómio. Sim. Mira Milita foi internada numa clínica de alienados onde durante cinco anos preparou a sua terrível vingança.

(Da mãe invisual, nem rasto).

Meu Deus, que sono. Agora que a Ilda Grandalhona começou a dar estalos com a língua, a tirar o pigarro, a resmungar puta de vida, a preparar-se para fazer chichi.

Já é manhã.

II

A minha actual situação no E. P. (estabelecimento prisional) é bastante diferente daquela em que vivi os oito primeiros anos de reclusão, no Pavilhão 1, visto que já levo outros oito de regime aberto.

Ultimamente trabalho nos teares, é um trabalho bonito que entretém imenso e as mãos ocupadas libertam o espírito para a minha insistente procura de memórias e explicações que pretendo dar a mim mesma.

Ao fim da tarde posso ficar ociosa, sentada a uma mesa da cantina a ler os meus romances de cordel ou a dar uma arrumadela extra na cela, porque de manhã, como adormeço tarde, estou sempre atrasada e só tenho tempo para fazer a cama e pouco mais.

A Ilda Grandalhona tem as paredes e a cama literalmente cobertas de bonecos de peluche, aliás isso é uma constante em todas as celas, como se estas mulheres, assassinas, ladras, burlonas, traficantes de droga, quisessem recuperar uma infância imaginária, cheia de brinquedos cor-de-rosa, onde nenhum mal podia penetrar.

Digo imaginária, porque basta uma curta conversa superficial com qualquer delas para termos a certeza de que nunca tiveram brinquedo nenhum nem sequer infância nenhuma, só maus tratos, pancada, abusos sexuais, torturas, como por exemplo ficarem amarradas ao pé da cama ou do tanque enquanto os pais iam trabalhar e à noite serem espancadas e terem as caras esfregadas nas próprias necessidades por terem tido a ousadia de fazê-las no chão.

Contou-me uma colega do Pavilhão 1 que viu morrer de frio a irmã de três anos amarrada pelo pai à maçaneta da porta do quintal, que se abriu e donde soprava um vento gelado, e ela, na tentativa de tirar um cobertor da cama ao pé da qual estava por sua vez amarrada, partiu um braço mas não conseguiu que a manta alcançasse a pequenina. Ela era a mais velha, sentiu-se responsável. Tinha quatro anos. Aos dezoito matou o pai.

Sou, em tudo, uma privilegiada: o pior castigo que a minha mãe Lina conseguiu imaginar foi mandar-me de férias para casa da minha avó Adelaide.

Já de longe se ouvia o regougar e o cacarejar das galinhas.

Pareceram-me centenas: brancas, castanhas, pedrês, pretas, carecas, todas a sacudir a pequena crista ao desafio, a olhar-nos de lado só com um olho, a pousar a pata depois de uma pequena hesitação.

Havia sempre penas caídas no terreiro, que eu apanhava e metia numa caneca como quem põe flores numa jarra.

Mas isso foi depois.

A tua avó é uma mulher simples mas muito boa pessoa, disse-me o meu pai pelo caminho. Acho que se vão dar bem.

Não se preocupe, papa. Não me lembro dos pormenores mas tenho uma boa recordação daquela vez em que o papa nos trouxe e a mamã se quis ir embora logo no dia seguinte e eu pedi para ficar, porque estava a adorar aquele fim de semana, mas a mamã não deixou.

A avó estava à porta à nossa espera, a limpar as mãos ao avental de risquinhas cinzentas e brancas, vestia de luto aliviado, tinha uns brincos de ouro antigo pendentes com uma pedrinha vermelho-escuro, um riso aberto, o cabelo ondulado e grisalho atado em carrapito.

Ai, filho, filho.

Deixou cair uma lágrima sem mais complicação que a da alegria, ele engoliu as dele porque havia nelas, presumo, uma pontinha de remorso.

Mãe, trago-lhe a Lilizinha, ela está de férias e já que eu não posso...

Lilizinha? Credo. Esse nome não liga com ela. Ora vem cá, menina. És bonita, filha. Pareces uma moura encantada, nunca uma moura encantada se chamou Lilizinha. Cá em casa vais ser Cordélia, vá lá Délia, menos que isso, não.

A minha avó Adelaide foi a primeira pessoa a dizer que eu era bonita, adorei-a naquele preciso instante, vi nela uma aliada e dispus-me a agradar-lhe de todas as maneiras ao meu alcance.

Tínhamos saído de Lisboa de manhã e o meu pai levava instruções para voltar no mesmo dia, ao pobre do homem nem era concedida uma noite na casa da sua infância.

Vi com que sorriso percorreu os arredores da casa, com que apetite devorou o ensopado de borrego feito em sua honra, com que prazer falou com a mãe acerca daquele quotidiano, o fumeiro, o reforço da rede das capoeiras, o preço dos ovos, a qualidade, sempre imaculada, da água da azenha.

Depois teve que partir.

Vá em paz, papá, disse eu, já muito senhora dos lugares, a despedir-me à porta, com um braço passado pela cintura da minha avó.

Vá em paz que eu fico muito, muito bem.

Eu nem imaginava até que ponto isto era verdade.

O meu quarto era lindo, com uma cama de ferro pintada de azul e com um florão de purpurina na cabeceira que representava uma cesta cheia de rosas. Na parede contrária à da janela estava um lavatório com armário por baixo, onde se escondia um grande balde de lata, também azul, para onde escorria a água. Sobre o móvel-lavatório estava pousado um jarro grande de esmalte branco com uma paisagem em azul mais escuro com flores e passarinhos.

Por cima, uma toalha de linho grosso, muito bem engomada, assegurava que nenhum grão de pó poluiria aquela água, que servia para lavar mas também para beber. Para isso lá estava o copo de vidro rosado sobre pratinho igual, com um friso de estrelas junto à ba-se.

A colcha era de linha branca, feita à mão, num paciente trabalho de duas agulhas em ponto bem apertado para fazê-la pesada, e por baixo, apesar de ser verão, um cobertor de grandes quadrados em azul e grão e os lençóis imaculadamente brancos, com um biquinho de croché azul a enfeitar-lhes a bainha. A cortina, de correr, enfiada em argolas de latão, era de linho branco com um grande folho de quadrados, azuis e brancos evidentemente, e igual aos grandes almofadões da cama.

Foi desde aí que o azul se tornou a minha cor preferida.

Cordélia, e se jantássemos o ensopado que sobrou do almoço?

Um dia, quando fores mãe, saberás: a gente faz para os filhos um panelão de comida, é mais forte do que nós, depois sobra para aí sem destino, a gente regala-se a comer os restos, porque nos fazem lembrar o filho para quem cozinhámos.

Mas também te posso fazer tortilha, se quiseres, tenho pimentos morrones, vou apanhar uma alface...

Não, avó. Eu adorei o borrego e o molhinho com o seu pão tão especial...

Sou eu que o amasso. Ainda não te mostrei o forno?

Quinta-feira é dia de cozer pão. Uma tarefa abençoada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Hás-de ajudar-me, porque faz bem à alma.

No dia seguinte era domingo, a minha avó tirou o avental, vestiu uma blusa de seda preta e levou-me orgulhosamente à missa na furgoneta que ela própria guiava e que servia para levar os ovos e as galinhas ao mercado.

Cheirava um bocado a penas e a coco de galinha, apesar de ela esfregar com sabão-macaco o chão atrás dos bancos, mas rapidamente me habituei àquele odor, era assim mesmo e eu estava disposta a

gostar de tudo.

Depois da missa regalámo-nos com uma bela galinha assada e doce de ovos com amêndoa que ela tinha feito na véspera quando me apanhou a dormir.

A mesa da minha avó era farta e saborosíssima, ela dava a devida importância ao ritual das refeições, não havia sala de jantar, mas comíamos na mesa grande da cozinha, muito bem posta, enfeitada com um enorme cesto de frutas onde ela enfiava flores do campo ou mesmo uma ou outra rosa mais aberta cortada da roseira do jardim.

Não demorei a perceber que a minha avó era uma artista, com um bom gosto incrível, e que aquela imagem que a minha mãe tinha tentado impingir-me, de uma campónia suada a cheirar a esterco e a gritar palavrões às galinhas, era só mais uma das suas maldades.

Ao terceiro dia de comida deliciosa, servida com simplicidade mas com todos os pormenores de uma estética de harmonia, já que nunca vi na mesa dois pratos desirmanados, uma peça rachada ou um guardanapo que não viesse dobrado e atado com um fio de esparto e uma flor, atrevi-me a confidenciar à minha avó que receava, sobre todas as coisas, os miúdos de fricassé com que a minha mãe me ameaçara.

A minha avó riu com gosto e garantiu-me que nunca tinha feito tal petisco, provavelmente muito bom e que haveria de experimentar quando eu me fosse embora.

Hoje acredito que, com uma cozinheira daquelas, até eu teria gostado de os provar.

Lá pela quarta-feira já eu me desembaraçava a apanhar ovos na capoeira, adorava pegar no ovo ainda quente, chegar à cara a sua casca castanha, pousá-lo com a maior delicadeza no cesto de asa, não muito grande, para que os ovos, sendo poucos, não esmagassem os de baixo.

Aprendi a evitar os dejectos amarelos onde escorregava nos primeiros dias e também, depois de partir o meu primeiro ovo por um gesto desastrado, nunca mais parti nenhum.

As capoeiras eram enormes, mas a minha avó gostava de fazer sair as aves, uma raça de cada vez, para virem debicar no terreiro, onde lhes lançávamos milho e permitíamos que desencantassem alguma minhoca escondida.

Tens jeito para dar o milho às galinhas, tens um gesto bonito quando metes a mão na bolsa do milho e o espalhas à volta como um semeador.

Também aprendi um pi-pi-pi agudo e nasal para chamá-las ou levá-las de novo à capoeira. A minha avó ria-se. Dela recordo sempre a gargalhada fresca, do fundo da garganta, aquela alegria mansa que tornava a vida tão fácil de viver.

A minha avó contou-me que o meu avô era chefe da banda que no tempo dele tocava no coreto da aldeia, aos domingos à tarde.

Ela fazia flores de papel para enfeitar o coreto nos dias de festa e foi assim que se conheceram. Ele já criava galinhas e nesse tempo gansos e perus, tinha uma boa situação, pôde pedi-la em casamento. Não foi paixão, contava-me ela, senão um entendimento alegre, uma estima feita de pequenas coisas, uma admiração, dela pela sua vocação para a música, dele pelo seu sentido artístico capaz de apreciá-la.

O amor veio depois, com o nascimento do filho único (situação rara naquele lugar e naquele tempo), com a força que cada um encontrou no outro nas pequenas e nas grandes adversidades.

Chamava-se Altino Gaspar tal como o filho, tal como o pai e o avô se tinham chamado antes dele.

Na aldeia chamavam-lhes a sagrada família porque andavam sempre os três juntos e ao domingo era bonito ver o pai a dirigir a banda, a mãe na primeira fila de cadeiras de armar, o filho, fardadinho de músico, a tocar flautim, que foi o seu primeiro instrumento.

Pela pauta!, garantia orgulhosamente a minha avó.

Fizeram tudo por aquele menino. Foram pondo de lado o dinheiro com que haviam de mandá-lo para o Conservatório de Lisboa e o dia mais feliz da vida deles foi a ida histórica ao concerto da orquestra

sinfónica em que o filho se estreou a tocar contra-fagote.

O meu avô foi também o impulsionador do Teatro Amador de Alcatruzes, que chegou a ganhar uma menção honrosa no concurso promovido pelo S. N. I. O meu pai teve o seu lugar no elenco desde muito cedo, e já quando estudava em Lisboa, não deixava nas férias de fazer a sua perninha e foi precisamente no ano em que substituiu o pai no papel de rei Lear que obtiveram o almejado prémio.

Pela primeira vez fiquei contente por me chamar Cordélia. A minha avó ainda guardava a peça e deu-a a ler, já que o meu inglês era insuficiente para entender Shakespeare no original.

A minha surpreendente avó gostava de ler. No quarto dela havia uma estante com Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Raul Brandão, Florbela Espanca, Ramada Curto e outros autores de nomes que me eram desconhecidos.

Explicou-me que lia sempre os mesmos livros mas não se importava nada, era como visitar velhos amigos.

Resumindo e concluindo, quando Mira Milita saiu do manicómio comprou uma cabeleira preta com franja, roupas provocantes muito diferentes das suas, mudou o nome para Sandra Madalena e foi oferecer-se para o lugar de secretária de Rodolfo Augusto que estava oportunamente vago.

É claro que ninguém a reconheceu. O seu objectivo era vingar-se, mas também conseguir uma maneira de ver o filhito.

Sim. Mira Milita agora Sandra Madalena não conhecia a adorável criança, agora com cinco aninhos, que dera à luz em hora tão fatal.

Mas rapidamente conseguiu a confiança de Rodolfo Augusto (dos Augustos de Miami) a ponto de um dia lhe terem confiado o menino para levar ao circo de nefasta memória.

Sim, este era o seu filho adorado e, em vez de ir ao circo, Sandra Madalena, antes Mira Milita, apanhou um avião para Boston onde logo conseguiu (fácil!) a informação de que sua mãe invisual, que tinha sido metida num asilo pelo cruel Rodolfo Augusto, se encontrava agora de boa saúde, tendo sido operada aos olhos graças à bondade de um médico.

A boa senhora era agora governanta em casa de uns milionários (é claro!) onde acolheu sua filha e neto.

Para um final ainda mais feliz, Rodolfo Augusto perdeu a fortuna, a esposa morreu de doença incurável e ele acabou os seus dias na prisão.

O filho de Mira Milita, quando cresceu, veio a casar com a filha dos milionários e tiveram duas gémeas: Sandra Milita e Mira Madalena.

Estás-te a rir com o final do livro, pergunta-me a Arminda Canivete, eu cá fartei-me de chorar. Estou contente, digo eu a disfarçar, já que o final é tão feliz. A mim, vê lá tu, dá-me para chorar e já estou a ler outro que é lindo, inda mais lindo que este. Ah, e chama-se? A Vingança de Cassandra Rosa.

Foi bom ter-me lembrado hoje, com tanto pormenor, das férias na minha avó Adelaide. Uma óptima companhia para a minha insónia.

Não encontro, em todo o meu passado, recordação mais agradável.

Naquela primeira quinta-feira acordámos mais cedo que o costume, com as galinhas ainda no choco. Embora os galos, um em cada capoeira, tivessem já cantado as suas árias: a solo, em dueto, em coro, ou numa confusão de perguntas, respostas e insultos indignados.

A avó Adelaide tinha deixado o alguidar da farinha preparado de véspera e a medida certa de

fermento, água e sal.

Ao mesmo tempo que ia amassando, ia rezando uma ladainha entremeada de sonetos de Florbela Espanca e quadras populares, explicou-me que a poesia é certamente uma forma de oração, porque é preciso ser abençoado para escrevê-la.

O pão ficou a levedar no alguidar, coberto por um pano alvíssimo e eu ouvia a massa a mover-se, a suspirar, em pequenos murmúrios, férteis segredos do fermento e do trigo.

A minha ajuda entrou na hora de moldar os pães. A minha avó ensinou-me a meter as mãos na farinha e a pegar na massa com leveza, a pensar que Jesus escolheu o pão para representar o seu sagrado corpo e de súbito aquela cozinha, na primeira luz da manhã, tornou-se num lugar indizivelmente místico, não tagarelávamos, não ríamos, era com um enorme respeito que colocávamos os pães no tabuleiro e então a minha avó fez com o cutelo da mão uma cruz na massa macia de cada um, abençoou-os e disse um Pai-Nosso enquanto os metia no forno sobre a carqueja que crepitava.

Enquanto esperávamos que cozessem, preparou numa assadeira de barro um belo pedaço de vitela, temperado com vinho branco, sal, pimenta em grão, alecrim, tomilho e rosmaninho, um talo de aipo e batatinhas novas em redor, para aproveitar o calor que o forno conservaria durante algumas horas.

Depois sentou-se, serviu-nos café, fez o sinal da cruz e esperou.

Que saudades do tempo em que acreditava em Deus, no seu poder, no seu amor misericordioso, na sua preocupação com o nosso destino individual. Depois de tudo o que me aconteceu, da horrível injustiça que me trouxe aqui, deixei completamente de acreditar. Em Deus, na humanidade e em mim.

Ainda houve aquela tentativa das irmãs do Anjo da Guarda...

Desde que me encontro aqui que recusei sempre todas as saídas: as precárias, quando foram possíveis, e a liberdade condicional, que seria para mim o mesmo que ser atirada ao mar alto.

Fartei-me de explicar à visitadora, à assistente social, à Directora do E. P., ao Juiz, que não tenho ninguém no mundo senão as pessoas que me tramaram e me meteram na prisão.

Mas a verdade é que, por lei, quando se cumprirem os dezasseis anos e oito meses da pena, terei que sair e não vejo a menor perspectiva nessa liberdade. Não tenho família nem casa nem dinheiro nem vontade de tentar seja o que for.

Então os serviços lembraram-se das irmãs do Anjo da Guarda, que costumam receber reclusas em situação idêntica à minha.

Comecei, nas minhas precárias, a ir visitá-las, a ficar lá três dias, depois cinco, depois uma semana.

Nem eu gostei delas nem elas gostaram de mim. Tudo o que queriam saber era se eu estava arrependida, se já tinha pedido perdão a Deus e se estava disposta a levar uma vida limpa, desta vez sem crimes.

Quando insisti que era inocente, a Madre Superiora e as suas três acólitas fizeram um sorriso de boca fechada posto em diagonal nas caras amarelas, entreolharam-se, suspiraram em coro e consideraram-me um caso perdido.

Nunca mais quis sair. E julgo que a razão subconsciente da minha insónia, que se tem agravado à medida que se aproxima a hora de me porem lá fora, é a perspectiva desse vazio, dessa solidão, desse nada.

Quando o pão saiu do forno, com um cheirinho cuja recordação consegue minorar os meus desgostos, a minha avó pegou no mais bonito e pô-lo de parte. Depois preparou o nosso pequeno-almoço de leite, café, manteiga, queijo e doce de ginja caseiro e cortou fatias de um pão bem escolhido (não o que tinha posto a arrefecer) e deliciámo-nos com a melhor refeição de que tenho memória, repetida todas as

quintas-feiras com o mesmo ritual, enquanto duraram as férias nos Alcatruzes.

Acabado o fartíssimo pequeno-almoço (só a maneira como a manteiga derretia no pão quente me faz salivar, passados estes mil anos) a avó Adelaide foi buscar uma toalha alvíssima de linho com uma barra de flores de canutilho, embrulhou o pão já morno e perguntou-me se queria acompanhá-la à igreja.

Eu quis.

Pensei que fosse oferecer aquele pão ao padre mas para isso já ela levava um açafate com três outros bonitos pães.

O padre abençoou aquele pão especial, rezou connosco, agradeceu a oferta e voltámos para casa. A avó colocou o seu precioso embrulho sobre a cómoda do quarto onde uma lamparina ardia junto a uma ingénua litografia do sagrado coração.

Almoçámos pão com queijo porque não havia hipótese de ter apetite para mais, limpámos e arrumamos a casa cuidadosamente e por volta das cinco da tarde começaram a chegar as amigas da minha avó, uma delas era mulher do médico da terra, outra a professora, duas eram mulheres de camponeses, frescas e rosadas, soube depois que eram irmãs, Gracinda e Adozinda.

Sentámo-nos à volta da mesa da cozinha, a minha avó foi ao quarto buscar o pão, desembulhou-o sem contudo tirar o linho debaixo dele. Colocou-o no meio da mesa e benzeu-se, no que todas a acompanharam. Eu fazia o que via fazer.

Estamos aqui reunidas para não nos esquecermos que o Senhor deu a vida por nós, começou a avó. Ele disse que o pão representaria o seu corpo e nós guardamos um pouco dessa memória quando não deixamos que o pão esteja virado na mesa, quando o beijamos quando um pedaço cai no chão, quando não o cortamos com a faca, quando não deitamos fora o que resta e preferimos fazer com ele açordas e ensopados. Mas esquecemo-nos de verdadeiramente sentir, quando o tomamos e o partimos e o mastigamos, que estamos a fortalecer o corpo e a alma com a herança do Senhor.

Vamos pensar nisso enquanto saboreamos este pão abençoado, pedindo a Deus que não nos falte em cada dia com o alimento do corpo e do espírito, do estômago e do coração.

Partiu com as duas mãos o grande pão dourado, eu vi brilhar na luz da tarde a pedra vermelha do seu anel, distribuiu-o por todas nós e, em silêncio, de olhos fechados, comemos o nosso pedaço. Eu trinquei de levezinho, com medo de magoar Jesus.

Mastiga, querida. E saboreia. O simbolismo está na tua alma.

Na tua boca está só o pão.

Quando terminou aquele ritual mágico houve um momento de grande alegria e descontração. A avó Adelaide convidou as amigas para jantar, já iam sendo horas, elas aceitaram fingindo delicadamente surpresa e gratidão, como se aquela não fosse a rotina de todas as quintas-feiras.

Foram então buscar as cestinhas e os embrulhos que tinham deixado no arquibanco da entrada e puseram na mesa doces de gila e amêndoa, morgado de figo com gostinho a erva-doce, florados de Lagoa feitos com fios de ovos e um toucinho-do-céu.

A avó Adelaide exibiu orgulhosamente a sua vitela assada em forno de carqueja e foi à adega buscar um Lagoa tinto de se lhe tirar o chapéu. Disseram as senhoras, que eu não bebi.

Passou-se bem, esta noite. A memória trouxe-me tesouros que apesar de tudo ainda consegue guardar. Mas agora, de tão cansada, já começo a misturar lembranças que prefiro esquecer.

Encontro, nos lençóis da madrugada, um sono gasto, mil vezes dormido, debruçado sobre o mar negro dos sonhos, povoados de imagens esfarrapadas, fantasmas cúmplices, gestos estilhaçados, palavras inarticuláveis.

Donde regressarei sobressaltada para reentrar na rotina que me agasalhará como um abrigo.

III

Vi a mortezinha na minha frente! Quando o meu marido chegou cheio de vinho e me disse Lúdia, diz adeus aos teus filhos que não passas de hoje, carregou a pistola e a pausou na beirinha do pechiché do quarto... e se foi deitar a dormir no quarto dos meninos e me mandou para a cama, aí vi logo que era ele ou era eu.

E a pistolazinha ali a olhar para mim, e eu aí Jesus, o que vai ser do meu Albano Ricardo e da minha Cátia Alexandra! Ele é só porradinha que Deus me livre, o que será se eu cá não estiver para os defender.

Foi então que telefonei ao Rui, Rui tens de vir depressinha que o Albano está perdidozinho de bêbado a ressonar na cama dos meninos. Está só à espera que eu adormeça para me enfiar um balázio nos salvo seja cornozinhos, tu vem-me salvar por alma da tua mãezinha!

Esse Rui era o teu amante?

Amigo. Bem, agora vamos casar na próxima precária dele, eu apanhei dezasseis anos e ele doze. Já temos o Ruizinho com quatro anos, parece mal a gente não se casar.

E depois? Foste lá e mataste o teu marido com os teus filhos ali a dormirem no quarto?

Deus me livre! Foi o Rui. A gente é que combinou dizer ao contrário. Assim quando ele sair vai organizando a nossa vidazinha.

Que eu até queria assumir tudo sozinha, não envolver o Rui, mas a polícia não acreditou que eu tinha pegado sem ajuda no corpozinho do Albano que pesava, salvo seja, p.ra cima de noventa quilos.

Pegado no corpo?

Não podia deixar ali o cadaverzinho do pai ao lado dos meninos, não é? Eles acordaram com os tiros, mas como estava escuro eu disse que dormissem que era só a trovoadazinha e assim às escuras lá tiramos o Albano para o meter dentro do carro, eu morava num descampado, era noite, ali ao lado só a oficinazinha de consertar motorizadas, fechada àquela hora está claro, lá o arrastamos, parece que ainda hoje me doem os bracinhos salvo seja e fomos enterrá-lo lá para os montes, a dez quilometrozinhos de casa.

Quando a polícia chegou porque houve um cãozinho que deu com ele, coitadinho, eu disse logo, fui eu e foi p.ra me salvar a mim e aos meus filhos, que a nossa vida era só porradazinha a torto e a direito, ele a violar-me diante das criancinhas, a seguir-me, até quando eu ia à praça fazer as comprazinhas do dia, e sempre com a pistola no bolso.

Cada uma que chega ao nosso pavilhão conta a sua história. Já a repetiu mil vezes, no pavilhão onde passou os últimos anos, à visitadora, à assistente social, às guardas, às colegas de cela, às amigas preferenciais, já a contou até à exaustão, já acredita nela em todos os pormenores, já a interiorizou, é a versão oficial e não há outra.

A Lúdia fica a partir de agora na nossa cela onde até aqui eu e a Ilda temos tido o privilégio de sermos só duas, situação rara, dada a sobrelotação do E. P. A Ilda refilou imenso, rosou alguns palavrões, a cama dela teve de ser afastada para caber uma terceira, mais a maleta da Lúdia, três sacos de plástico e os inevitáveis bonecos de peluche.

Foi depois daquelas inesquecíveis férias em casa da avó Adelaide que eu tentei fugir por cima da grade que dava para a fundura da rua e fui parar ao Hospital da Estefânia com uma septicemia e um pulso partido.

Tinha começado logo a discussão com a minha mãe, vens gorda!

Era a única coisa que em ti se aproveitava era teres saído a mim na magreza, agora vens aí com umas trancas e bochechas ainda por cima. Encheram-te de enxúndia de galinha ou isso é da vida regalada das

capoeiras?

Eu, que vinha tão magra como sempre fora, apenas com melhores cores e mais saúde, comecei a dizer-lhe que nem que ela se esmifrasse toda havia de chegar aos calcanhares da minha avó. Que ali não me sentia em casa mas só de passagem e que ia voltar para os Alcatruzes, para criar galinhas sim senhora e tentar ter algum respeito por mim própria.

Então a Lina deu-me uma estalada, ainda estás em muito boa idade de apanhães, já vi que a galinheira te virou contra mim e olha que é preciso ter muito sangue plebeu para gostar de miúdos de fricassé.

Quando o meu pai chegou do ensaio, para onde tinha ido directo assim que me deixou em casa, estava eu fechada no quarto em lágrimas a gritar através da porta trancada que não tencionava descer para comer o jantar possidónio dela.

Jantar quê?

Possidónio. Copiado das revistas. Falsificado.

Claro, tudo o que não seja açorda de petinga ou espinhata de atum não dá bons arrotos à moda de Alcatruzes, não é?

Então eu abri a porta e fingi que estava calma, olhe mamã, foi a mamã que me mandou para lá, não foi? Então agora não se queixe se eu for para lá viver de vez. A bem ou a mal.

Altino Gaspar, anda ver o que a tua mãe nos fez a esta desgraçada que agora até a comida da nossa mesa, dada e arregaçada, ela intitula de possidónia.

Eu fui logo chorar para os braços do meu pai, papá, leve-me por amor de Deus para casa da avó Adelaide, não estou aqui a fazer nada já que nem sequer me deixam entrar para o ballet.

Eu sabia! Eu sabia que isto era tudo por causa do maldito ballet! Não queres jantar não jantes a ver se eu me ralo, desceu a Lina as escadas a mandar, aos gritos, pôr a sopa na mesa.

Para que é que discutes com a tua mãe, já sabes como ela é.

Vá, limpa essas lágrimas e vem para a mesa que deves estar com fome.

Sim, papá.

Fui lavar a cara e quando desci as escadas aproveitei a circunstância de eles estarem na casa de jantar para me pirlar pelo jardim e dar o salto que, na minha ideia, me havia de levar aos Alcatruzes. Mas aquilo era mesmo muito alto. Fiquei encavalitada nas grades com a coxa furada acima do joelho, desequilibrei-me, felizmente para o lado de dentro e caí em cima do pulso esquerdo.

O que verdadeiramente me doeu foi o vexame de ter de voltar para trás.

Cassandra Rosa era uma jovem linda e ingénua que ansiava por ajudar seu pobre pai. Sua mãe morrera ao tentar estender as calças dele, que diariamente lavava, na varanda das águas-furtadas cuja grade cedeu; seu pai, na tentativa de a agarrar, caíra junto e ficara entrevadinho. Sim, querida leitora, o pai de Cassandra Rosa estava numa cadeirinha de rodas.

Valia-lhe aquela filhinha maravilhosa que ao completar dezoito primaveras pediu à vizinha Caridad algum dinheiro emprestado para comprar o jornal e se pôs a procurar emprego.

Quis o destino que seus passos a encaminhassem para a grande empresa de cimentos de Orestes Fernando, um dos homens mais invejados da alta sociedade de Miami. Sim, Orestes Fernando era belo e rico, embora o seu passado guardasse alguns segredos que todos ignoravam.

Quando Cassandra Rosa falou com a recepcionista, esta disse-lhe que teria de esperar várias horas para ser recebida por uma secretária, sim, Cassandra Rosa teria de esperar várias horas, mas estava disposta a todas as humilhações para ajudar seu pobre pai entrevadinho.

Quando, três dias depois, os meus pais admitiram que a perna estava infectada e o pulso partido, ambos igualmente inchados mas com cores diferentes, levaram-me para o hospital, o que a minha mãe considerou um bocado plebeu, mas garantiram-lhe que ali é que era bom.

Devo-lhe, coitada, essa cedência aos seus firmes princípios: hospital era ordinário, clínica é que era fino.

Eu gostei. Quando a febre baixou podia fingir que dormia e ficar ali a recordar as minhas maravilhosas férias, a pensar nos ensinamentos da minha avó, nos passeios até à azenha onde estava sempre tão fresco, as investidas nas capoeiras com todas aquelas asas a baterem à minha volta, a sensação do ovo ainda quente na cova da mão, o sabor dos doces de ovos e o cheiro, entre todos sublime, do pão delicioso e místico das quintas-feiras.

Ao contrário do que a minha mãe pensava, a avó Adelaide nunca, em momento nenhum, censurou fosse o que fosse à frívola Lina que lhe roubara o filho no sentido literal do termo. Referindo-se ao casamento, disse que o filho, quando casou, era um homem, com todo o direito às escolhas do seu coração. Achava natural que a Lina, nascida e criada em Lisboa e sem nenhuns antecedentes campestres, se aborresse na província, uma mulher tão elegante, nem condizia com o ambiente rude dos Alcatruzes. Ao todo vira-a duas vezes, no dia do casamento e naquele mal sucedido fim-de-semana. Mal a conhecia mas sentia o filho muito preso à mulher e ainda bem, por isso era normal que pouco a visitasse.

Este pouco era nunca e eu abstei-me de contar as cenas que havia lá em casa quando, pelo Natal ou pela Páscoa, o meu pai alvitrava timidamente que fôssemos passar as festas a casa da avó Adelaide. De miúdos de fricassé a cagadelas de galo vinha a arenga toda, dava mais uso à boquilha do que era costume, até o meu pai se ir fechar no escritório a estudar o solo de contra-fagote que um dia havia de tocar, para confusão e vergonha da sardónica Lina.

Apesar deste incidente ter prejudicado a abertura do ano lectivo, pois só fui às aulas passado um mês, ainda de braço ao peito e a coxear (o que, diga-se de passagem, restabeleceu um pouco a minha reputação), passei de ano com as melhores notas de sempre. O meu objectivo não era ser boa aluna mas pedir como prémio o castigo do ano anterior.

Só podes estar a gozar connosco, disse a minha mãe. Ou então és masoquista e estás a fazer tirocínio para freira. Mas queres ir, não queres? Óptimo. Tínhamos programado levar-te a França para fazer a ronda dos castelos do Loire, um saltinho a Paris para compras, mas já que não te interessa, o teu pai leva-te aos Alcatruzes e nós partimos no dia seguinte. Diverte-te!

Foi assim que perdi, por amor à minha avó Adelaide e também por uma teimosia adolescente difícil de justificar, sucessivos passeios a Espanha, Norte de África, Itália, Grécia e até Londres, que na época era o paraíso da gente nova. Pensava que tinha a vida inteira para fazer essas viagens e sendo mais velha até havia de apreciá-las mais. Paciência. Não tinha que ser.

Ia feliz para os Alcatruzes e era sempre com enorme alegria que reencontrava a limpeza, a harmonia, o silêncio imutável do meu quartinho azul, os cheiros da casa, a pão, a figos secos, a presunto, a alecrim, e os sabores da mesa farta, a lumes de carqueja e a temperos de ervas. E, logo à entrada, a minha avó.

Com os seus aventais de risquinhas, os brincos antigos de pedrinha vermelha, o sorriso aberto que lhe franzia os olhos negros, os cabelos fartos, cada ano mais brancos, esticados com água de rosas por cima das orelhas, a voz mansa, os rituais de amor.

Foi num desses tranquilos verões algarvios que conheci a Berta.

A Ilda Grandalhona, talvez entusiasmada pelo relato do homicídio da Lídia, sentou-se na cama e disse, já sei que aqui na cadeia são todas inocentes, mas eu sou culpada. Eu e a dona Zulmira. Não

precisamos de dar homem por nós, amante, vizinho ou filho que nos ajudasse, matamos os nossos maridos porque foi preciso, voltaríamos a matá-los se preciso fosse, é um crime, pagamos de boa vontade, sim senhora, mas não estejam à espera que a gente se arrependa. Falo por mim. Mas sei que a dona Zulmira dirá o mesmo no que lhe toca a ela. Onde é que já se viu. Nós somos mulheres, não somos animais, e há um limite para o que se pode aguentar a um filho da puta que, ele sim, era um verdadeiro bicho do inferno. Eu, que casei purinha, nem sequer um beijo tinha dado a homem nenhum, fui logo na primeira noite obrigada a fazer-lhe tudo o que lhe faziam as pegadas da beira das estradas por onde ele passava com a camioneta. Bateu-me, porque eu não sabia o que ele queria. Bateu-me, violou-me pela frente e por trás, andei dias a sangrar e ele sempre a forçar-me àquilo tudo.

Ao fim duma semana eu disse que não aguentava mais, desatei aos gritos, na esperança que algum vizinho me acudisse, foi buscar a arma que sempre trazia na camioneta, disse que arrebatava os cornos ao primeiro que se chegasse à porta e a mim, se não me calasse. Tive vergonha de contar isto à minha mãe, ao meu pai muito menos, entretanto fiquei grávida e pensei que o menino melhorasse as coisas. Os primeiros meses foram um inferno.

Meteu-se-lhe na cabeça que eu metia homens em casa quando ele ia levar cargas para fora, às vezes cinco ou mais dias, começou a dizer que o menino não era dele, só me tratava por minha puta, rameira, barregã, eu já não tinha mais lágrimas para chorar, até pontapés na barriga levei.

O menino nasceu com quase cinco quilos, tiveram de me cortar, levei catorze pontos naturais e três dias depois quando voltei para casa, parida que mal podia andar e sentar-me era só de lado, obrigou-me a fazer tudo com ele, eu achei que ia morrer com as dores serem tantas e só dizia, ai o meu menino, o que vai ser dele.

Eu lhes conto o que foi dele. Quando o menino chorava de noite ele dizia se não o calas mato-te, apontava-me a arma à cabeça, eu com a criança no colo, tinha de lhe dar o peito a noite toda, não dormia, andava de rastos, quis levar o bebé para a casa da minha mãe, isso é que era bom, se dizes que o filho é meu para que é que o queres levar daqui para fora.

Um dia, estava eu a cortar presunto da peça para lhe fazer umas sandes, desabotoou-se, quis que lhe fizesse lá as porcarias das putas dele, eu neguei-me, agora não, bate-me se quiseres, mas está na hora do banho do menino, já o oiço chorar.

Então ele foi ao berço, trouxe-o pendurado por um pé, estou a vê-lo, hei-de vê-lo sempre sempre, encostado à parede, todo descomposto, a dar-me pontapés para me fazer ajoelhar, ou fazes ou deixo-o cair, despacha-te, que remédio, na hora de se vir deixou cair o meu filho com a cabeça no chão, o bebé ficou ali todo cinzento, como morto.

Nem pensei duas vezes. Agarrei na faca do presunto e espetei-lha como uma doida, dezoito vezes, contaram eles, e só parei porque vi o menino mexer, no chão de pedra da cozinha, onde ele também já estava caído, num mar de sangue.

Eu queria contar isto no tribunal, mas o advogado disse que me calasse, que ainda me iam acusar a mim, se o menino morresse, de me ter querido ver livre dos dois numa loucura só.

A Ilda Grandalhona calou-se, nós calámo-nos, com vontade de perguntar se o menino tinha vivido, mas a cara dela tinha uma expressão tão desamparada que soubemos a resposta muito antes de a ouvirmos dizer, ele matou o meu menino, eu matei-o a ele, alguém pode esperar que eu me arrependa?

O mesmo não aconteceu à menina da Cassandra Rosa, que foi engrossar a nova geração da ilustre família Fernando, dos Fernandos de Miami, rodeada de babás, rocas de ouro e chambres de rendas, graças aos bons ofícios da esposa estéril do vil Orestes.

Quando Cassandra Rosa saiu da prisão, onde a tinha levado uma intriga bem urdida pelos malfeitores

que rodeavam o negociante de cimento e outros pós, comprou uma cabeleira loura, pôs lentes azuis nos olhos castanhos, mudou de visual e passou a chamar-se Xarita Carmen.

E, bem entendido, voltou à empresa onde ninguém a reconheceu, e onde o seu súbito gênio empresarial a levou a ser sócia majoritária, viajou para Los Angeles onde desencantou o paizinho entrevado, curou-o e, com o tempo, veio a casar a filha com um príncipe russo. O Orestes Fernando, arruinado e desacreditado, foi ainda escorraçado pelos cães quando pretendia assistir ao casamento do século.

A Berta era neta de um falecido primo do meu avô e disseram-me que era minha prima. Mas na realidade não era. Ela tratou de me contar que era só enteada do filho do primo e que a mãe a tinha tido de pai desaparecido muito antes de receber o apelido Gaspar.

Estava de férias na aldeia com a mãe (nunca percebi onde é que parava o padrasto) e aparecia muito lá por casa. Era arrapazada, fazia maldades às galinhas, corria atrás de mim com molhos de urtigas para me ver com brotoeja. E já não tinha idade para nada disto. Eu tinha catorze anos, ela teria dezoito, mas parecia que lhe faltava um parafuso, tais eram os disparates que dizia e fazia constantemente.

A avó Adelaide, mal nos dava a merenda, começava logo a perguntar-lhe se não seria melhor ir para casa, que de repente se fazia noite e ainda eram uns dois quilómetros a pé.

Noite? Qual noite? às dez da noite é dia e eu estou à espera duma pessoa que me vem buscar.

Essa pessoa nunca veio. Supúnhamos que seria um namorado e que se encontrassem pelo caminho.

Mas um dia, incrédula do que os meus olhos viam, encontrei-a ao pé da azenha, enrolada com uma rapariga cigana.

A outra fugiu mas ela, com um descaramento insolente, pôs-se a vestir as calças e a perguntar se eu não gostava de experimentar em vez de estar ali de mirone.

Sei que não vais contar à avozinha, disse ela, porque nem sabias que nome dar ao que presenciaste. Não tem mal nenhum e é muito divertido. Fácil e prático. As mães, que andam sempre a enxotar os namorados, acham muito natural que a gente fique em casa das amigas, durma com elas e o melhor de tudo é que não se fica grávida.

Cala-te, disse eu. Não aguento mais os teus disparates. E não voltes a aparecer em casa da minha avó Adelaide, que não te é nada e não tem obrigação de te aturar.

Efectivamente nunca mais vimos a Berta. Nem ouvimos falar dela até ao dia, anos mais tarde, em que recebemos um convite para o seu casamento.

Aliviada, disse aos meus pais que gostava de assistir.

Por essa altura já algumas coisas decisivas tinham acontecido na minha vida. Uma delas foi a doença do meu pai, que começou a andar cada vez mais triste e calado como se algum desgosto o consumisse por dentro.

O que foi, papá?

Nada, Lili. Dei agora para me lembrar dos tempos do teatro amador, quando toda a gente da terra se mexia para emprestar os adereços de cena, mobílias e tudo, e como as mulheres faziam serão para terem o guarda-roupa pronto para a estreia e o que nos ríamos com os enganos nos ensaios e os trocadilhos que arranjávamos e que só nós percebíamos, e os nervos, e o Ruivo que ficava com dor de barriga e ia de fralda para cena com medo do que pudesse acontecer e as ceatas que a tua avó preparava porque eu e o teu avô nem comíamos, durante o dia todo, de tanta excitação.

Sempre pensei que esses dias voltassem e que tu fizesses parte deles mas nunca consegui dobrar a tua mãe, não gosto de a contrariar, ela tem lá os seus princípios, temos de a respeitar tal como é.

Que diriam as minhas companheiras de cela, que dos maridos só receberam pancada e maus tratos, se

ouvissem dizer que um homem recalçou os seus sonhos para respeitar a vontade da mulher. Pena que a minha mãe soubesse tão pouco do mundo e não tivesse termo de comparação para apreciar a diferença.

O certo é que o meu pai, que ainda não tinha cinquenta anos, começou a ter algumas dificuldades nos movimentos, caía muito, até nas escadas tropeçou uma vez, e os médicos diagnosticaram-lhe miastenia, uma fraqueza muscular que poderia vir a revelar-se grave.

Quando a minha mãe me explicou isto, não pode deixar de pensar, com alguma maldade, que tinha sido ela a tirar-lhe a força da alma e do corpo.

às vezes, naquela hora crepuscular entre a vigília e o sono, onde as imagens ainda não pertencem ao sonho mas já não são realidade, a Laura aparecia no meu quarto, que tinha sido dela, e sentava-se a falar comigo aos pés da cama. Fazia-me, como a esfinge, três perguntas difíceis. De que cor é a tua vida, era a primeira e eu dizia azul, errado, abanava ela os caracóis louros, que missão te entregaram, dançar, não, tens que acertar a última, quando vais para cozer o pão, como é que sabes que o forno está quente nem demais nem de menos.

Esta eu sabia e já podia dormir bem depois de responder, ponho as duas mãos no chão do forno e, com muita vontade de as retirar, digo uma Avé-Maria descansadamente e não as queimo. Aí o forno está no ponto, nem de mais nem de menos, e a minha avó Adelaide pode meter o pão, que há-de sair dourado e estaladiço com aquele cheiro pelo qual era capaz de morrer.

Certo, dizia a Laura. Certo, certo, certo, e também hás-de aprender de que cor é a tua vida e que missão te entregaram, a minha era bonita mas não a pude cumprir, era ser médica e salvar pessoa, mas alguém algures baralhou as fichas e trocou-me por esta, de assombrar a casa e falar contigo sem palavras ditas.

Porque precisas muito da minha companhia, porque não sabes a tua missão e porque a tua vida não é azul.

Não era azul e a minha missão não era dançar, nisso estava a Laura coberta de razão, um dia em que a nossa criada das limpezas tinha espalhado cera no hall de entrada mas ainda não tinha puxado o lustro, eu fiz um grand jeté mais ambicioso e parti as duas pernas, numa o perónio, noutra a tibia e o fémur, com fractura exposta e infindáveis meses de hospital.

IV

Com os anos vim a perder o apóstrofo de Sant.ana, nem fazia sentido andar, neste naufrágio que tem sido a minha vida, a estrebuchar agarrada a um apóstrofo, quando tudo o resto já foi por água abaixo. O apóstrofo é uma espécie de símbolo desta sucessão de perdas que até hoje me vem acompanhando.

Parece, pois, que esta noite estou a ser capaz de enfrentar uma época que a minha memória costuma recusar, não porque ela contenha as maiores mágoas da minha existência, mas por guardar, talvez, a semente de muitas que lhes sucederam.

A verdade é que, quando saí do hospital, coxeava tanto que me recusei a voltar à Faculdade onde tinha iniciado um curso de Farmácia que a minha mãe achava bonito e com futuro e onde finalmente os meus modestos dotes para a Matemática, a Física e a Química, poderiam ter alguma aplicação.

Fiquei completamente anti-social. Se fosse hoje, diriam que estava com uma depressão e haviam de medicar-me em conformidade, mas naquele tempo achava-se que essa atitude era a natural adaptação ao meu novo e provavelmente passageiro estado de aleijada.

Foi por isso que lá em casa estranharam tanto quando eu disse que gostava de ir ao casamento da Berta, era uma prova difícil exhibir a minha deformidade perante uma assembleia de pessoas alegres e bem vestidas, sem paciência para tudo o que não fosse gente como eles, do seu meio e da sua cartilha de códigos.

Sabendo isso, levei as canadianas, que apontavam para um acidente ocasional, o que foi, caí em casa, pois é, que estupidez, o maior número de acidentes dão-se em casa, sabias?

Parece que sim, mas isto não é nada, estou quase boa.

Escolhi o casamento para aparecer em público, exactamente por ser um acontecimento pontual, muito diferente de ir para as aulas dia após dia, ano após ano e todos perceberem que o meu aleijão era irreversível. Não consegui enfrentar isso, portanto fiquei ainda mais burra e menos preparada do que estava previsto.

No casamento da Berta, que foi muito bonito, com direito a missa cantada, copo-de-água cinco estrelas e visita guiada à corbeille dos noivos, aconteceram algumas coisas que viriam a revelar-se importantes.

Uma amiga de uma amiga do noivo indicou-me um centro de fisioterapia onde poderiam fazer milagres pela minha perna. Uma prima dela tinha tido um acidente idêntico ao meu e recuperara graças à competência quase milagrosa de um jovem chamado Miguel, sim, logo outro convidado disse que conhecia o Miguel. O meu irmão partiu as pernas num

desastre de moto e graças a ele ficou bom, Estão a falar do Miguel? Do centro de recuperação? Sim, sim, é o máximo, um colega meu tratou-se com ele depois de ter caído do cavalo, partiu a perna e...

De repente todas as pessoas do mundo tinham partido as pernas e todas se tinham recuperado graças à eficácia, à sabedoria, às mãos abençoadas do Miguel Chan, um sino-português de, pelos vistos, inusitados recursos.

Tomei boa conta deste precioso contacto e de repente fiquei muito alegre, ansiosa por chegar a casa e contar ao meu pai.

A minha mãe, cheia de vergonha de ter uma filha feia, estúpida e agora ainda por cima coxa, tinha feito o possível por manter o acidente ao nível doméstico e tudo o que fosse procurar ajuda e indagar de possíveis tratamentos, era tornar público o que ela tão cuidadosamente tentava esconder.

Ainda me diverti um bocado no casamento, bebi líquidos a que não estava habituada, comi tudo o que a Lina me proibia, a minha figura (agora prejudicada pela perna torta) era tudo o que se podia salvar deste estropício chamado, ainda por cima, Cordélia.

Quando os noivos subiram para mudar de roupa, formou-se, numa sala com lareira, uma roda de gente despreocupada, sentada no chão, que fazia passar de mão em mão uns cigarritos com mau aspecto e foi assim que fumei o meu primeiro charro.

Não me senti muito bem, ninguém reparou quando me levantei para ir à procura do meu casaco, numa casa desconhecida não é invulgar abriremos a porta errada e foi o que me aconteceu. Em vez de entrar no quarto onde guardavam os abafos, entrei naquele onde a noiva se vestia, mas ela estava tão absorta que não deu por mim.

A Berta, de roupa interior cor de pérola, toda rendas e cetins, abraçava e beijava uma rapariga magrinha desfeita em lágrimas. Não chores Zézinha, vais ver que assim é muito melhor para todos, eu nunca te vou deixar, vamos ter muito mais álibis, Mas as noites, Berta, as noites, eu morro só de pensar que as tuas noites vão ser dele e não minhas...

Encostei a porta e na ponta das canadianas fui buscar o casaco de mouton doré que a Lina me obrigara a usar.

O Miguel Chan tinha olhos de chinês, corpo de atleta e mãos de mago e disse-me, com um sorriso que era um selo de garantia, que ia ficar completamente boa, desde que não faltasse a nenhuma sessão e fizesse os tratamentos até ao fim.

Hoje tenho a certeza de que me apaixonei por ele nesse primeiro dia, por causa desse primeiro sorriso e das mãos com que me observou, com que sentiu os meus ossos maltratados e os meus músculos atrofiados, por causa do estreito olhar com que intuiu da minha auto-estima feita em cacos e da minha pouca fé.

Animou-me de todas as maneiras possíveis, falou-me de outros casos, contou-me piadas, disse que gostava dos meus olhos castanhos que eram olhos de quem não se deixa abater.

Lembro-me de pensar que ele era um bom profissional mas que não valia a pena perder tempo comigo, não disse nada para não parecer desagradável e para que ele não tirasse as mãos das minhas pernas antes do tempo ilimitado que mentalmente lhe estava a conceder.

Cedo de mais ajudou-me a calçar as meias que eram de lã grossa porque desde a queda tinha sempre os pés gelados. Agora estavam quentes e até achei desagradável calçá-las e os sapatos ainda por cima.

Quando combinámos as sessões de tratamento ele percebeu, por tanta disponibilidade, que eu não tinha nada que fazer, ralhou docemente comigo por eu ter abandonado o curso, explicou-me que isso não fazia sentido e eu prometi que no próximo ano lectivo havia de recomeçar. Teria prometido qualquer coisa, tão pouco habituada estava a que um desconhecido se preocupasse com os meus problemas.

O meu pai nunca havia de tocar o seu solo de contra-fagote.

A doença atacou-lhe os músculos da cara e nunca mais hei-de esquecer o dia em que guardou para sempre no seu estojo o seu querido instrumento prateado.

Com o marido e a filha doentes, ambos à beira da invalidez, a Lina saía ainda mais, para as suas canastas, os seus chás de caridade, as suas visitas às amigas, tinha um discurso impaciente a passear a boquilha para cá e para lá enquanto se arranjava e andava pela casa e dava ordens às criadas e fazia o ponto da situação.

Nunca tive jeito para enfermeira, toda a gente sabe, não tenho a culpa se vocês se tornaram incapazes. Lili, procura aí a minha lima que eu parti uma unha. E mexe-te, não te desculpes com a perna porque se podes ir ao chinês três vezes por semana também podes ver onde é que meteram a minha lima, não é a de metal é a outra. Se pudesse andar com os dois às costas, andava.

Mas não posso, pois não? Peso quarenta e oito quilos, até os colares me fazem doer a coluna, quanto

mais os trambolhos em que vocês se tornaram. Já é azar, eu, que odeio gente doente, ter que levar não com um, mas com dois inválidos. Tenho que sair, desculpem lá, Lili, moda as coisas para a minha carteira castanha de crocodilo, se não saio, daqui a pouco estou eu a entrar em parafuso e depois quero ver quem é que vos trata, quem é que mantém esta casa a funcionar, quem é que põe um pouco de ordem neste caos que vocês espalham, um coxo outro manco, estão bons um para o outro e eu que vos ature.

Voltava trinta vezes atrás para continuar o seu monólogo a que não conseguia pôr um ponto final, como se nenhuma frase fosse suficientemente forte para provar o seu ponto de vista, andava à roda das mesmas ideias, esquecia-se da cigarreira de prata, depois dos comprimidos para a dor de cabeça, depois do lenço, depois o lenço não tinha aquela gota de perfume indispensável, depois a culpa era minha que não sabia preparar uma simples mala de senhora, coisa que tu nunca hás-de ser, Lili, com essa vocação para galinheira, como é que podes algum dia ter pensado em ser bailarina, as bailarinas são criaturas etéreas, finas, que pisam sobre nuvens, já estou atrasada e a culpa é vossa.

Esta pareceu-lhe boa para rematar. Agora, como eu já não podia ter veleidades em relação à dança, as bailarinas tinham passado de coristas ordinárias a criaturas etéreas, era o género de maldade em que a Lina era especialista, esperava que ela nunca se atrevesse a dizer ao meu pai qualquer sarcasmo sobre a sua crescente dificuldade em tocar o contra-fagote porque aí perdia eu a compostura, o respeito e a reverência filial e dava-lhe uma tarefa que a faria entrar para o nosso clube de incapacitados.

Não liguês, disse o meu pai.

Pegou no instrumento e tentou tocar. Em vez de sons coerentes, da sua boca saiu um estertor, um soluço, dos seus olhos duas lágrimas que lhe correram tão rápidas pela cara que, se eu não estivesse a fitá-lo na maior aflição, nem as teria visto.

Deixe lá, papá, outro dia experimenta, hoje está muito cansado.

Ele abriu o estojo, guardou o contra-fagote e disse-me com a voz nasalada, a boca a salivar e a língua presa, Esconde-o, que a mim, só me resta morrer.

Noite. Lugar de mágoas e remorsos, saudades e rancores, pedras na consciência e penas no coração. A noite traz os demónios da memória, deixa-me à sua mercê, num combate desigual com o acontecido de que só o sono me pode salvar.

O dia é diferente. Hoje, no tear, correu-me bem. Terminei os seis metros da encomenda, amanhã é dia de montar a teia para um novo trabalho. Há uma alegria atávica no labor manual das mulheres que nasce, como a obra, dos dedos nus, da alma vaga, de um sonho por achar.

Vinha a cantarolar quando cheguei à cela e a Lídia disse, esteve aí a Arminda Canivete, deixou um livrozinho, diz que é muito bonito e que tu, com a insoniazinha, já tens com que te entreter, que isto não é bom a gente ficar a noite toda às voltas com a vidazinha da gente, é o que me acontece quando me falta o valiunzinho, é por isso que eu nunca tenho sabonetes nem a coloniazinha que a minha mana me traz, troco tudo pelas pastilhazinhas, que sem elas passo as noitezinhas inteiras a ver o mesmo filme, enrola e torna a passar, o filmezinho salvo seja do Albano todo mortozinho, cheiozinho de chumbo e sonho que o estamos a enterrar e que ele abre os olhos e me encara e começa a rir com a dentadurazinha salvo seja afogada em sangue, ó Lídia tu pagas-me, vai lá buscar a pistolazinha se queres ver os teus miolozinhos a voar.

Com o seu vocabulário muito próprio, a Lídia consegue pintar um quadro que até a mim me fica na retina da imaginação. Para o afastar pego no livro, que se chama O Regresso de Nina Genoveva, e logo pelo aspecto, muito manuseado, sujo, com um par abraçado na capa, a mulher de longos cabelos e brincos pendentes, o homem de grande bigode com a camisa aberta e anéis nas duas mãos, me dá uma certa náusea de mim própria, por ser capaz de lhe pegar e, ainda por cima, de o ler.

Começo a forrá-lo e a Lídia diz, fazes bem, com tanto microbiozinho que anda por aí, de doenças que

Deus me livre...

Nina Genoveva era uma jovem linda e ingénuas que ansiava por ajudar sua pobre mãe. Seu pai morrera quando, durante um furacão, o telhado de zinco da barraca lhe decepara a cabeça; sua mãe, na tentativa de o salvar, levou também com um destroço e ficou surdinha. Sim, querida leitora, a mãe de Nina Genoveva era surdinha e foi despedida do armazém de secos e molhados onde era telefonista. Valia-lhe aquela filhinha maravilhosa que ao completar dezoito primaveras pediu à vizinha Natividade algum dinheiro emprestado para comprar o jornal e se pôs a procurar emprego.

Quis o destino que os seus passos a encaminhassem para a grande empresa de motéis e discotecas de Aristides José, um dos homens mais ricos da alta sociedade de Miami. Sim, Aristides José era belo e invejado, embora o seu negócio escondesse alguns segredos que muitos ignoravam.

Quando Nina Genoveva falou com a recepcionista, esta disse-lhe que teria de esperar várias horas para ser recebida por uma secretária, sim, Nina Genoveva teria de esperar várias horas mas estava disposta a todas as humilhações para ajudar sua pobre mãe surdinha.

A noite começou assim. Primeiro li em voz alta, para ajudar a Lídia a esquecer o seu filmezinho interior, mas ainda a Nina Genoveva estava sentada na recepção à espera do Aristides José e do seu bigode, já ela dormia profundamente, com a mesma mansidão com que empregava os diminutivos, adoçando as palavras mais cruas, para não agredir ninguém.

A fisioterapia passou a ser o centro da minha vida. O Miguel recebia-me de braços abertos, eu esfregava o nariz no seu ombro, na bata branca a cheirar a lavado e a lavanda, dizia cheiras bem, ele olhava-me bem no fundo nos olhos, como é que está hoje a minha coxinha preferida, beijava muito ao de leve a minha face de cor moreno-encardido e passávamos para os aparelhos, os exercícios, as massagens, às vezes doía muito mas eu sorria apesar das lágrimas, ele gabava a minha coragem, aumentava como prémio o tempo da massagem que era o momento alto do tratamento. à noite, na cama, recordava cada palavra, cada gesto, cada inflexão de voz e a sensação exaltante das suas mãos nas minhas pernas, o calor daquelas palmas a que atribuía fluidos curativos e um dom inequívoco para o milagre.

Já coxeava muitíssimo menos ao fim de seis meses de tratamento. Havia um gesto um pouco mais lento no tempo certo de levantar o pé direito, um arredondar da anca na passada, a que faltava simetria. Mas o Miguel jurava que eu ia ficar boa porque era a mais aplicada de todos os seus doentes.

Um dia, não sei bem porquê, lembrei-me de ir visitar a Berta.

Tinha uma casa muito bonita e o marido (engenharia, negócios, políticas, viagens) mantinha-a num alto nível de vida, já que a Berta era desocupada e contente de o ser.

Recebeu-me com uma euforia desproporcional às nossas relações pretéritas, por um momento achei que ela me tinha visto quando a surpreendi a beijar a Zézinha porque me pareceu excessivo o esforço que fez para captar a minha simpatia, quem sabe a minha cumplicidade. Mostrou-me a casa, o enxoval, os serviços de jantar, as toalhas de renda, as panelas inox, a despensa com folhinhos nas prateleiras, com recorte e legumes impressos a encarnado.

Tomámos um chá memorável, servido por criada fardada a cetim preto e avental de bordado suíço, scones, compotas inglesas, bolo caseiro e manteiga sem sal.

Difícil imaginar jovem esposa mais adaptada à sua condição de dona de casa perfeita, a Lina teria

aplaudido esta forma brilhante de receber, já que ela própria, por causa dos nervos em franja, nunca atingira esta soberba descontração.

Eu pensava que a Berta nem me tinha visto no casamento (excepção feita para o pequeno incidente) mas a primeira coisa que disse, foi, que bom, já largaste as canadianas, estás fantástica, já não coxeias nada e estás muito mais bonita, aposto que anda paixoneta por aí.

Não sei como, dei comigo a falar-lhe do Miguel, ela apoiou-me imenso, vai em frente, mostra que estás receptiva, não há nada que chegue ao primeiro amor, eu, com o Manecas, foi assim uma loucura à primeira vista, o meu primeiro caso de verdade, tu até sabes que eu tinha outras tendências, que disparete, hoje pertence tudo ao passado, até me dá vontade de rir, como é que eu imaginei que podia viver sem o amor de um homem.

Na minha cabeça passava com insistência a imagem da Berta em trajes menores a sussurrar juras eternas à magrinha lavada em lágrimas, mas pensei, o marido regenerou-a, mostrou-lhe outros prazeres, quem sou eu para pôr em dúvida o que me está a dizer, ainda por cima vejo-a tão feliz e ela, com o feitio que tem, é suficientemente desassombrada para me fazer confidências, até impudicas, se fosse caso disso.

à despedida reiterou o seu apreço por mim, pediu-me que voltasse muitas vezes, que a considerasse uma amiga, que contasse com ela se alguma coisa me corresse mal, conflito de gerações ou amores contrariados.

O meu pai suicidou-se por não poder tocar o seu contra-fagote.

Conforme deixou dito num bilhete, fê-lo enquanto tinha força muscular para pegar na pistola, eu nem sabia que havia uma lá em casa, fê-lo da maneira mais horrível, a minha mãe nunca lhe perdoou esta falta de decoro nem o facto de ter estragado o damasco das paredes e das cortinas do escritório com todo o interior da sua atormentada cabeça.

A Lina ficou completamente histérica, foi preciso levá-la para uma clínica de repouso, as amigas trataram disso porque a mim ela não queria nem ver, começava aos gritos quando eu me aproximava, então telefonei ao Miguel a contar o sucedido e a explicar que ia faltar aos tratamentos durante algum tempo e fui refugiar-me em casa da avó Adelaide.

Foi ela, quando veio ao funeral, que me pediu que a acompanhasse aos Alcatruzes, eu era a única pessoa com quem podia conversar horas a fio sobre o filho, ou guardar o mesmo silêncio, ou chorar, ou rir das recordações antigas do teatro de amadores e da música no coreto.

Mas foi a avó que me ajudou a mim, que não teria sabido suportar a ausência dele naquela casa, a visão da porta fechada do escritório, o ar onde não vibrava o prodigioso solo de Telemann.

Esta é a pior recordação da minha vida, uma das que eu evito a todo o custo, mas parece que não poderei sair daqui para o nada que me espera, sem fazer a via sacra de todas as mágoas, sofrer outra vez todas as dores e humilhações, nesta febre de rememorar que me devora as noites e não me ajuda a compreender.

Se ao menos o sono viesse...

Enquanto Nina Genoveva se interrogava na maternidade sobre a razão por que Aristides José, dos Josés de Miami, não vinha vê-la e chorar com ela o nado-morto comum, a esposa do vilão, Cleópatra, exultava de alegria com o menino que acabava de assegurar que não deixariam a herança por mãos alheias. Sendo estéril, Cleópatra guardou bem o segredo e com a ajuda da sua camareira de confiança foi dando forma à barriga postiça que começara a usar seis meses antes, já que o esposo lhe garantira que, em determinada data, poderiam fingir que dera à luz.

Contou-lhe que estava a negociar a compra de uma criança de pais muito pobres que, não tendo meios

para o criar, o venderiam de boa vontade e assim foi.

A pobre Nina Genoveva não sabia o que pensar, Aristides José mandara a sua mãe surdinha para S. Diego donde voltaria sã, mas o que ela não sabia é que ele a tinha feito internar bem longe num asilo de velhos senis.

A infortunada Nina Genoveva vagueou por discotecas e motéis à procura do alegado esposo sem contudo Apaga a luz, Guita Coxa.

Sim, guarda Celeste.

Guita Coxa. É a minha alcunha de reclusa. Puseram-ma quando entrei no Pavilhão 1 há dezasseis anos, porque a capacidade de associação de ideias das minhas colegas não vai além disto, Cordélia-Cordel, Cordel-Guita, Coxa é o óbvio, Guita Coxa soa-lhes bem e a mim tanto me faz. Para que serve ter um nome se nem sequer tenho uma vida.

Fiquei dois meses em casa da minha avó Adelaide, mandava à minha mãe postais com vistas do Algarve que as criadas lhe levavam à clínica juntamente com os pijamas de seda lavados a seco, e que, soube depois, ela rasgava sem ler. Parece que não me perdoou eu ter ido para os Alcatruzes quando ela tanto precisava de conforto e da presença da filha querida. Disse isto a todas as amigas, que mais tarde me reprimiram, não houve ninguém, excepto a cozinheira, que pusesse uma palavra a meu favor. Ela garantiu que a Lina me tinha escorraçado com uma gritaria de louca, vejam a minha desgraça, a família que me havia de calhar, um cobarde sem nenhum respeito por mim, uma aluarada que anda metida com um chinês, tirem-na da minha frente, se lhe vejo a carapinha mato-a.

Mas para aquelas senhoras o testemunho de uma cozinheira valia menos que nada e era muito mais divertido fazer coro com a Lina e dizer mal de mim. Coitada da Lina, que pouca sorte, ficar viúva de uma maneira tão trágica. E a filha? A filha, nem dá para acreditar, assim que o pai morreu fez a trouxa e foi de férias para o Algarve.

No meu quartinho azul dos Alcatruzes apareceu-me uma vez a Laura, ou o meu coração sonhou com ela, não sei, a dizer que o meu pai estava muito, muito bem, a tocar com os anjos as suas músicas preferidas. Fiquei grata à Laura ou ao reflexo dela, contei à minha avó, ela abraçou-me com força e disse que o meu pai estaria onde o nosso amor o pusesse e que Deus é imenso e lê cada escaninho da nossa alma e do nosso pensamento e manda-nos recados que nos compete decifrar.

Comemos o pão abençoado das muitas quintas-feiras que se seguiram com o pensamento naquele pai, naquele filho, que para nós era como se estivesse sentado ali à mesa e o nosso desgosto foi-se apaziguando, aprendemos a viver com ele até se tornar numa doce ausência, numa preciosa recordação.

Neste princípio de madrugada gostaria de dizer uma oração por alma do meu pai, mas Deus ficou surdo e eu já não sei rezar.

Monto a teia, estico horizontalmente os fios entre os dois cilindros, faço-os passar nos liços das perchadas, à mesma distância uns dos outros. Depois faço passar na cala a lançadeira com o novo fio que vai fazer a trama. Os fios passam depois pelos dentes do pente fixado no batente móvel, com um movimento oscilatório em torno do eixo, accionado pela minha mão. O pente faz, depois da passagem da lançadeira, o aperto do fio da trama contra o tecido já feito. E então, de novo, pela acção dos pedais que comandam as perchadas, estas mudam de posição e com elas os fios da teia e passo a lançadeira em sentido contrário e de novo o pente a apertar o tecido que vai nascendo, como uma vida que se vai cumprindo.

O bater ritmado da madeira dos teares enche a manhã, a secção de percussão da orquestra ensaia indefinidamente o seu contributo para uma sinfonia por inventar.

Sinto-me bem aqui. Ao contrário da noite, o dia, nas horas de trabalho, traz-me pensamentos serenos. A concentração do espírito, a ocupação das mãos, dão-me um equilíbrio, uma alegria que a noite desmantela sem piedade.

...Sem contudo o encontrar. Alguém lhe contou que a esposa Cleópatra acabava de ter um menino, o almejado herdeiro dos Josés de Miami e Aristides José tirara uns dias de férias para a acompanhar naquele momento alto das suas vidas.

Então Nina Genoveva soube duma vez só que Aristides José era casado e lhe roubara o filho, andou pelas ruas à chuva, acabou por ser presa por vagabundagem, foi parar à prisão onde ninguém acreditou na sua história e dali para o hospital com pneumonia dupla e sintomas de alienação.

Quando ao fim de cinco anos recuperou a memória soube que o dia da vingança tinha chegado, comprou uma cabeleira ruiva e umas lentes de contacto verdes e foi à empresa de Aristides José pedir emprego e ninguém a reconheceu sob o falso nome de Kátia Mirela.

Lembro-me que naquele dia tinha ido à perfumaria comprar para o Miguel a sua água-de-colónia preferida, eu própria tinha sempre debaixo da almofada um lenço impregnado daquele aroma que ia roubar ao seu cacifo do vestiário dos homens.

A empregada borrifou-me o pulso com um perfume novo, recém-chegado de Paris, muito bom, muito sedutor, mas incasável com a minha pele e andei todo o dia acossada por aquele cheiro estranho, quanto mais lavava mais aparecia, como um mau presságio, como o sangue nas mãos de Lady Macbeth.

Parece muito dramático este pensamento mas foi assim que vivi aquele incidente idiota, tanto me incomodava trazer colado à pele um perfume que não era o meu.

Era quarta-feira. Tinha chegado dos Alcatruzes na véspera e fui informada de que a Lina sairia da clínica na quinta, isso deixava-me um dia livre e o meu primeiro gesto, ainda de casaco vestido, foi telefonar ao Miguel, cheguei, posso ir aí agora mesmo?

Mas o Miguel hesitou. Ó Lili! Agora mesmo? Estou cheio de trabalho, nem te ia poder dar a devida atenção. Por que é que não vens amanhã? Assim de repente não te consigo arranjar hora, mas vem às sete, no fim dos tratamentos, que eu cuido de ti até às oito, queres?

Eu queria tudo. Por isso na manhã seguinte fui comprar o presente ao Miguel e vim para casa lavar a cabeça com um produto que a avó Adelaide me fabricou com as suas próprias mãos e que transformava em anéis o ondulado excessivamente apertadinho dos meus cabelos de mestiça sem razão mendeliana de o ser.

Cheguei antes das sete, coxeei desembaraçada pelo ginásio ao seu encontro, ali não sentia o menor constrangimento porque tudo é relativo, ele estava a trabalhar com um acidentado num aparelho mecânico, disse-lhe olá e sentei-me no banco. E quando pousei as mãos nos joelhos veio-me de novo à alma aquele perfume fantasma e odiei a empregada da perfumaria e todos os aromas almiscarados do mundo, quer viessem disfarçados em flores, em frutos ou em ervas do campo.

Por fim ficámos sós. O Miguel levou-me para a marquesa, despiu-me, massajou-me, beijou-me, tocou-me onde nunca me tinha tocado, depois abriu um colchão azul de exercícios no solo e com o meu consentimento total, a minha entrega apaixonada, fez da pobre de mim uma mulher.

A Lina chegou a casa entorpecida, tanta pastilha lhe deram, tanto sedativo lhe enfiaram, e eu aproveitei para falar com ela, achei que talvez a agredisse menos com o meu cabelo recém-domado e a minha virgindade recém-perdida que me dava, achava eu, uma beleza toda especial.

De facto não me escorraçou. Estava na cama, com ar de moribunda, mas ouviu-me.

Mamã, queria muito pedir-lhe desculpa por não ser a filha que a mamã sonhou. Por não ser bonita nem elegante nem sociável, por ter gostos plebeus e cabelos crespos, por ser maluca e teimosa e ter partido as pernas com a mania do ballet. Eu percebo-a, mamã. Acredite que a percebo, sou uma grande decepção, mas descobri na Faculdade que não sou tão burra como nós supúnhamos e agora que o papá nos deixou

Consegui dizer isto tudo sem ser interrompida, mas aqui ela disse, o teu pai não nos deixou, o teu pai traiu-me, como de resto sempre fez, com mulheres, com a maldita música, com sabe-se lá que mais.

Mulheres, mamã? Nunca ouvi falar de mulher nenhuma, ele só tinha olhos para a mamã, nem à mãe ele ligava mais porque a mamã Se vens industriada lá das capoeiras não percas tempo porque o marido era meu e eu é que sei o que me fez passar.

Tem razão, mamã. A mamã é que sabe. O que eu queria dizer é que podíamos dar-nos bem, só nos temos uma à outra e podíamos viver em paz nesta casa, eu estou mais madura com tudo o que me aconteceu, já não quero nem posso ser bailarina, para o ano talvez volte para o curso de Farmácia, o

Miguel diz que eu vou ficar bem, sem coxear, se fizer os tratamentos...

A minha grande preocupação era que ela entendesse que já chegava de mensagens e me proibisse de voltar ao Centro.

Tudo depende de ti, Lili. Embora me tenhas deixado de rastos quando decidiste ir para o Algarve num momento tão difícil, preferiste ir com aquela bruxa do que ficar ao meu lado como era tua obrigação...

Deixei passar em claro o insulto à minha avó e contemporei, a mamã é que não me quis cá, mas não vale a pena voltarmos ao mesmo.

Dei-lhe um beijo e deixei-a dormir a sua sesta, porque já estava a fechar os olhos e a virar-se para a parede.

Até aqui tudo bem, pensei. Mas quando deixar os sedativos, como será?

De repente arma-se uma briga aqui mesmo à nossa porta, reconheço a voz da guarda Celeste mas a gritaria das reclusas sobrepõe-se à autoridade que a guarda tenta impor. Não consigo perceber o que dizem. Só palavras soltas que não me dão pistas.

A Lídia, com o seu valiunzinho, nem desconfia da barulheira.

A Ilda soergue-se na cama, pergunta mas que porra é esta, eu digo-lhe, uma briga, que se fodam e vira-se para o outro lado, mas aqueles gritos na noite do grande pavilhão são de arrepiar, porque estas mulheres que vivem em regime aberto e que têm acesso a toda a espécie de objectos, podem tornar-se muito perigosas.

As vozes estridentes criam um clima de terror, há uma que chora como se estivesse a levar pancada, agora a voz da guarda Celeste soa mais forte, ouço-a chamar pela colega, num instante ouve-se o barulho de chaves e o ruído cessa.

Amanhã saberei se foi roubo, chibança ou ciúmes.

Logo hoje que a memória me tinha levado àquele lugar do tempo em que tentei fazer as pazes com a minha mãe.

De manhã ninguém sabia de nada. Ao almoço havia um silêncio fora do normal, tudo de olhos baixos a molhar o pão no guisado de frango com massa, um ambiente de cortar à faca, como se a briga de duas contaminasse todo o refeitório.

Mas a Arminda Canivete chamou-me de parte quando íamos a caminho da oficina e disse-me, foi a Ema que encontrou a Glorinha com outra nos lavabos. Parece que ela foi com a Adelina Santa que lhe ofereceu um estojinho de sombras para os olhos, a Iolanda chibou, a Ema veio de lá como uma fera, se a guarda Celeste não lhes acode dava cabo das duas, à catanada com o secador do cabelo.

Fartei-me de ver cenas dessas no Pavilhão 1, mas aqui não é nada vulgar, o costume das brigas são pequenos roubos, uma pulseirita que desaparece, comprimidos, um soutien melhor, um bân.

Porque, ao contrário do que eu poderia imaginar antes de entrar para aqui, não há lugar onde as mulheres se cuidem tanto, cremes para o corpo, creme para as mãos, cremes para o rosto, pintura para se apresentarem aos visitantes, seus e das outras, como se fosse a sua oportunidade de serem mimadas, de terem algum tempo para si, de se prodigalizarem cuidados que nunca ninguém teve com elas.

Isto origina um comércio interno onde se trocam sabonetes por comprimidos, comprimidos por cremes, cremes por favores sexuais.

Grandes intrigas e terríveis badernas e as chibas (ou queixinhas como se diz lá fora) têm um papel preponderante nisto tudo, como as alcoviteiras dos tempos medievais.

Estou a pôr-me de fora, como se nada disto me afectasse, mas a grande verdade é que já andei metida nestas guerras até ao pescoço nos meus primeiros anos quando era completamente vulnerável a todos os

enredos da prisão. Passei por tudo, sofri, chorei, negocieei, fui ingénua, fui sabida, fui levada, só nunca chibei nem roubei porque não está no meu carácter.

É claro que mudei a hora do meu tratamento para as sete da tarde, não três vezes por semana mas todos os dias de segunda a sexta, andava feliz da vida, não discutia com a minha mãe, ganhei dois quilos, quase não coxeava e o mundo começou a parecer-me um lugar que valia a pena conhecer.

Vinha directamente do duche no Centro para a mesa de jantar, conversava, comia com apetite, e a seguir sentava-me na saleta que dava para o jardim, a ler ou a ver televisão.

A Lina, como estava amodorrada o dia todo, à noite tomava comprimidos para acordar e ficava cheia de gás. Não conseguia parar a ver um programa ou um filme, não se prendia, não dava atenção, estava sempre a levantar-se para endireitar um quadro, fazer rodar 25 graus uma jarra de flores, sacudir a concha do açucareiro na bandeja do chá, passá-la num guardanapo de papel para que o açúcar se lhe não agarrasse, pôr as revistas cor-de-rosa por ordem numérica, dar palmadas nas lombadas dos livros para que ficassem escrupulosamente alinhados nas prateleiras e falar. Não sei como é que estas fulanas arrumam a casa que está sempre tudo torto. Parece que não têm olhos, não sei, é desleixo, é que tanto trabalho dá fazer bem como mal, olha-me para este vaso, com a parte bonita da planta virada para a parede. E as cortinas, dum lado assim, doutro lado assado. Não ouves? Não respondes? Ó mamã, isso tem resposta? Desculpe, estou a ver o filme, não dei atenção.

Tu andas muito esquisita. Já não sais, ficas aí horas pregada à televisão, já nem vais ao café com os teus amigos... Que amigos, mamã, não tenho amigos nenhuns. Encontrava às vezes uma malta da Faculdade, mas agora, enquanto a minha perna não endireitar de vez, não quero ver ninguém.

Com tanta massagem vê lá mas é se não fica direita de mais, mas agora reparo: estás vestida de roxo? Não sabes que o roxo é para as louras? Ó mamã, o que é que interessa se eu estou vestida de roxo ou amarelo? Estamos em casa, pus este camisolão velho, é arroxado e depois? Acho é que vou para o meu quarto ver o filme sossegada.

Não é possível! Não é possível que estando eu doente não me faças companhia na única hora do dia em que me sinto melhor!

A mamã não pára, não consegue ter uma conversa seguida, não partilha comigo nada do que eu faço, como por exemplo ver um bom filme como é o caso deste.

Essa agora? E por que é que não partilhas tu as minhas coisas comigo? As minhas preocupações, que são muitas, nem tu imaginas nem queres imaginar. Mas não vale a pena. Fomos sempre como a água e o azeite. Tu tens lá a tua vida e estás-te a borrfifar para o que me acontece. Eu já devia estar habituada. Se não fosse este maldito comprimido que me faz falar, eu até já nem dizia nada.

A Lina tinha razão. Eu andava tão alvoroçada com os últimos acontecimentos da minha vida que não tinha cabeça nem coração para mais nada. O Miguel enchia os meus pensamentos de manhã à noite e mesmo quando me punha estática diante da televisão pensava mais nele que no filme e interessava-me bem menos a ordem inalterável que a Lina dava às almofadas no sofá de florinhas que o nosso colchão azul de exercícios no solo.

Kátia Mirela não tardou a tornar-se indispensável na rede de motéis e discotecas de que Aristides José era rei absoluto, mas ela, com o seu recente faro para o negócio, as suas mini-saias e roupas de tigresa, começou também a ser apelidada de rainha da noite de Miami e cada vez mais o patrão passava os negócios para as suas mãos, dizendo, finalmente tenho alguém em quem posso confiar e que faz florescer o meu negócio e ainda por cima que mulher linda, se ela me quisesse era capaz de deixar minha esposa Cléopatra e casar com esta, visto que já assegurei a continuidade da dinastia emérita dos Josés.

Quando Nina Genoveva, aliás Kátia Mirela, compreendeu a atracção que exercia sobre o energúmeno, usou-o em proveito próprio, fazendo-o sofrer bastante até o ter manietado de paixão a seus pés. Tinha chegado o momento da vingança. Começou por jurar que não seria sua sem casamento, pois lhe constava que já tinha enganado outras incautas moças que lhe haviam cedido, levando assim Aristides José a divorciar-se da esposa e casar com ela, desta vez em casamento verdadeiro. E quando finalmente conseguiu que ele passasse tudo para o seu nome, denunciou-o por tráfico de droga, mandou raptar o próprio filho e resgatou do asilo sua pobre mãe surdinha que graças ao avanço da ciência se curou e viveram felizes para sempre.

Graças à generosidade de Nina Genoveva, a desesperada e arruinada Cléopatra que já se afeiçoara à criança como se sua fosse, foi autorizada a ver o menino às primeiras terças-feiras de cada mês. Fim.

Quando no dia previsto não me apareceu a menstruação, achei que todo aquele alvoroço na minha biologia justificava plenamente o atraso. A verdade é que também a minha pele se tinha tornado fantástica, sem sombra de manchas ou borbulhas, o meu corpo estava mais bonito, o peito mais redondo, as ancas menos secas.

Meteu-se-me na cabeça ir visitar outra vez a Berta, porque tinha decorrido mais um mês sem que nada acontecesse, precisava de me aconselhar com alguém e vinha-me constante mente à ideia a forma calorosa como ela se oferecera para ser minha amiga, era casada, enfim, devia saber destes assuntos um pouco mais do que eu.

Eu duvidava que aquelas faltas quisessem dizer gravidez porque não sentia qualquer espécie de enjoos, que pensava serem obrigatórios, barriga não tinha, somente uma leve azia que atribuía às comidas francesas de casa da minha mãe, muito apoiadas em manteigas, mostardas e ervas da Provença.

Mas a Berta tirou-me as ilusões. Estás grávida sim senhora, basta olhar para a tua cara, nunca te vi tão bem, acho melhor tratares disso antes que o tempo passe, o Miguel não vai aceitar a criança, a tua mãe muito menos, ficas com a vida estragada, a tua juventude ainda mal começou, vais ter que ficar amarrada em casa, a dar de mamar, a mudar fraldas, a embalar a criança noites a fio, é os dentes, as cólicas, as otites, além de que ficas encalhada em mãe solteira e nunca mais arranjas marido.

Como, não arranjo marido? O Miguel quando souber vai ficar feliz, não digo que case comigo, mas pelo menos vamos viver juntos, só que eu não lhe quero falar no assunto sem ter a certeza e por enquanto não estou muito convencida.

Bom, então terás de fazer a análise, acho que eles injectam qualquer coisa tua numa coelha, esperas uns dias e depois tens o resultado. Mas duvido que o teu corpo não te dê a resposta certa muito antes do veredicto da análise.

Achas? A avó Adelaide costuma dizer, deixa falar o corpo. Não lhe perguntes se tem fome, se tem frio, se lhe dói a barriga, se se sente doente ou cansado. Na altura própria ele falará mais alto que qualquer conclusão da tua cabeça.

Vês? A tua avó sabe das coisas e tu também vais descobrir sozinha que estás grávida. E já sabes: conheço uma parteira óptima, que te pode ajudar.

Nos dias que se seguiram corri ainda mais ansiosa para os braços do Miguel, a procurar-lhe no fundo dos olhos as juras eternas que ele, por temperamento, não fazia, precisava de ter a certeza que o meu filho era desejado, mas não havia dúvida.

Estávamos cada vez mais apaixonados, as nossas sessões de exercícios no solo prolongavam-se para além da hora do jantar, aquele amor era sem medida e para sempre.

Quando a análise veio positiva, eu já sabia, a Berta acertou, que se passavam coisas transcendentais dentro do meu corpo.

Com aquele papel na mão, senti que tinha ali a carta que regulamentava o meu futuro: sair de casa, casar com o Miguel, ser mãe, já pensava convidar a Berta para madrinha que da Lina não podia esperar grande entusiasmo, grávida antes do casamento, o que é que iriam dizer as amigas, essa era a lei principal que regia as nossas existências, a Lina ia querer que eu disfarçasse até ao altar, que usasse cintas, que falsificasse para as criadas pensos higiénicos com tinta encarnada e fosse à Gardénia encomendar a flor de laranjeira.

Tive o papel da análise às onze da manhã e ao meio-dia já estava à porta do Centro, disseram-me que o Miguel estava no balneário dos homens a arranjar-se para ir almoçar depois do trabalho violento da manhã, pensei que almoçaríamos juntos e, já que não podia entrar, esperei na porta entreaberta. Ouvi-lhe logo a voz, a conversar com um colega.

Miguel, pá, é verdade que andas metido com a Lili Gaspar?

Disseram-me, mas eu não acreditei.

Ando, e depois? Qual é a crise?

Eh pá, a gaja é feiosa que se farta.

É feiosa, mas é boa como o milho.

Eh pá, Miguel! Coxelas ainda por cima!

Nunca ouvistes dizer que as pernas ficam de lado?

(gargalhadas)

Então não é nada sério?

Sério? Pensas que eu sou parvo ou quê? Tenho uma noivinha meio-chinesa como eu, os pais têm um restaurante, o meu pai faz gosto.

Não me lembro como é que atravessei a cidade e apanhei o comboio para os arredores onde vivia. Só me lembro de entrar em casa com os soluços todos entalados no coração, de dar um pontapé na porta da minha mãe, acordá-la do seu torpor hipnótico com um grito de guerra, mamã, estou grávida.

Andávamos sempre em bandos, disse a Rita Bandoleira. Corríamos tudo, de Coimbra para cima, evitando as cidades, pois era pelas serras e pelos matos que nos sentíamos bem, deuses da floresta, capazes de mandar nos rios e nos ventos, senhores de roubar, incendiar, matar, nadar nus nas represas até que o sangue nos saísse da pele, rir e fazer amor pela madrugada nas camas amarelas que o Outono lentamente apodrecia.

Espalhávamos o terror pelos casais, entrávamos à coronhada às portas e janelas, trazíamos os moradores para fora atados como salpicões e pendurados nas asnas dos alpendres, fazíamos neles a matança do porco. Roubávamos o pouco ou muito que havia para roubar, era mais pela excitação do medo, pela bebedeira da loucura, depois limpávamos as mãos às ervas do caminho e fugíamos nas carrinhas desengonçadas, a rir e a cantar brejeiradas com vozes roucas de devassidão.

Quando parávamos as carrinhas, porque precisávamos de correr para dar vazão àquela energia de bestas, eu aproveitava para colher arruda e urgêlão roxo para a minha avó que era curandeira, levava-lhe as ervas juntamente com ramos de camélias que as japoneiras me estendiam sobre os muros das quintas.

No dia em que a minha mãe me fez nascer sem pai e fugiu logo a seguir para Espanha com um galego contrabandista, a minha avó defumou-me e leu-me nas estrias dos olhos que eu seria do Mal e nada me podia livrar daquele destino. Ainda pouco falava e já me aprontava a torcer o pescoço às galinhas da ceia ou a ajudar a esfolar os coelhos para o ensopado. Torturava os ratos que apanhava nas ratoeiras e cortava os bigodes aos gatos com a tesoura do peixe para vê-los andar aos tombos e morrer de confusão.

Aos quinze anos o chefe escolheu-me para sua companheira, de nada valeram os mau-olhados que as outras me lançaram, eu não estava apaixonada por ele mas pela sua posição, pela sua voz de comando,

pela sua crueldade.

Já conhecia homens desde os doze anos quando o bando passou lá por casa fugido de um assalto e a minha avó lhes deu agasalho e comida e ainda lhas deitou as cartas e previu, para cada um deles, glória, dinheiro e morte violenta. Eles beberam a isso todo o nosso licor de cardamomo.

Os mais novos violaram-me sem cerimónia no folhelho que servia de cama ao boi e se o primeiro me aleijou, ao segundo cedi e ao terceiro pedi mais.

Fui com eles de livre vontade e o chefe prometeu e cumpriu que me levaria a visitar a velha sempre que o seu caminho de sangue passasse perto do Casal das Bruxas.

Fiquei mulher de todos, tal como as minhas companheiras Eva e Laurindinha, até àquele dia em que o chefe me escolheu só para ele, porque como ele disse, eu era a mais bonita, a mais depravada e a mais selvagem.

Chamavam-lhe o Urso, éramos o bando do Urso, conhecido em todo o norte do país e raia de Espanha e ele disse-me que agora nós os dois íamos viver à grande, comprou-me roupas em Vigo, levou-me aos melhores restaurantes onde eu ficava a olhar para as outras mesas para ver como se fazia com tanto talher e tanto copo, mas de pouco me valia, trocava tudo e ria à gargalhada, só não nos punham fora porque o olhar do Urso era dos mais ferozes e as suas notas das maiores.

Depois destas saídas à espanhola, como o Urso dizia, voltávamos à nossa paisagem de carvalhos, olmos e zimbros, cedros-do-líbano, bétulas e teixos, a matar pobres pelas encostas, velhos que escondiam pés-de-meia em buracos cosidos do enxergão.

Mas um dia tudo mudou. Andava eu há oito anos nesta existência de meliante salteadora de estradas quando, depois duma matança de pessoas e animais, nos fomos lavar ao rio. Ia eu a sair toda nua da água, dei a mão ao Urso que me puxasse para fora, quando ouvi estalar os ramos de um salgueiro e ao mesmo tempo uma luz ali à minha mão esquerda e nisto vimos, o Urso e eu, Nossa Senhora com os pés descalços, pousada como uma pomba em cima da árvore, com um manto todo branco a dizer-nos, Rita, Urso, eu venci o demónio e a vossa vida de pecado acaba hoje.

O Urso teve vergonha da minha nudez e envolveu-me na sua capa de malfeitor e foi então que ao virar-me vi que o pé da Senhora pisava numa serpe que tinha a minha cara e caí de joelhos e o Urso ao meu lado, com uma grande tremedeira e um soluçar que fazia abanar os esfondílios da margem.

Pensámos que a Senhora queria dizer que aquele era o dia da nossa morte, nenhum de nós sabia rezar mas sabíamos benzer e benzemo-nos e deitámo-nos abraçados à espera da nossa hora.

Acordámos de manhã com o cantar alvoroçado dos pássaros, pensámos que tínhamos sonhado, mas o salgueiro lá estava com um ramo partido e do chão apanhei uma meia-lua de prata que até hoje nunca mais larguei de usar comigo, tanto que a minha filha nasceu com um sinal em forma de meia-lua no rosto e por isso lhe chamámos Luna de Santa Maria.

Ali jurámos naquela manhãzinha de catorze de Outubro que iríamos viver como santos e nos casaríamos na Igreja e compraríamos uma quinta de vinho e rosas, vinho para o sustento, rosas para o altar de Nossa Senhora.

O Urso chamou o bando, passou a chefia para o Idalécio, a Eva e a Laurindinha nunca me perdoaram eu ter ido viver uma vida bonita, com marido e filha, vindimas e roseiral.

Está bom de ver que quando, cinco anos mais tarde, tinha a minha Luna três aninhos, o Urso, agora senhor Domingos, morreu envenenado por se ter descuidado com o sulfato, as minhas antigas camaradas de malfeitorias deram parte de mim. O meu passado era a melhor prova de que eu tinha matado o meu marido com premeditação e requintes de malvadez. De Nossa Senhora em cima do salgueiro a treze de Outubro de mil novecentos e setenta e sete, o juiz não quis nem ouvir falar. Deu-me dezanove anos de prisão, sem apelo nem agravo.

Vim presa com alegria porque achei que era a vontade do céu, por tantos e tantos crimes que cometi e que escaparam ao julgamento dos homens. A minha filha Luna tem quase dezassete aninhos, ficou com a minha vizinha que conhecia bem o nosso viver de lavradores ordeiros e tementes a Deus.

Dezanove anos por homicídio agravado e premeditado, disse a tia Zulmira. Foi o que eu apanhei por ter, de livre e espontânea vontade, envenenado o meu homem.

Não acredito que estás a pensar pôr no mundo uma criatura de olhos em bico!

E a mamã, quando ficou grávida, não estava à espera de pôr no mundo um anjinho louro e celestial? Pois olhe, pode ser que a mim também me saiam as contas furadas e o meu chinês tenha olhos azuis.

Que vergonha, meu Deus! O que é que eu digo às minhas amigas!

Agora nunca mais vou poder sair de casa nem curar-me da depressão. Tens que fazer o aborto antes que a barriga comece a aparecer. Não há outra saída. Nem que eu tenha de te amarrar.

Experimente, e eu dou parte de si à policia. Garanto-lhe que dou.

Mas este entusiasmo com a minha maternidade não durou muito.

Levava os dias e as noites a pensar naquela criança sem pai, com uma avó histérica que havia de rejeitá-lo, eu própria sem situação económica para assumi-lo sozinha, da Lina não podia esperar qualquer tipo de ajuda, apenas recriminação a toda a hora, tira, tira, arranja uma parteira e livra-te desse problema.

Ainda pensei fugir desta pressão (a Berta também me começou a telefonar todos os dias a dizer que já tinha a mulher de virtude de sobreaviso) e ir esperar o meu filho para os Alcatruzes onde a avó Adelaide não deixaria de me dar todo o apoio, mas pareceu-me que não tinha o direito de poluir aqueles ares lavados com os meandros sórdidos da minha infeliz existência.

É evidente que não procurei mais o Miguel, antes coxa do que humilhada, ele havia de querer dar-me dinheiro para o desmancho, havia de explicar-me que estava noivo, mas que, é claro, gostava era de mim, havia de querer que eu tivesse pena dele, que compreendesse a sua situação, que palavra de pai oriental não volta atrás e a do pai dele estava comprometida com o dono do restaurante Bambu Vermelho.

Sem saída e sem querer pôr no mundo mais uma criança infeliz, que outra coisa não podia ser um filho meu, pedi à Berta o telefone da parteira e fiz a marcação.

Seria um rés-do-chão vulgar de um prédio vulgar se não fosse aquele cheiro a éter que nos apanhou logo à entrada da porta da rua. Se a Berta não me tivesse acompanhado tinha fugido dali quando nos abriu um adolescente gordo cheio de borbulhas atrás de quem espreitava uma criancinha de babete com as bochechas cheias de comida amarela.

Enganámo-nos, disse eu. É mesmo assim, disse a Berta, é para dar um ar familiar, isto é, se vier a polícia.

Abafou o riso. Eu, então, só tinha vontade de chorar. Apareceu uma mulher, pegou na criancinha ao colo e disse, por aqui.

Tinham o rádio aos berros.

Era uma salinha interior, de luz acesa logo de manhã, com cadeiras de irmanadas e revistas tão antigas que as modas pareciam revivalistas. Está em jejum, assegurou-se. É só esperar um momento.

Vou-me embora, disse eu à Berta. Isso é que tu não vais, agora não. Estou a ficar mal disposta com este cheiro a éter, não sei como é que estas crianças, mas já estava à porta uma mulher de bata, olhos claros feitos de galo e voz rouca. Venha lá e nada de pieguices porque já pensou o que tinha que pensar.

A Berta aparou o meu olhar de agonia com um sorriso e eu lá fui, para uma sala pequena onde havia uma marquesa de ginecologia e um armário cheio de ferros e antibióticos.

A ajudante era a mulher que tínhamos visto antes, tire as cuecas, suba para aqui, abra bem as pernas, ponha os calcanhares nos estribos, vamos dar-lhe uma anestesia leve. Antes de me apagar lembro-me de reparar que ela tinha comida amarela no ombro da blusa.

Acordei em cima da cama de um quarto cheio de folharecos, a tremer de frio e a ajudante a dizer, vá, vá, recomponha-se que não temos o dia todo. Este é o quarto da minha cunhada e ela não gosta que fiquem aqui muito tempo. Pode ir andando que a sua amiga está com pressa.

E... pagar... como é...

A sua amiga já se encarregou disso, vamos, vamos.

Quando me pus de pé vi tudo a andar à roda, parecia que tinha as coxas cosidas à barriga, era como se não pudesse despregá-las para andar. Mas fiz um esforço e agarrada às paredes lá fui ter com a Berta, cheia de dores.

Tens frio, disse ela, é do éter. Mas qual éter, eu estou é doente. Não, agora vais meter-te na cama com uma saca de água quente e tomas este antibiótico, dois de seis em seis horas. É

meio-dia, elas já te deram a primeira dose, agora é às seis. Não te esqueças ou ainda arranjas uma infecção.

Ó senhoras, vamos a desandar que temos a chegar a cliente do meio-dia e meia.

A criança berrava e vomitava lá dentro.

O antibiótico das Parcas não devia ser grande coisa porque de noite sobreveio-me uma febre de quarenta graus e eu sentime feliz por pensar que ia morrer ali, envolvida por aquele cheiro a éter que saía do meu corpo e pelo silêncio das sombras da noite.

No meu delírio vi a Laura sentada na cama a dizer-me, não morres ainda porque não cumpriste a tua missão, e logo ela era sugada pela boca ampliada da parteira e substituída ., pela mulher que limpava do peito nu restos de comida amarela, percebia agora que era vomitado e logo a seguir estava vestida a arrancar-me da cama e a dizer, vamos, vamos, não temos o dia todo e a criança ranhosa saltava em cima da minha barriga e provocava-me dores horríveis e no fundo do balde dos despejos estava um chinesinho bebé jogado fora, vestido com uma pequena cabaia, de franja lisa e cabelo cortado donde pendiam enfeites com florinhas de papel. A outra criança, com o babete bolsado, dava-me pancadas rítmicas na cabeça com o seu brinquedo de plástico e à volta da minha cama, num voo espiralado e rápido como uma vertigem, zunia um pássaro negro com os olhos verde-gelo da tecedeira-de-anjos.

Não sei durante quantos dias e quantas noites persistiram estes pesadelos, sempre os mesmos, mas um dia aterrei na minha cama no meio de um quarto tranquilizador onde a luz rarefeita pelas cortinas corridas me dava a entender que era dia e uma mulher vestida de enfermeira estava a lavar-me do suor e da febre e a enfiar-me uma camisa limpa muito fria e a dizer, seja benvinda a este mundo, qual mundo, e a minha voz era tão fraca que ela me fez recostar nas almofadas e beber dois goles de uma bebida que parecia chá mas sabia a malte.

Reconheci então o meu quarto. Estava diferente, tinha uma estreita cama armada ao lado da minha e sobre a cómoda, em vez dos meus frascos e caixas de porcelana, havia remédios, embalagens de pensos higiénicos, toalhas dobradas e um saco de gelo.

Julguei que tinha fome, mas a comida infantil que me trouxeram pareceu-me excessivamente temperada e à Segunda garfada recostei-me exausta e empanturrada, mais não, deixem ficar o sumo, talvez seja capaz.

Depois foi todo o lento processo de reentrada na luz natural, no meu corpo e nas suas funções, de

comer, dormir, ir à casa de banho, andar, falar e finalmente rir.

Estiveste mais para lá que para cá, disse-me a Berta numa das suas visitas. Quem te valeu foi um médico amigo do Manecas a quem eu pedi que te viesse ver e esta enfermeira fantástica que ele arranjou. Porque isto de aborto clandestino, filha, ou se sobrevive ou se morre, já que não é possível recorrer ao hospital.

E a Lina?

Ah, a tua mãe piorou da depressão. Teve de ser outra vez internada na clínica de repouso. Coitada, afligiu-se imenso. Mas estava tão histérica que o médico achou melhor afastá-la.

Foi aí que eu me ri. Coitada da Lina. Não há desgraça que não lhe aconteça. Agora até eu ressuscitei.

Quando pude sair, ainda muito fraca, com pernas de algodão em rama, fui com a Berta ao consultório do médico simpático, que acabou por me dizer que eu não poderia ter mais filhos. A minha primeira reacção foi de alívio, não teria de passar por aquilo outra vez nem corria o risco de pôr no mundo uma criança infeliz e enquanto a minha boca dizia isto, o meu coração pensava, agora nunca mais saberei como é cozinhar um tacho de comida para o meu filho e depois de ele partir ficar a saborear os restos só pelo puro prazer de lembrá-lo.

Com o regresso da saúde foi-se instalando em mim, lenta mas firmemente uma fúria destruidora, contra tudo, contra todos e contra mim própria. Entrei num rodopio de saídas à noite, desatei a beber, a fumar erva, a dormir com quem calhava, a chegar a casa de manhã ou a desaparecer durante dias e foi num desses regressos que encontrei a Lina de volta, tão drogada como eu (que também lhe ia às pastilhas do armário da casa de banho).

Nos primeiros dias não se apercebeu de nada. Mas à medida que foi tomando os antidepressivos foi tendo períodos de excitação lúcida e começou a fazer-me interrogatórios, a gritar em cima das minhas ressacas, a contar os comprimidos nas embalagens, a irritar-se com as minhas roupas invariavelmente pretas, a descobrir vestígios de vomitado na tampa da retrete, a encontrar charros na gaveta da mesa de cabeceira, a detectar rasto de homem na renda das minhas cuecas.

Vivemos assim quase dois anos, eu cada vez mais perdida, ela cada vez mais achada, a pôr os comprimidos de parte só para conseguir controlar-me e uma tarde, em que cheguei a casa num estado lastimoso de bebedeira mal cozida, desatámos a discutir no hall de entrada. Estava eu a culpá-la de tudo, a atirar-lhe à cara todos os seus actos de rejeição e a dizer que ela tinha morto o meu pai, quando chegaram as peruas das amigas para a canasta das cinco, o que me deu ânimo para condimentar ainda mais os insultos, numa linguagem que não me era própria mas que a bebedeira instigava, entretanto o cheiro a bolos que vinha da cozinha começou a dar-me volta ao estômago e eu lancei todo o produto reciclado nas últimas dezoito horas sobre o tailleur da visita menos habitual e acabei por tropeçar nos degraus e cair redonda no mármore rosado do átrio.

Com aquele culto das aparências que era apanágio da minha mãe, ela só tinha uma solução ao seu alcance e que foi pôr-me no olho da rua logo no dia seguinte, aos pontapés à minha bagagem, a rogar-me pragas e a jurar que me cortaria a mesada.

Ainda andei uma semana a dormir nas camas de uns e de outros até que comecei a sentir-me enxotada e não tive outro remédio senão ir pedir asilo à Berta, quem sabe em troca de pequenos serviços domésticos.

A Berta recebeu-me como se eu fosse a filha pródiga, instalou-me no quarto de hóspedes, disse que de modo nenhum consentiria que eu lhe prestasse serviços como compensação da cama, mesa e roupa lavada que me dava com muita alegria, para isso estava lá a criada, só queria a minha companhia porque

se senda muito só, o marido não parava de viajar e ela não tinha com quem ir a um cinema, às compras ou, de vez em quando, ao restaurante.

Achei que me tinha saído a sorte grande, pus de parte a erva e a bebida, recuperei a minha roupa clara e aceitei alguma que a Berta já não usava e tentei, de um modo geral, merecer este favor que o destino me fazia.

Ao fim de um mês parecia outra pessoa. A Berta pedia-me opinião para tudo, especialmente ao nível das ementas e não era raro eu meter-me na cozinha a fazer os petiscos da minha avó Adelaide para honrar os meus generosos anfitriões.

O Manecas, marido da Berta, era bastante simpático embora completamente reaccionário. Considerava que o lugar da mulher era em casa e metia no mesmo saco pretos, judeus, homossexuais e asiáticos, eu percebi que isto era uma indirecta para mim e um dia chegou a perguntar-me se eu tinha algum ascendente africano, sendo assim morena, e eu respondi que era filha de mãe alva e alourada e pai alentejano. Sim, sim, disse ele, deve ser por aí, certamente terás tido uma tetravó cigana ou coisa que o valha e eu achei delicado concordar.

Ainda disse à Berta que preferia que ela não tivesse contado ao marido o meu caso com o Miguel, mas ela explicou-me que para o convencer a chamar o médico amigo dele tinha tido que lhe contar uma história em que eu fazia o papel de vítima de um sinistro chinês e o Manecas, que era contra o aborto, achou logo muito bem que eu tivesse optado por essa solução drástica e prestou-se a colaborar. Isto de maridos, disse a Berta, só é preciso sabê-los manobrar.

Com efeito, estava eu lá em casa há poucos dias quando, tendo o dito marido partido em viagem, apareceu para jantar a amiga magrinha da Berta, ela disse, esta é a Zézinha, esta é a minha prima Lili que está a viver connosco, Lili, por que é que não fazes para a minha amiga aquele arroz-doce que tu sabes fazer como ninguém, Não tem tempo de arrefecer para a sobremesa, Não faz mal, é óptimo morno, percebi confusamente que ela escolhera o doce que me manteria agarrada ao fogão durante pelo menos uma hora mas não me importei nada, fiquei até aliviada porque me sentia pouco à vontade ali na sala com aquelas duas.

Cozi o arroz de segunda qualidade, apenas uma xícara pequena com um pouco de sal, em cinco vezes o volume de água e deixei ferver até estar em papa e se ver o fundo do tacho, enquanto à parte fervia um litro de leite com a casca de um limão. Fui incorporando o leite no arroz em pequeníssimas quantidades para nunca perder a consistência de creme e isto, é claro, não me deixava abandonar o fogão nem por um segundo, já era complicado bater as oito gemas com as dez colheres de açúcar enquanto o arroz fervia, tudo sem a ajuda de ninguém porque a Dorinda tinha saído mais cedo, ainda pensei fazer suspiros com as oito claras supletórias mas achei redundante, por fim misturei tudo docemente, deixei ferver ainda uns segundos para cozer as gemas, até ao consolador momento de lançar o resultado numa travessa funda já preparada para o efeito onde, depois de arrefecer um pouco, faria uma modesta decoração com pó de canela.

O arroz-doce está pronto, Berta. Queres que meta o bacalhau no forno? Ah, eras um amor Lili, a Dorinda deixou preparado é só aquecer e gratinar, se tu...

Claro que sim e não te preocupes que eu ponho a mesa.

Esta foi só a primeira de muitas vezes em que a Berta dispensava a Dorinda, o senhor engenheiro não está cá, eu e a menina Lili com pouco nos arranjamos, e depois convidava a amiga e pedia-me que fosse para a cozinha e eu ia contente porque não tinha outra forma de agradecer a sua hospitalidade.

Se calhava o Manecas estar fora ao fim de semana, em que a Dorinda não ia, a Zézinha ficava lá a dormir, no quarto da Berta é claro, já que o quarto de hóspedes estava ocupado por mim e elas eram

amigas de infância.

No dia seguinte a Berta pedia-me com a maior doçura se eu não me importava de arrumar a casa, de fazer as camas, de preparar qualquer coisa para o almoço, nada de complicado, enquanto ela ia com a Zézinha fazer umas compras, nunca deixava de me trazer uma caixa de bombons, um lenço de seda, uma pulseirinha de fantasia ou um livro de autor da minha predilecção.

Depois do almoço, enquanto eu lavava a loiça iam dormir a sesta, a Berta pedia-me que atendesse o telefone e dissesse que ela tinha saído, o mesmo à porta, já que parecia mal dizer que estava a dormir em pleno dia, mas bolas, é fim de semana, uma pessoa tem o direito de descansar em sua casa o quanto lhe apetecer, sem ter de ser incomodada, não achas?

Claro que eu achava. Raramente vinha alguém e ao telefone era mais o Manecas, eu pedia que ele ligasse daí a meia hora porque a Berta tinha ido à farmácia buscar uns comprimidos para a dor de cabeça, depois batia levemente no quarto dela e dizia-lhe através da porta que o marido voltaria a falar daí a meia hora: a voz de cama estaria justificada pela anunciada enxaqueca.

O que faria eu sem ti, admitiu, num dia difícil, a já minha prima Berta.

Encontrei um dia na praça a cozinheira da minha mãe, perguntei-lhe o que fazia tão longe de casa e a Amália respondeu-me que não estava a fazer compras para a dona Lina mas para uma antiga patroa, já muito velhinha e em má situação económica, para quem ela continuava a cozinhar depois do trabalho e onde ia fazer limpeza ao fim de semana, por amizade e gratidão.

A sua mãezinha está doente, disseme ela. Quando pôs a menina fora de casa meteu-se outra vez nos comprimidos, calmantes a todas as horas, outros para acordar, diz a Rosa, que é a nova de dentro, mas agora apanhou uma bronquite, está metida na cama, a gente queria levá-la para uma clínica, mas ela diz que está cheia de clínicas e que, se tiver que morrer, morre na cama dela.

E quem é que a trata?

É a Rosa, que dorme lá. A dona Lina nunca fala na menina, mas acho que se a fosse ver, ela havia de gostar.

Era sábado, o Manecas estava em casa e eu aproveitei para me meter no comboio e ir visitar a minha mãe.

A minha visita não era totalmente desinteressada, pensava, se as coisas corressem bem, pedir à Lina que me repusesse a mesada, ela não havia de gostar de saber que eu era sustentada pelo marido da Berta, por muito bem que ele ganhasse era uma situação constrangedora e de cada vez que eu falava em arranjar um emprego a Berta protestava, emprego tens tu aqui em casa, com as mil coisas que fazes, estamos sempre a abusar da tua boa vontade, mas a verdade é que a minha conta bancária não tardaria a chegar ao fundo e era-me difícil encarar a hipótese de ter de pedir à Berta um trocadinho para o autocarro.

Fui recebida por uma criada desconhecida, devia ser a Rosa, que subiu as escadas com o meu recado e as desceu com o recado da Lina:

A senhora manda dizer que não está doente e que não tem filha nenhuma.

Lembro-me que quando entrei para o Pavilhão 1, estranhei os imensos cuidados que as minhas colegas tinham com a saúde.

Passavam o tempo a auscultar a mais pequena mazela, dor de garganta, dor de dentes, dor nas costas, panarício, treçolho, fungo na unha do pé. Inscreviam-se constantemente para as consultas, que às vezes demoravam meses e de onde voltavam felizes com medicamentos variados que incluíam sempre um ou outro calmante, porque todas, sem excepção, se queixavam dos nervos.

A consequência mais visível desta situação era que quase todas as reclusas engordavam por não terem vontade nem necessidade de mexer-se. Habitadas a uma vida dura lá fora, quer a trabalhar no

campo quer a tratar da família e dos filhos, quer sendo vítimas do calvário urbano, transporte, creche, emprego, creche, casa e todo o trabalho doméstico, encontravam-se de repente desocupadas, atentas aos seus pequenos achaques e imóveis dias inteiros porque se sentiam pesadas, drogadas e inúteis.

Daquele rebanho de gordas, algumas obesas, estacavam-se pelo menos duas exceções: eu, que por ter visto o que os calmantes fizeram à minha mãe me recusava a tomá-los, e a Arminda Canivete, que entrou no mesmo dia que eu e que sempre conheci com a magreza que tem hoje.

Aqui no regime aberto as gordas são a exceção: mexemo-nos muito mais, trabalhamos, passeamos lá fora e até temos fases, que não duram muito é certo, de fazer ginástica para nos mantermos em forma. Estas modas, exercícios físicos, dietas, tratamentos à pele, variam com as revistas que aparecem pela mão das visitas.

Mas a Arminda Canivete não tem, ao contrário do que muitas pensam, essa alcunha por ser magrinha mas por ter morto um homem furando-lhe a artéria do pescoço com um canivete. Já cumpriu a pena de catorze anos, saiu e não tardou a voltar porque, para sobreviver lá fora, dedicou-se ao tráfico de droga. Foi nesse regresso que trouxe a mania dos romances de cordel e, sabendo que eu gosto de ler, tentou fazer-me partilhar a sua paixão, é uma amiga que lhos traz e eu, por delicadeza, para não a humilhar, aceito lê-los em diagonal para poder ter com ela essas conversas exclusivas. É boa pessoa, a Arminda.

Há muitos anos contou-me a sua história. Vivia sozinha com a mãe na maior miséria, a mãe a prostituir-se de vez em quando para lhe dar de comer até que arranjou um homem, comerciante de peixe, com filhos já crescidos, pulseiras de ouro e palavrão na ponta da língua.

A Arminda tinha doze anos, era virgem mas não inocente, a mãe antes do casamento costumava receber clientes no mesmo quarto onde ela dormia, não tinham outro, mas agora mudaram-se para a casa do peixeiro que tinha três quartos, um do casal, outro dos três filhos, todos homens, e o terceiro, pequeno e sem janela, era o da Arminda.

Não tardou que a miúda percebesse que os apalhões que o padrasto lhe dava não eram nada paternais, depois passou a rosnar-lhe propostas indecentes e um dia foi a própria mãe, temerosa de perder aquela providencial abastança, que lhe pediu que fizesse a vontade ao padrasto, porque naquela noite ela se sentia doente e muito cansada de carregar os caixotes do peixe.

O teu padrasto não perdoa, não me dá trégua uma só noite, nem as regras o impedem, toda a vida me ajudaste, ajuda-me nisto também, que, se ele nos deixa, voltamos àquela vida de miséria e eu estou gasta, queria envelhecer em paz.

A Arminda cedeu ao padrasto e pela mesma lógica cedeu aos três filhos do padrasto, a vida dela era um inferno, aos quinze anos encontrou-se grávida sem saber de quem, quando a criança nasceu e era uma menina, deitou-lhe as mãos ao pescoço e atirou-a para o contentor do lixo para que não sofresse um destino igual ao seu.

Andava sempre toda negra das brutalidades dos quatro homens, um, sabe Deus o que custa a aguentar, vê lá tu quatro, Guita Coxa, a minha mãe não me podia valer porque também levava a sua dose de porrada, era tudo por aquela certeza de uma malga de sopa à hora da ceia e o peixinho garantido na mesa, a pingar azeite no pão e na batatinha cozida, à hora do almoço.

No dia dos meus dezoito anos o meu padrasto quis fazer uma festa, disse aos filhos que convidassem os amigos, eu e a minha mãe passamos o dia todo a assar sardinhas e a servir-lhes vinho tinto, à noite fizeram fila à porta do meu quartinho, os da casa diziam que eles tinham de me dar uma prenda de anos, houve um que teve a má ideia de despejar os bolsos na mesinha de cabeceira, eu agarrei no canivete suíço dele e já sem saber muito bem o que fazia espetei-lho no pescoço, calhou de acertar numa veia principal, o homem despejou todo o sangue em cima de mim, porcaria por porcaria já tudo me era indiferente, entregaram-me nessa mesma noite à polícia, vim aqui parar naquele dia de que certamente te

lembras, em que a porta se fechou atrás de nós com aquele fragor do inferno e tudo se acabou para nunca mais.

Mais tarde, para acomodar na memória a única coisa que verdadeiramente a magoava e que era a indiferença com que a mãe consentira em tudo aquilo, começou a mudar a história, a dizer que estava inocente e que tinha sido a mãe para a salvar que, num acto heróico, tinha ido lá esfaquear o rapaz, mas que ela se entregara à justiça por amor à mãe e também porque o padrasto e os filhos a acusaram a ela porque não queriam ficar sem o tempero que a mãe fazia, como ninguém, para a salada de tomate, pimentos e pepino.

Carla Abigaíl era uma jovem linda e ingénua que ansiava por ajudar sua pobre mãe.

Quando a Lina decidiu que não tinha filha nenhuma, o meu primeiro impulso foi mandar-me para os Alcatruzes e chorar todas as minha mágoas no ombro da avó Adelaide. Mas a Berta pediu-me que não fosse, naquele momento não, porque o marido tinha de retribuir uns jantares e eu fazia-lhe a maior falta para a ajudar a organizar tudo. A Berta tinha o condão de me fazer sentir indispensável e sendo assim adiei a minha ida para a época das férias deles, altura em que fechavam a casa durante um mês e iam viajar.

A Berta ainda perguntou se eu não queria reconsiderar e ficar a tomar conta da casa, eu era a única pessoa no mundo em que ela confiava e com tantos assaltos que fazem no verão às casas desocupadas e ela com tantas pratas e assim... ficava muito mais descansada se eu... Valeu-me o Manecas, que lhe chamou egoísta e não achou justo privar-me daquelas merecidas férias.

Fui procurar a paz e encontrei-a. Na alegria das manhãs, no silêncio dos crepúsculos, na confiança dos serões, nas noites bem dormidas, nos olhos doces da minha avó.

Ela não compreendia muito bem por que é que, quando a minha mãe me expulsou, eu não tinha ido ter com ela e preferira aquela situação de quase criada da Berta, eu própria não sabia explicar, disse que na época estava muito confusa, mal da cabeça, a fazer uma vida esquisita e que a Berta tinha sido a solução mais próxima e imediata e que de facto não era criada dela, sentia que lhe devia muito e apenas queria retribuir a sua disponibilidade.

A minha avó não insistiu. Eu não lhe contei o aborto, as drogas, as bebedeiras, as camas avulsas, para que aquelas paredes e aquele coração, tão limpos, não fossem tocados pelas coisas sujas da minha vida.

Acabei por lhe contar os problemas económicos e logo me arrependi porque ela insistiu em que lhe desse o número da minha conta bancária onde iria depositando, na medida das suas possibilidades, um dinheirinho de bolso para as pequenas despesas do dia-a-dia.

Aliás, não te estou a fazer favor nenhum. É só um adiantamento, tudo o que tenho um dia será teu, não tenho outra herdeira.

Mas tinha.

Carla Abigaíl ansiava por ajudar sua pobre mãe que um dia, ao visitar um primo na serração onde este trabalhava, se encostara descuidadamente a brincar com os caracóis das aparas e uma serra descontrolada lhe decepara o braço abaixo do cotovelo. Sim, querida leitora, a mãe de Carla Abigaíl era maneta.

Vários Setembros consecutivos estreitaram ainda mais os laços que me atavam com força à minha avó. Lembro-me que no último, que marca o fim das minhas alegrias, ela me pediu que ficasse a viver com ela, mas eu sentia-me tão comprometida com a Berta, tão certa de que ela não me perdoaria uma

deserção, que disse à avó Adelaide que, excepcionalmente, voltaria no Natal, mas para isso tinha que fazer múltiplos acordos com o casal que me abrigava.

Foi numa manhã de Novembro que a Amália cozinheira me telefonou a dizer que a minha avó tinha morrido de repente, a menina Lili desculpe eu só lhe ligar hoje, mas a sua mãezinha só foi avisada na sexta-feira depois de eu sair, no fim de semana não vim, só soube hoje quando cheguei. Foi a Rosa que atendeu o telefone, quem ligou foi o padre, que achou o número nas coisas da sua avozinha, a chamada era para si, mas a senhora disse à Rosa que não lhe dissesse nada, nem a Rosa sabia o seu número e a sua mãezinha foi para o Algarve logo no sábado de manhã.

A Berta nem me fez perguntas quando me viu meter num saco uma muda de roupa e uma escova de dentes e sair a soluçar pela porta fora, morreu a minha avó, não sei quando volto.

Quando cheguei aos Alcatruzes a minha avó estava, é claro, enterrada e a Lina tinha partido, não sem antes pôr a casa à venda, servindo-se de uma procuração que eu lhe tinha passado em tempos para resolver assuntos relacionados com o falecimento do meu pai.

Contaram-me como tudo tinha acontecido. Na quinta-feira de manhã o padre estranhou não a ver aparecer com o pão para a bênção e decidiu ir visitá-la. Encontrou-a na cama, com os sintomas evidentes de um acidente cardiovascular, chamou o médico, mas não conseguiram levá-la para o hospital, a quilómetros de distância. Vou morrer, disse ela com o bocadinho de boca que a trombose poupou. Vou morrer e quero morrer na minha cama. E morreu no dia seguinte, durante o sono.

Quando, tardiamente, consultei o caderno onde ela assentava alguns telefones, verifiquei que o meu estava em Berta e o da minha mãe em Altino, foi para aí que ligaram, foi aí que não me encontraram, foi aí que alcançaram a única pessoa que podia destruir o meu sonho de envelhecer nos Alcatruzes.

Trouxe as receitas da minha avó, os livros e o jarro com a paisagem azul. Pousei tudo em casa da Berta e fui fazer uma cena à minha mãe.

Encontrei-a mais sardónica que nunca, a garantir-me que nunca lhe tinha passado pela cabeça que eu estivesse interessada naquela porcaria, que de facto lhe pertencia por ter sido casada em comunhão total de bens com o meu pai e tudo quanto queria era ver-se livre daquela indesejada herança e daquele fedor de galinhas chocas.

Despejei em cima dela todos os gritos do meu desgosto, da minha saudade daquela avó injustiçada pelos preconceitos idiotas de uma nora egoísta e medíocre e ela respondeu-me todos os horrores que lhe vieram à cabeça.

Enquanto falava eu reparava que ela tinha envelhecido imenso, as mãos tremiam-lhe, a magreza, especialmente na cara, era quase cadavérica, com o nariz a sobressair e a dentadura postiça larga e oscilante.

Estás uma autêntica bruxa, pensei, e assustei-me por descobrir que não sentia nem um resto de ternura por aquela mulher.

Disseme depois a Amália que a discussão comigo a deixou prostrada, meteu-se na cama atascada em comprimidos, andou dias pela casa a falar sozinha como uma alma penada e às vezes gritava que o meu pai e a minha avó iam de noite ter com ela para a atormentar.

São os remorsos, disse eu, e lembro-me de pensar que eventualmente me tornaria tão má e tão doida como ela. Mas os deuses, ou talvez os demónios, tinham outros planos para mim.

Quando a esposa estéril de Raimundo António, dos Antónios de Miami, recebeu dos braços do esposo o almejado herdeiro roubado à pobre Carla Abigaíl, sentiu que o coração lhe estalava de tanta felicidade.

-- Dona Gioconda -- disse a camareira -- ah! que linda criança! E como se parece com o meu patrão, senhor Raimundo António!

-- Louquita! Respondeu a inocente Gioconda. Pois não sabes que meu esposo mandou vir este menino da Colômbia, comprou-o a uma família miserável e transportou-o num dos barcos de sua imensa frota pesqueira que o tornou um dos homens mais ricos de Miami por, além de peixe, transportar também outros bens de largo e difundido consumo?

-- Oh, sei, dona Gioconda, mas a verdade é que por um feliz acaso, que lhe permitirá enganar toda a gente, incluindo sua maquiavélica sogra, o menino é a cara chapada do senhor António, dos Antónios de Miami, e nem Nossa Senhora de Guadalupe, de quem sou devota, me convence do contrário.

Em casa da Berta a minha prestação doméstica era já um dado adquirido. Eu fazia as compras, cozinhava, dirigia a Dorinda nas limpezas, encarregava-me das pratas, do faqueiro e dos cristais que a Berta não confiava a mais ninguém, especializei-me a engomar fatos de homem e blusas de seda natural, atendia o telefone com voz de secretária e a porta com ares de governanta, só faltava ter um ordenado, mas em contrapartida a Berta sustentava-me literalmente, enchia-me de elogios e de presentes, confiava-me o carro e dizia, leva o meu porta-moedas, a minha carteira, o meu casaco, o meu chapéu-de-chuva, numa intimidade total, numa confiança reconfortante. As frases mais pronunciadas naquela casa eram pede à Lili, a Lili faz, a Lili sabe, a Lili ajuda, a Lili resolve.

Mas nem tudo eu podia resolver.

Um dia o Manecas saiu cedo para ir a Madrid tratar de negócios. Era costume, ficava dois dias e voltava. Era também rotina a Zézinha entrar quando ele saía e tudo corria bem no melhor dos mundos.

O Manecas saiu, foi à esquina comprar o jornal e tomar uma bica antes de partir e quando chegou ao carro verificou que se esqueceram das chaves. A Zézinha, que lhe espreitara a saída, já se tinha enfiado na cama da Berta ainda adormecida, com aquela ligeireza de que só as magrinhas são capazes.

Situação clássica, o marido volta atrás e encontra as duas na cama. Nos preguiçosos beijos da manhã.

Não disse nada. Pegou nas chaves e saiu, o que nos deixou num pânico maior do que se tivesse desatado aos tiros.

Não voltou. Deixou-nos dias e dias numa angustia horrível, nem sabíamos até que ponto ele se inteirara da situação, a única resposta a esta dúvida era aquele silêncio que durou mais de um mês.

Por fim chegou uma carta registada, datada de Madrid:

Berta

Não quero o divórcio porque não pretendo ficar com a fama de corno de vaca. Se perguntarem por mim, digam que fui viajar. Na tua conta aparecerá mensalmente uma quantia, diferente daquela a que te habituei, mas suficiente se souberes economizar. Nunca mais te quero ver nem ouvir falar de ti.

Metes-me nojo.

Manuel José

P. S. Diz à Lili que apreciei muito a sua lealdade, não a ti, que a escravizas, mas a mim, que a sustento.

Tive que levar com isto e muito mais, como consequência das ditas economias. Porque a primeira coisa que a Berta fez foi despedir a Dorinda e deixar-me inapelavelmente amarrada a ela, para o bem e para o mal.

Aqui, na solidão da minha insónia, penso às vezes que devia ter sido mais enérgica quando a minha mãe se desfez da casa da avó Adelaide. Estava talvez a tempo de anular a venda, embora o comprador fosse a Junta de Freguesia e o objectivo a construção de um lar para idosos que, penso eu, ainda hoje lá está.

A Lina fez figura de altruísta vendendo a propriedade por tuta e meia assim que o Presidente da Junta a abordou e lhe deu parte dos seus propósitos. E ela, como nora devotada, só pôs como condição que o lar se chamasse Casa de Repouso Adelaide Gaspar.

Se eu me tivesse mexido talvez tivesse agora um lugar a que chamar meu para quando o sistema me rejeitar e me puser no olho da rua, mas naquele tempo, além de estar pouco lúcida com o desgosto da morte da minha avó, tinha a Berta a convencer-me que os Alcatruzes sem a avó Adelaide não eram mais que um negócio de galinhas a que eu não saberia dar andamento e não havia nenhum motivo para uma mulher nova ir enterrar-se naquele remoto lugar.

É claro que a Berta, que nesse tempo não passava necessidades, não queria de maneira nenhuma perder a minha abnegada contribuição para o governo da sua casa.

Mas quando o Manecas a deixou e começamos a ter sérios problemas económicos, dizia-me de vez em quando, que disparate teres deixado a Lina vender os Alcatruzes assim sem mais nem menos. Podíamos ter agora uma óptima fonte de rendimento. Mas sempre foste uma parvinha, sempre deixaste que a tua mãe te comesse as papas na cabeça.

A Zézinha, que se instalou lá em casa, entregava na íntegra o seu ordenado de bibliotecária, a Berta tinha a mesada, eu entrava com todo o trabalho. Era uma sociedade até certo ponto equilibrada.

Custava-me bastante a engolir a relação daquelas duas que funcionavam como um casal e eu tinha que me sujeitar às perguntas da porteira, aos remoques das vizinhas, às indirectas do merceiro da esquina.

Disse uma vez à Berta que elas podiam ser menos óbvias e a Zézinha, numa das raras vezes em que lhe ouvi a voz, disse-me que se eu compreendesse a paixão, total e desinteressada, que ultrapassa o preconceito, o julgamento alheio, a vida e a morte, o bem e o mal, compreenderia a adoração dela pela Berta, a sua sujeição, a sua exigência, o seu amor.

Sentime nauseada com este discurso, dei meia-volta e fui engomar lençóis, mas ainda ouvi as gargalhadas da Berta, ela não percebe nada disto, só gostou de um chinês que lhe fez umas porcarias.

Cordélia, nunca digas neste mundo desta água não beberei, ninguém sabe o dia de amanhã, dizia-me a minha sábia avó.

Um dia, estava eu já há cinco anos no Pavilhão 1, quando vejo passar à porta da minha cela uma rapariga que caminhava como uma deusa, branca como o leite, nariz perfeito, boca cheia e olhos de um azul-porcelana. O cabelo era preto, atado numa trança grossa que lhe caía nas costas.

O que é que faz aqui esta maravilha, murmurei eu, aparvalhada.

Burla, segredou a Arminda atrás de mim. Entrou ontem, apanhou seis anos.

E eu pensei que seis anos, com os descontos e a liberdade condicional, eram bem poucos dias para vê-la passar.

Não sabia ao certo o que queria dela, talvez um beijo na sua pele de nardo, em todo o caso mais nenhum contacto físico, supunha eu, apesar das carências que uma mulher sofre na prisão.

Queria vê-la, nunca me saciava de olhá-la, comecei a ir às consultas queixar-me de dores na anca claudicante para ter analgésicos que me servissem de moeda de troca, fui fazendo um stock de sabonetes, bâtons, um colar de missangas, um elefante de peluche cor-de-rosa, para poder presenteá-la um dia, se tivesse coragem.

Os meses passavam e ela não perdia aquela branca imaculada da face, o rosado da boca, a sombra das pestanas. Era séria e distante, só uma vez no refeitório, sentada de costas para mim, pousou o queixo no ombro da colega, virou devagar a cabeça, olhou-me nos olhos e, imperceptivelmente, sorriu.

Considereei este sorriso como uma etapa fundamental das nossas relações imaginárias, quase enlouqueci de alegria, pensei oferecer-lhe de uma só vez tudo o que ao longo de meses tinha colecionado para lhe dar prazer e ainda, quem sabe, juntar a minha roupa interior de renda preta que guardava há cinco anos no fundo do saco de cabedal.

A minha amada tinha o curioso nome de Eva Maria Adão, Eva Adão, como se simbolizasse as minhas duas metades, e eu ficava a pensar naquilo, como é que o meu lado masculino tinha vindo ao de cima na simples contemplação daquele anjo caído.

O anjo roubou um dia o relógio de pulso de uma guarda, todas sabíamos que tinha sido ela e então eu acusei-me, disse que o tinha tirado para lhe oferecer, ela devolveu o relógio sem uma palavra, eu fiquei fechada na cela, feliz com o meu gesto romântico, à espera da única recompensa que me importava e que era outro sorriso, desta vez mais explícito, mais cúmplice, que significaria reconhecer e aceitar a minha adoração.

Mas isso não aconteceu. Quando depois do castigo voltei ao refeitório, ela nem sequer me olhou e eu fiquei desesperada, soluzei, fiquei doente, a Arminda só dizia, ela não vale a ponta de um corno, não sei por que te mortificas, e eu lembrei-me das palavras da Zézinha, a Arminda não compreendia a paixão, total e desinteressada, que ultrapassa o preconceito, o julgamento alheio, a vida e a morte, o bem e o mal.

A Eva Adão foi-se embora sem nunca se ter dignado saber que eu existia e durante anos fiz força para pensar que aquele único sorriso que um dia me concedera tinha sido uma promessa de amor e não uma bofetada de escárnio.

Quando Carla Abigaíl saiu da prisão-hospital-manicómio com a sua cabeleira postiça, as suas lentes de contacto e o seu novo nome de Moema Soraia, achou uma maneira astuciosa de penetrar na casa de Raimundo António e ver o seu filhinho de perto: ofereceu-se para preceptora da criança e não tardou que os seus encantos pessoais conquistassem o interesse do irmão mais novo do antigo amante, que por ela se apaixonou e a pediu em casamento.

Este irmão era quase tão rico como o outro irmão, porém seus negócios eram legais. Então, no dia em que o céu abençoou seu matrimónio com uma fecunda gravidez, Moema Soraia, aliás Carla Abigaíl, aproveitando a euforia do esposo, lhe contou sua triste história e lhe mostrou os documentos que sonagara e que provavam que Raimundo António era um vil traficante de heroína.

Num volte-face digno da mais requintada literatura, a heroína, digo, a protagonista, perdoou sua cunhada Gioconda que lhe devolveu a criança e a quem foi permitido dormir no quarto da empregada enquanto o esposo narcotraficante apodrecia numa inóspita masmorra.

E assim os maus foram castigados e os bons foram felizes para sempre, incluindo a mãe maneta e a sua prótese de alta tecnologia.

A Amália cozinheira telefonou-me na maior aflição a dizer que a minha mãe tinha desaparecido. Não conseguia perceber a história dela e disse-lhe que se acalmasse que eu ia lá.

A Amália e a Rosa temiam que lhe tivesse acontecido alguma coisa e que não pudessem avisá-las porque a Lina saíra sem levar a carteira com todos os documentos.

A menina sabe como a mãezinha é. Volta atrás trinta vezes para apanhar as coisas de que se esqueceu, dar mais uma ordem, fazer mais uma recomendação, leva umas coisas e larga outras e ontem foi assim, tinha consulta no médico dos malucos, ou lá o que é...

Psiquiatra, disse a Rosa. Tinha consulta às duas horas.

Levantou-se, vestiu o saia e casaco castanho, a blusa de seda estampada, aquela bege com peixes verdes.

Isso não interessa, Rosa, conta à menina a que horas é que ela disse que voltava.

Interessa, sim. Se a menina Lili tiver que fazer uma identificação, Deus não permita, disse que voltava o mais tardar às quatro, para a Amália ter uma sopa preparada e quem sabe um peitinho de frango corado.

Meti-me no carro que a Berta me tinha emprestado e fui falar com o médico, que me disse que a minha mãe tinha lá estado e que a tinha achado tão confusa que lhe recomendara que deixasse o carro e apanhasse um táxi para casa.

Quando foi pagar a consulta é que reparou que não tinha a carteira e o psiquiatra emprestou-lhe dinheiro para o táxi e recomendou-lhe que chegasse a casa e se metesse na cama.

Ela disse que podia guiar, mas levava o dinheiro para uma eventualidade, comer qualquer coisa e meter gasolina.

Viram-na sair bastante incerta, a enfermeira ofereceu-se para a acompanhar até à rua, mas ela recusou e não voltámos a vê-la.

Avisei a polícia, liguei para os hospitais mas ninguém sabia de nada.

Foi só no dia seguinte que me apareceram em casa da Berta dois polícias à paisana para me pedirem que os acompanhasse, pois havia na morgue do hospital de S. José dois corpos por identificar. Eram vítimas de um choque frontal de automóveis e um dos indivíduos era do sexo feminino.

Tive dificuldade em reconhecer a Lina, com a cara em frangalhos, nua, tapada com um lençol. Um empregado estendeu-me um monte de roupa suja de sangue e reconheci no mesmo instante o seu perfume no fato castanho, na blusa onde nadavam peixes verdes entre algas cor de mostarda.

A Lina Sant.ana Gaspar, com tanto respeito pelas aparências, só por uma unha negra não foi enterrada na vala comum.

Pega-se no tabuleiro com tudo o que sobrou do peixe assado, espinhas, molho, alguma batata, peles, etc., e rapa-se para uma panela com água, pouco sal, um caldo de peixe, um cravo de cabecinha, um ramo de cheiros e deixa-se ferver enquanto à parte se prepara um refogado com cebola, tomate, alho, piri-piri, ervas para peixe, louro e vinho branco, até formar um molho espesso.

Aí deita-se o caldo onde ferveram os restos de peixe já coado, e deixa-se ferver tudo uns quinze minutos.

Corta-se às fatias para uma terrina pão da véspera, lança-se por cima o preparado a ferver e acompanha-se com ovos escalfados.

Se for o caso, enfeite com camarões.

Mas não era o caso.

Estávamos nós na maior penúria, a tentar vender o carro, a fazer render o ordenado da Zézinha, a apelar para a minha imaginação culinária para aproveitar restos de peixe e reciclar as aparas dos bifés, quando o advogado da minha mãe me procurou para falar da herança.

Eu tinha pedido às criadas que se mantivessem lá em casa, que havia de aparecer dinheiro para lhes pagar até eu resolver o que se fazia.

A Rosa não quis ficar. Disse que mais tarde passaria por lá, se houvesse dinheiro recebia o mês que tinha em falta, se não houvesse paciência, não era por aí que o gato ia às filhós. A Rosa era pernóstica mas boa rapariga. Imagino o que terá aturado à minha mãe nos últimos tempos. Resolvi mentalmente que

a compensaria se viesse a tocar nos proventos da Lina.

A Amália disse logo que me tomava conta da casa e que não queria pagamento nenhum por isso. Era com muito gosto que manteria a casa limpa e até a mostraria a possíveis compradores se a minha decisão fosse vendê-la.

O advogado explicou-me que a casa tinha imenso valor pois estavam a querer comprá-la para construir um prédio de dez andares, mas que além disso a Lina tinha rendimentos, acções e duas chorudas contas bancárias passíveis de serem canceladas com a assinatura dele.

De repente transformei-me numa mulher rica. Pensei vender a casa e ir viver para fora do país, esquecer tudo e começar uma vida nova, estabelecer um rendimento à Berta para que não me chamassem ingrata. Mas alguma coisa me amarrava a isto, àquelas recordações dolorosas, à casa onde o meu pai morrera, onde eu partira as pernas e agonizara depois do aborto, onde a minha mãe me martirizara, onde a Laura me aparecia para me pôr enigmas e me lembrar que eu tinha uma missão. Estava mais que visto que nunca saberia qual, mas não perdia a esperança de o descobrir.

Vendo a casa, Berta?

Claro que não.

Não? Mas porquê?

A Berta esticou as pernas sobre o supedâneo de tapeçaria, recostou-se no sofá, cruzou os braços atrás da nuca e disse, mudamo-nos para lá, é o mínimo que me debes depois de tudo o que fiz por ti.

Sendo a casa numa rua sossegada, com vistas para a Serra de Sintra e espaço para estacionamento, a Berta imaginou fazermos ali um restaurante, com habitação no primeiro andar.

Eu encarrego-me das relações públicas, disse ela, tu diriges a cozinha e a Zézinha trata da administração.

Rejubilou com esta providencial complementaridade, como se o céu nos juntasse para os altos voos da restauração.

Eu não queria. Protestei até ao limite das minhas forças, que eram poucas, e era preciso não conhecer a Berta para acreditar que ela não levaria a sua avante.

E assim, no dia da inauguração, quase me convenci de que a Berta estava certa, ao ver a casa tão bonita, cheia de gente de dinheiro que não se cansou de elogiar a comida, a decoração e o serviço.

Já que a casa tinha mesmo que ir para obras, foi fácil transformar o escritório em bar, forrando as paredes manchadas a madeira clara, ligar directamente o salão à sala de estar e encher tudo de mesas, simplificar a passagem para a cozinha, fazer no hall de entrada uma bonita recepção.

Voltei a ocupar o meu antigo quarto, a Berta e a Zézinha ficaram com o da Lina, e o dos hóspedes manteve-se como estava para qualquer eventualidade. Mas tudo foi ficando diferente. Todo o espaço, incluindo o do andar de cima, foi sendo invadido por outros objectos, outros móveis, outros cheiros e outros sons que lhe mudaram a alma e a personalidade. Já não era a casa dos meus pais.

Subo na memória ao sótão da minha infância e o ranger da porta é já uma passagem para o mistério. Tudo, como dantes, está envolto em penumbra e poeira, e as aranhas, que estenderam os seus bordados de baba, aprisionam as traças alvoroçadas com a súbita entrada de outra luz. No chão há colchões enrolados, com desenhos de ferrugem no riscado e atados com grossos cordéis.

Encostados às paredes estão velhos móveis partidos, a cabeceira de uma cama com embutidos claros e não é preciso procurar para encontrar um estojo vazio de contra-fagote com os fechos estragados.

Sobre um sofá de flores castanhas, manco e esventrado, estão pilhas de revistas antigas. Na cómoda, a que falta uma gaveta, encontro postais com vistas de terras que já não são assim. E

numa caixa de cartão forrada a chita encontro um terço partido, pedras de dominó, a tampa de uma boa caneta, uma tesourinha de prata que perdeu o fio, uma flor de papel, um polidor de unhas com cabo de madrepérola, um pequeno ábaco de contas coloridas, uma fita verde muito bem enrolada, uma boquilha de marfim manchada de antigas nicotinas.

Fico tempos sem fim a observar estes tesouros, sentada na cadeirinha baixa de buinho que costumava ser minha, com o cotovelo esquerdo apoiado no carrinho de bebé cuja capota pende em frangalhos e a que faltam duas rodas do mesmo lado.

Tudo me prende aqui.

Lembro-me ainda hoje que nessa incursão sentimental, às escondidas das minhas sócias, fiquei decepcionada por não ter encontrado a Laura.

Fechei a porta e guardei a chave onde nem eu fosse capaz de encontrá-la.

A primeira discussão surgiu com a escolha do nome do restaurante. Todas fizemos listas de nomes mais ou menos idiotas, As Três Amigas, Cantinho das Primas, Pousada da Serra, Arroz-Doce, Mesa Posta, O Bom Garfo, A Terrina, A Colher, quando a Berta deu um grito de eureka e declarou, vai chamar-se O Chão da Berta.

O Chão da Berta?

Sim, O Chão da Berta!

Mas... o restaurante... não é só teu.

E o que é que isso interessa? Estás a dizer que a casa é tua, é?

Não, mas...

Já sei! Queres antes Chão da Cordélia! Ou Casinha da Lili!

Talvez Cabaret da Coxa? Que culpa tenho eu se o meu nome é bonito e o teu é inapresentável!

Deixa lá. Eu tenho razões para gostar dele.

Que bom para ti! Vai ser O Chão da Berta e não se fala mais nisso.

A Zéinha assistiu muda à discussão, como era seu hábito, mas quando eu saí do escritório a chorar deve ter-lhe dito qualquer coisa, porque daí a bocado a Berta veio pedir-me desculpas. Tinha dito aquilo da coxa sem intenção, foi só uma maneira de falar, ela nem nunca se lembrava do meu defeito, aliás tão insignificante que quase não se notava.

Mas quando distribuí as tarefas não deixou de recomendar, Lili, tu não me apareças a coxear pelo meio das mesas quando estiverem fregueses porque dá um bocado mau aspecto.

Mas aí já a escritura estava assinada, ao contrário do dia, muito anterior, em que tive direito a desculpas.

O restaurante chamou-se Chão da Berta. Ela lá condescendeu em deixar cair o artigo.

Ao fim de seis meses já tínhamos uma clientela fixa, sobretudo ao jantar, e que eram senhores de posição com companhias femininas variáveis, pois sendo o restaurante relativamente retirado, prestava-se a este género de frequência.

A Berta decidiu abrir o bar às seis horas da tarde e com o tempo veio mesmo a desistir dos almoços, que eram menos rentáveis, e a entreter os frequentadores com todo o seu charme de anfitriã requintada.

Passámos a ter uma vida mais sossegada. Eu não precisava de ir às cinco da manhã para o mercado da Ribeira e elas podiam ficar na cama até à uma, com a desculpa de que os serões se prolongavam pela noite adentro, já à porta fechada.

A passagem de restaurante-bar a bordel de luxo foi acontecendo de maneira subtil diante dos meus olhos e perante a minha passividade, que poderia ser interpretada como perversa, visto tratar-se da casa

dos meus pais.

Mas quem pensasse assim não conhecia a Berta nem imaginava do que ela era capaz.

Dora Elisângela era uma jovem linda e ingênua que ansiava, mas enquanto os olhos me correm pela história consabida, a memória, não sei porquê, leva-me a um tempo remoto em que eu, muito criança ainda, gostava de ir à mercearia do senhor Andrade fazer pequenas compras a pedido da cozinheira.

Eram tempos em que as crianças andavam à vontade pelas ruas do seu bairro, todos as conheciam e acarinhavam e era vulgar ver miúdos de cinco, seis anos, com a moedinha apertada na mão, na padaria, no droguista, no merceiro ou mesmo na taberna a aviar um quartilho de vinho tinto.

As minhas saídas autónomas limitavam-se ao senhor Andrade, com uma fugidinha à carvoaria, não para comprar carvão ou petróleo, mas para ver o corvo Vicente, que passeava com ares de patrão e cumprimentava os fregueses com o seu autoritário crocitar.

Na mercearia gostava de ver o pequeno marçano a sair com o cesto rectangular às costas para distribuir as encomendas das senhoras e encantava-me, logo à entrada, a grande caixa branca e cúbica dos esquimauz, antepassados do esquimó fresquinho, mas incomparavelmente mais deliciosos, com a sua cobertura de chocolate e o seu recheio de sorvete de baunilha.

Lá dentro, passava para trás do balcão e ficava a ver o senhor Andrade ou o filho Rafael a meterem o corredor nas tulhas alinhadas do grão, do feijão, do arroz, da farinha ou do açúcar e encherem, sobre a balança, cartuchos de papel pardo com risquinhas encarnadas.

E que mais há-de ser, e a freguesa lembrava-se que o sal estava a acabar, ou o café, ou o macarrão manga-de-capote, mandava cortar um pedacinho de chouriço de carne, uma delgada fatia de presunto e eu tomava consciência do cheiro bom dos enchidos que nos saudava desde a porta pintada de verde.

Também achava bonito ver mergulhar a escumadeira no alguidar das azeitonas ou observar os gestos de partir a manteiga, fresquíssima, com a faquinha de madeira, colocá-la no papel vegetal e pesá-la, perdoando os poucos gramas a mais, porque o merceiro orgulhava-se do seu golpe de vista e não dava o braço a torcer quando excedia a quantidade exacta.

à saída, o senhor Andrade desenroscava a tampa prateada do frasco jacente dos rebuçados de fruta e dizia-me que tirasse três, que era a conta que Deus fez, e eu escolhia um de papel laranja-claro, outro vermelho e outro amarelo, tangerina, morango, limão, e guardava-os no bolso do bibe para chupá-los mais tarde, sentada a conversar com os peixes, na beirinha do lago do meu jardim.

Dora Elisângela era uma jovem linda e ingênua que ansiava por ajudar seu pobre pai mudinho de nascença.

Esta noite vou conseguir adormecer.

A Zézinha passou por mim a chorar, subiu a escada e foi fechar-se no quarto, e eu percebi que o Major Henrique Madeira devia ter largado uma das suas bojardas, saudada pela gargalhada cúmplice da Berta.

Era sempre assim. Ele chegava por volta das cinco, tocava a campainha da porta ainda fechada e a Berta mandava logo a Júlia abrir. O Major instalava-se no bar, dizia uma ordinarice à Júlia, pedia-lhe um uísque e mandava chamar a dona da casa, que evidentemente era a Berta e que a essa hora já estava elegantíssima, maquilhada, perfumada, pronta para o convívio descuidado e a conversa picante da noite.

Enquanto não batiam as seis e a porta não se abria, acontecia a Zézinha, ou eu, ou as duas, aparecermos no bar para tomar, a Zézinha um uísque, eu um chá, sabíamos perfeitamente que a Berta detestava ver-nos por ali, mas não havia figura jurídica ou hierárquica que pudesse excluir-nos, só mesmo as piadas desagradáveis com que tentavam humilhar-nos e fazer-nos sentir desconfortáveis. E

nisso eram ambos mestres. Era para nós muito óbvio que queriam ficar sozinhos, a mim era-me indiferente, mas para a Zézinha eram facadas e percebendo isso o Major era de uma crueldade quase monstruosa.

Ele tinha começado, ainda no tempo em que servíamos almoços, por aparecer com uma amante muito vistosa chamada Bárbara, era um nome que não se usava na época, soubemos depois que era um nome-de-guerra, o nome dela era Adelina.

Aos poucos o Major começou a aparecer sozinho, a insinuar-se à Berta, a tornar-se indispensável, a arranjar as bebidas de contrabando, a sugerir alterações ao funcionamento da casa.

às vezes a Berta saía com ele para uns passeios misteriosos, chegavam para jantar, vinham a rir cheios de subentendidos, uma vez ficou fora todo um fim de semana e quando a Zézinha lhe perguntou com a sua voz átona, onde é que foste, se é que posso saber, ela respondeu, claro que podes, fomos a Espanha ver restaurantes no género do nosso, ou melhor, como o nosso poderia ser se nós não fôssemos umas parvas.

Ficámos sem perceber o que é que isto significava até ao dia em que o Major trouxe duas raparigas arranjadas de mais, bonitas de mais, novas de mais (mas a Zézinha assegurou-se de que não eram menores, pedindo-lhes a identificação, o que a Berta considerou uma enorme falta de chá) e o Major disselhes que entretivessem os clientes solitários, que não sei porquê, abundavam no nosso estabelecimento.

Assim, aquelas meninas, Carla e Fernandinha, passaram a fazer parte da mobília e a ganhar percentagem sobre as garrafas que os seus companheiros ocasionais pediam. De restaurante para boas famílias o Chão da Berta foi-se transformando em casa de alterne e de casa de alterne em casa de putas na noite em que o Major, já muito bebido, levou a Fernandinha para o quarto de hóspedes.

A Júlia desabafou comigo que não lhe agradava trabalhar naquelas condições, mas a situação dela era delicada e não dava margem a grandes esquisitices: a Júlia vivia com um basco fugido aos rigores franquistas com quem não casava para não levantar a lebre da clandestinidade, mas tinha por ele uma paixão desmedida e sabia que se caísse no desagrado da Berta, o Atutxa seria imediatamente denunciado às autoridades.

Ele era nosso jardineiro, jantava lá, esperava na cozinha até à meia-noite pela Júlia, que acumulava as funções de recepcionista com as de empregada de bar, havia sempre para ele uma cervejinha servida pela minha indispensável Amália, e ainda levavam o necessário para o almoço do dia seguinte. Esta situação de dependência tornava-os praticamente escravos da Berta.

Se a Júlia tinha achado inaceitável que o Major levasse a Fernandinha para o quarto de hóspedes e mais tarde os seus amigos seguissem as suas pisadas e a Carla as da Fernandinha, imagino o que terá pensado quando teve de engolir sapos bem mais viscosos.

O primeiro, foi o Major sugerir-lhe que se juntasse ao grupo e extrapolasse a sua função. Perante a sua indignada negativa, ele inventou uma das suas gracinhas abjectas e passou a chamar-nos, a ela, à Zézinha e a mim, as três da vida chocha, a freira, a fufa e a coxa.

A Berta disfarçava o riso, mas via-se que delirava com esta estupidez natural que o caracterizava e, enquanto as notas lhe saíssem do bolso como pombas dos ombros das estátuas, ela estaria pronta a aplaudir os seus dislates.

O segundo sapo, bem pior de engolir, aconteceu depois da revolução, quando já era possível pôr nos jornais anúncios do género, meninas maiores de idade, modernas, desinibidas e com muito boa apresentação para lugar de futuro, e era a própria Júlia quem as recebia e as endossava à Berta, que acabou por escolher uma loira capitosa e uma mulata escultural, ambas lindas e rodadas na profissão.

Passava-se tudo com a maior naturalidade, elas chegavam como se fossem freguesas, iam até ao bar, confraternizavam com os senhores de posição e como sabiam comer à mesa, vestir bem e falar inglês, faziam-lhes companhia ao jantar e pela noite fora, o que a seu tempo veio a desalojar-me do meu próprio quarto para a antiga sala de costura onde nunca ninguém tinha costurado nada, nem no tempo da Lina, que fizera daquela divisão um híbrido entre saleta e quarto de vestir.

É claro que a Berta não se moveu do quarto principal da casa.

Um dia disse-me, precisávamos de ter mais um quarto. Porque quando os dois estão ocupados...

Estás a sugerir que eu vá dormir para o quarto da criada? Por que é que não vais tu?

Ah! Estamos então com as garras de fora!

Não é garras de fora. É que já me chateia o suficiente ter que ceder o meu quarto para fins inadmissíveis. Nunca devia ter consentido nisto.

Mas consentiste e agora é tarde. A verdade é que a Carla, como era analfabeta, não aguentou a concorrência e foi-se embora, mas resta a Fernandinha. E o que era rentável era cada uma ter o seu quarto.

Ela que fique com o quarto da criada que está transformado em despensa mas tem espaço para um divã.

Deu-me vontade de rir imaginar a Fernandinha e o Major a fazerem as suas piruetas entre grades de cerveja e sacos de batatas, mas a Berta levou a mal a minha gargalhada e atirou-me, se dependesse de ti, esta casa já tinha falido. Estamos juntas...

o quê? Há catorze anos? É pena, mas não aprendeste nada. Este restaurante é uma mina de ouro mas não é com certeza a ti que isso se deve.

Ai, isto é um restaurante? Eu pensei que era uma casa de passe, para não dizer outra coisa.

A mim pouco se me dá o que tu pensas. Se não estás satisfeita, vende a tua quota ao Major, que não quer outra coisa, e vai cavar batatas para os Alcatruzes.

Era bom, não era? Mas dessa estão vocês bem livres.

O que leva uma pessoa relativamente normal, como eu julgava que era, a enterrar-se mais e mais na lama onde meteu os pés? O

que é que me fez agarrar a uma situação insustentável que não fazia senão piorar? Por que é que não escolhi seguir o conselho da Berta e não me libertei de tudo aquilo?

Talvez porque fiz sempre as escolhas erradas, talvez porque me sentia mais presa do que me sinto hoje, talvez porque um resto de amor-próprio me impedia de oferecer a minha casa e o meu património às maquinações da Berta, talvez porque havia um cliente introvertido e solitário chamado Filipe Martins.

-- Minha amada Dulcineia -- disse Arquibaldo Luís a sua esposa estéril. -- Reservo-te uma maravilhosa surpresa.

-- Diz, meu adorado esposo. Mas sabes que nada pode alegrar-me desde que tomei conhecimento da minha esterilidade.

-- Pois acabo de resolver esse problema, encomendando no exterior, melhor dizendo no Brasil, uma criança cujos pais não podem sustentá-la e que me é vendida por bom preço.

O que Arquibaldo Luís não disse à crédula Dulcineia é que se tratava de seu próprio filho que Dora Elisângela daria à luz dentro de poucas semanas.

E porque o dinheiro tudo pode, tinha combinado com o pessoal da clínica que a parturiente seria devidamente anestesiada para que pudessem tirar-lhe a criança, dizer-lhe que nascera morta e entregá-la a Arquibaldo Luís para assegurar a descendência ilustre dos Luíses de Miami.

Entretanto o caviloso Arquibaldo Luís daria ordens na cobertura do prédio fronteiro à baía, no sentido de ser alugada a outros inquilinos, e quando Dora Elisângela chegasse da maternidade dir-lhe-iam que não era bem-vinda ali onde perdera a sua luxuosa morada.

Durante a ausência da jovem na maternidade, Arquibaldo Luís aproveitou também para mandar o pai mudinho para um asilo de alienados onde o pobre homem ingressou sem poder, por motivos óbvios, fazer ouvir o seu protesto, o qual exprimiu com sons guturais sem nexos e gesticulação intraduzível. Esta forma de expressão dava-lhe verdadeiramente a aparência de louco, pelo que lhe puseram um colete de forças e o esqueceram numa cela à prova de som.

Por que é que nunca consegui ser feliz? Hoje vejo claramente que era essa a minha única obrigação, mas alguma coisa saiu trocada na minha vida, nunca desenhei os gestos que me dariam alegria, nunca cumpri os actos que me trariam paz.

Só o meu tear me traz um arremedo de felicidade e às vezes ponho-me a sonhar que, saindo daqui, talvez pudesse tornar-me tecedeira profissional, mas para isso precisava de capital de arranque e o que juntei ao longo dos anos neste modesto trabalho não vai chegar nem para a sobrevivência dos primeiros tempos, se não arranjar rapidamente um emprego.

Não tenho a serenidade suficiente para esperar que cada dia tome conta de si próprio e torturo-me nesta incerteza do meu nebuloso amanhã.

Mas agora estou aqui a fazer passar a lançadeira na cala e a pensar que sou, que somos, o fio que não conhece o desenho em que está inserido e a que vai dando forma, inexoravelmente, até cumprir o seu destino de fio, de teia, de tecido.

São coisas que eu penso nas minhas horas leves, em que as mãos sorriem e o coração divaga.

Talvez porque a minha vida sexual era um deserto, comecei a transpor para a culinária a minha sensualidade reprimida. Sonhava com frutos eróticos e aromas afrodisíacos e de manhã a Amália ficava perplexa com os devaneios do meu tempero.

Com base nas receitas da minha avó, tentava inventar variantes que tornassem as minhas criações de algum modo únicas e inconfundíveis.

Comecei por introduzir a alegria como ingrediente na preparação dos pratos do dia, e a azáfama da cozinha, onde a Amália reinava sobre três súbditas-ajudantes, transformou-se, de caos e gritos estridentes, no ritual estimulante que antecipa a festa dirigida aos sentidos. A mistura dos cheiros, os sabores provados na palma da mão, as névoas aromáticas que se escapavam de sob as tampas propositadamente inseguras, a alma das cebolas, dos alhos, da hortelã, do coentro, do aipo, devidamente inalada, dava-me toda a sabedoria dos paladares que eu mandava levar à mesa dos meus comensais mais receptivos como um presente suplementar de sensualidade e requinte.

Alarguei a panóplia dos meus temperos a experiências gustativas menos usuais, como as que se conseguem a partir do endro, da caiena, da curcuma, do cerefólio, do gengibre ou mesmo do estragão ou do tomilho, que todos mencionam mas poucos utilizam. Também a canela, usada fora do reino das sobremesas, começou aqui e ali a apaladar uma carne ou a integrar a receita do meu próprio pó de caril, uma excitante amálgama de várias especiarias.

Habituei os clientes que encomendavam dois ou três pratos a provarem uma pequena porção de gelado de limão entre os paladares para limpar as papilas gustativas e apreciarem devidamente a excelência da comida e o espírito dos vinhos.

Este foi também um capítulo que aperfeiçoei com a imprescindível ajuda do meu chefe de mesa, que acumulava funções de enólogo e de escanção e sabia, não só, que vinho servir com cada prato, mas ainda como combiná-los harmoniosamente na mesma refeição.

Sendo os vinhos portugueses dos melhores do mundo e sendo a minha ementa quase cem por cento portuguesa, orgulhá-vamo-nos da nossa garrafeira que abarcava todas as regiões: o Alvarinho, o Porto branco seco, o Pico e o Madeira para os aperitivos, os verdes, os Lafões, os Bairradas para as entradas leves como ostras, amêijoas e charcutarias, e todos os outros que adornavam os mariscos, os peixes, a caça, as carnes brancas e vermelhas, os queijos e os doces.

Se é certo que com os mariscos podíamos servir um branco levemente doce como Bucelas, Colares ou Douro, já com peixes quentes escolhíamos um branco mais aveludado como Dão, Vidigueira, Borba ou Palmela. Com criação e caça de penas, um grande Dão envelhecido, um Reguengos, um Colares, mas para as carnes vermelhas, assadas ou grelhadas, um Reguengos encorpado, talvez um Palmela, um Ribatejo, um Dão menos austero.

Depois vinha o ritual do queijo.

Para que o vinho soubesse roubar ao coração do queijo a sua secreta essência de flor do cardo, era indispensável escolhe-lo entre as maiores preciosidades da garrafeira, excelso no encorpado e no bouquet, velhos vinhos do Dão, de Reguengos de Monsaraz, de Borba ou Colares e então o queijo de Serpa, de Évora, de Azeitão, de Castelo-Branco, o saloio de Loures ou o incomparável Serra amanteigado, largavam na boca os mistérios do seu esplendor.

No doce e na fruta, o paladar acalmava, descansava de tanta exaltação. E só com o café, uma sábia mistura de robusta e arábica moída na altura e feito em balão à vista do cliente, se servia uma aguardente velha e se permitia a concessão de um conhaque francês.

Por causa de todo este empenhamento que pus nas tarefas que me cabiam naquela sociedade, alguns clientes começaram a querer conhecer-me, a pedir-me o favor de vir tomar um café ou uma bebida com eles e a culpa era do chefe de mesa que a todos os elogios especiais mencionava quase em segredo, a fada da nossa cozinha é a senhora dona Cordélia. Os clientes mais esclarecidos encontravam uma analogia encantadora entre o culto do paladar de que eu dava testemunho e aquela princesa do mesmo nome, para sempre ligada à simbologia do sal.

E se a Berta não me queria ver a coxear pelo meio das mesas, não teve outro remédio senão habituar-se a ver-me sair da cozinha para agradecer os cumprimentos que os gourmets mais cultivados me prodigalizavam.

Repetiu a toda a gente que me vestia demasiado mal para poder aparecer na sala de jantar ou no bar sem envergonhá-la, sem arruinar a estética do seu ambiente e não raro enfeitava-se ela com os elogios que me cabiam, dizia que eram receitas da família dela transformadas por algumas inspirações quase divinas que a invadiam nos momentos mais inesperados, durante a noite ou na hora de compor os bouquets em harmonia cromática com as toalhas e o desenho da loiça (uma invenção da florista de que a Berta também se arrogava a autoria).

Foi na sequência deste interesse que o meu trabalho suscitava em alguns clientes que conheci o Filipe Martins.

Vinha jantar quase sempre muito tarde, muito só e muito triste, eu já esperava por ele, deixava a cozinha em stand-by para que lhe não faltassem os pratos preferidos e quando ele começou a reclamar a minha presença à sua mesa tive de inventar que o conhecia de longa data, porque de outro modo a Berta proibia-me de me sentar com ele e muito menos de fazer-lhe companhia ao jantar. Tive de lhe pedir que me desse dois ou três tópicos da sua vida para poder sustentar a minha mentira e assim fiquei a saber que era rico de nascença, dono de uma empresa e estava a atravessar um doloroso processo de divórcio.

Talvez por ser feia e coxa eu era a confidente perfeita, ele podia abrir o seu coração sem segundas intenções e o vinho que o chefe de mesa escolhia para nós, era óptimo indutor de sinceridades.

Aprendi a conhecê-lo, a apreciá-lo, a tornar-me sua amiga e, com o tempo, a amá-lo, serenamente e em segredo.

VI

Homicídio premeditado e qualificado, disse a tia Zulmira.

Dezanove anos por ter, de livre e espontânea vontade, envenenado o meu homem.

A tia Zulmira é a mulher mais querida e respeitada de toda a prisão. Todas apreciam o seu carácter, a sua generosidade, o seu conselho maternal. Está sempre disponível para arbitrar uma briga, consolar um choro, ouvir uma confissão. Consubstancia, para muitas de nós, a figura idealizada da mãe.

Nunca está ociosa. Trabalha nos tapetes de Arraiolos e nas suas horas vagas tricota casaquinhos e gorros para os filhos das presas que ficam, até aos três anos, na companhia das mães. Das suas mãos de fada saem trabalhos da maior perfeição, vestidinhos, bordados, batas, uma blusa melhor para as vaidades de alguma que vai de precária. Tudo faz com naturalidade e sorrisos, dispensa agradecimentos, só quer ver as pessoas felizes.

Sabemos que matou o marido e perguntamo-nos que tipo de monstruosidade terá ele cometido para levar a tais extremos uma pessoa de bem como a tia Zulmira.

As filhas, os genros e os netos visitam-na sempre, rodeiam-na de muito amor, nada se decide na família sem o seu douto parecer, venda de courela, pintura da casa, compra de vaca leiteira. A tia Zulmira tem de seu e, se Deus quiser compensá-la, preparam-lhe uma velhice cheia de carinho e conforto.

Pois casei muito cedo, os casamentos lá na minha aldeia eram arrançados pelos pais, eu era filha única de pais velhos, o que eles mais queriam era verem-me arrumada para poderem partir descansados, Deus guarde as suas almas, e assim me entregaram no altar àquele homem, já feito e herdado, com uma boa casa, gado e terras de sementeira.

Vi logo que ele era bruto, em casa dos meus pais era tudo mimos, as minhas mãos eram branquinhas, se a minha mãe me via no tanque e era inverno, vinha de lá com uma cafeteira a chiar para destemperar a água fria, passava-me uma escalfeta de rabo nos lençóis para não me constipar de noite e os meus sapatos iam para o sapateiro botar meias-solas antes que lhe aparecessem buracos.

Mas para o Inácio Carrazedas não havia mas nem meio mas, ainda não tinha dito o que queria já estava aos gritos, aos encontrões, à estalada, eu tentava acertar e nunca acertava, se as janelas estavam abertas queria-as fechadas, se fechadas abertas, tudo vinha carregado de palavrões que eu nunca tinha ouvido, se não lhe agradava o comer mandava-o pela pia abaixo, se a camisa lhe parecia mal passada rasgava-a em duas e depois queria-a cosida, tinha de lhe engraxar as botas com elas calçadas, ali de joelhos na pedra da entrada para depois as ir meter na lama bem à minha vista e dizer, fui-me casar com uma puta que nem sabe limpar um par de botas.

Não falei do mais feio e que era o mau trato que me dava na cama, não fazia nada sem me bater, sem me arrancar molhos de cabelos, sem me queimar com pontas de cigarros e nada o satisfazia, dizia que havia de trazer três mulheres da vida para se deitarem connosco e me ensinarem como é que se trata um homem macho.

Eu aguentava tudo em silêncio para não apoquentar os meus pobres pais, que já iam adiantados na idade e eram doentes, só pedia a Deus que não me desse filhos porque não ia suportar que lhes batesse.

Mas Deus deu-me três meninas, as primeiras com dois anos de intervalo, a terceira tinha a mais nova cinco aninhos e com grande admiração minha vi que ele tratava as meninas bem, às vezes uma tarefa por isto ou por aquilo, coisas de crianças, mas preocupava-se com elas, queria saber se comiam, se faziam os trabalhos da escola e a minha vida melhorou.

Não que ele deixasse de me bater, batia sim senhor e estava cada vez mais porco na cama, mas poupar as meninas já era para mim meio caminho andado para eu suportar o que tinha de suportar.

Mas um dia a mais velhinha, teria uns onze anos, apareceu-me com a cara toda negra de um lado e o

olho meio-fechado, o que foi isso, filha, caí do baloiço na escola, deixa ver e aí ela pôs-se a chorar e a tremer, foi o pai, mas ele diz que se eu contar à mãe que me mata.

E bateu-te porquê?

Ai minha querida mãe, não sei o que vai ser de mim, ele mandou-me despir a camisola para ver se já tenho os peitos crescidos, apalpou-os, meteu-os na boca, disse que se visse algum rapaz de roda de mim que lhe rachava a cabeça, depois quis-me tirar as cuecas, eu fugi e foi quando ele me agarrou e me bateu, disse que aquele corpinho já tinha dono, era só eu comer bem e já veria o que me ia acontecer, mas por agora havia só de me ir apalpando para me sentir amadurar.

Quando ouvi isto foi como se o mundo caísse em cima da minha cabeça, passei a viver num inferno, sempre a tomar conta das meninas sem dar a entender que sabia, passava noites em claro com medo que ele as fosse procurar ao quarto e os anos foram passando e eu sempre a perguntar-lhes se havia novidade, pois até a mais novinha estava a ficar uma mocinha. Elas diziam que não, que ele só olhava para elas de uma maneira esquisita, e às vezes apalpava-as como se fosse por acaso, viviam transidinhas de medo e uma manhã, na hora de saírem para a escola, estava ele a fazer sopas de café, deu um berro, até logo não chega, vem tudo aqui dar um beijo ao pai. Elas vieram, meio a fugir, meio de esguelha, mas ele apanhou a do meio pela bata, levantou-lhe a saia ali mesmo na minha frente, apalpou-lhe o rabo e disse, mas que belo cu, estás-te a fazer boa como ó milho!

Elas fugiram e eu fiquei com a malga do café na mão, o que é que tu disseste à tua filha, meu porco, que eu nem posso acreditar no que ouvi.

A minha malga voou logo por ares e ventos, foi-se escaqueirar na tijoleira e ele, era só o que me faltava ter-te agora de empecilho dentro de casa para me chatear na hora de comer aquilo que é meu e me pertence.

Tu cala-te Inácio que esse pecado Deus não te vai perdoar, as meninas são nossas filhas, se a gente não as guardar quem queres tu que as defenda?

Olha lá, minha azémola, meu bocado de puta, então tu pensas que eu ando a criá-las para quem? Belos bifos, bons enchidos, queijo do melhor, pão com pingue, leite com olhos amarelos e para quê? Para vir o primeiro marmanjo comer o que eu andei a criar para mim estes anos todos? Estás muito enganada! Quem as cria é que as come! São minhas e daqui não saem sem pelos menos eu me ter fartado delas e as ter fodido muito bem fodidas como aqueles corpinhos merecem.

Com isto riu-se até lhe cair a baba, que limpou nas costas das mãos e depois nas calças, eu sem saber o que dizer, ameaçá-lo não adiantava nada, só pensava, enquanto eu for viva Deus não há-de permitir que tal horror aconteça, este animal vai ter que me matar antes de pôr a mão na honra das minhas filhas.

Pensava eu que se arranjasse maneira de ele me matar com testemunhas, ia logo preso e largava as pequenas da mão, quando saísse estariam elas casadas, teriam quem as defendesse e lhe desse a ele uma cachaporrada nos cornos que era o que eu não tinha nem forças nem coragem de fazer.

Enquanto isso, vê-las crescer e fazerem-se lindas, o que para as outras mães é ventura e orgulho, era para mim tristeza e maldição.

No dia dos quinze anos da mais velha quis ele fazer uma festa, a menina disse-me, a mãe vai ver que é hoje, mas eu sosseguei-a, se alguma desgraça acontecer não é essa, então enchi-o de vinho, aproveitei ter a casa cheia de gente para puxar briga, ele estranhou-me, eu não era disso, quando ele veio para mim à estalada meti-lhe uma faca na mão e pedi mata-me, eu sei que é há muito tempo o que tu queres, mas ele deitou a faca fora e disse, a mulher está maluca, depois diz que eu é que sou mau.

à noite, já sem testemunhas, levei a maior tarefa da minha vida, o meu medo era ir parar ao hospital e deixar as meninas ao desamparo, vi que ele era esperto de mais para me fazer mal perante terceiros e que o meu plano não ia resultar.

Assim correu mais um ano, foi a vez da pequenina, com nove anos, começar a vomitar assim que ouvia a furgoneta do pai, metia-se na cama, não queria comer, eu com o credo na boca, o que foi Guidinha, conta à mãe por amor de Deus, nada, nada, sou eu que tenho medo dele, dá-me pesadelos, se pudesse matava-o.

Não digas isso, filha, que é pecado, mas um dia em que ela não parava de vomitar e eu já pensava levá-la às urgências, foi mesmo o Inácio que sem cerimónias me disse, até dá gosto vê-la tremer de medo, só porque eu lhe meto a mão na rata para ver se aquilo já pinta, está quase no ponto e as irmãs não esperam pela demora, não é tarde nem é cedo, vou-me a elas esta semana ou eu não me chame Inácio Carrazedas.

A minha cabeça parecia um vulcão, só pensava levar as meninas dali, mas como, se não era senhora nem de assomar ao portão, os meus pais tinham morrido, não tinha a quem me confiar, queria dizer, filhas, vão para a escola e não voltem que eu arranjo maneira de ele me matar e ir preso, mas não voltem como, era tirá-las dum perigo para as deixar noutra, no mundo ao deus-dará.

E naquela quinta-feira, era primavera, o Inácio apareceu para almoçar, o que não era costume. Estás doente, em casa a esta hora? Não, estou cheio de saúde, venho almoçar, dormir a sesta e esperar que elas cheguem da escola porque hoje é o dia de tomar posse do que é meu. Marcham as duas mais velhas, que aquelas carinhas já se andam a desperdiçar e se me sobrar tesão talvez vá também a pequenina que ultimamente com aquelas tremuras me anda a fazer uma ponta desgraçada.

Tenho que o matar, pensei, mas como? Talvez quando ele for fazer a sesta e Deus não permita que me falem as forças do corpo e da alma.

Mas foi pela boca do próprio Inácio que Deus, que tanto invoquei naquela hora, me mostrou o caminho.

Faz-me um guisado de borrego, apuradinho como tu sabes. Com bastante tomate e três malaguetas dessas que tens a secar enfiadas numa linha.

Tenho-as de conserva em azeite, disse eu, fica o molho mais picante, já outro dia gostaste, com a folhinha de loureiro e uma pitada de cominhos.

Já tinha a resposta. Fiquei tão calma como se aquele fosse o meu primeiro dia de paz. Era meio-dia, as meninas não vinham antes das quatro, pus-me a picar a cebola e o alho muito miudinhos, a estrugi-los no azeite, a fritar ali a carne e os temperos, com um bom bocado de chouriço, toucinho entremeado, pinguinhas de caldo para não pegar, enquanto as carnes cozinhavam descasquei batatas aos quartinhos, cenouras, vagens, uma mancheia de ervilhas tenrinhas, preparei o tomate para juntar no final da cozedura, não fosse endurecer a carne.

Cheirava que era um consolo.

Depois deixei que os legumes cozessem bem para largarem no molho o polme da batata, da cenoura, da ervilha, a minha colher de pau dava-lhe inda bem não a volta ao tacho e quando ficou pronto fui buscar dois pratos fundos de barro vidrado onde o Inácio gostava das comezainas mais avantajadas.

Enquanto ele esperava estiraçado no cadeirão de verga do alpendre, pus a mesa para a gente os dois, mas no prato dele, que gostava de picante e eu não, espalhei duas boas colheres de azeite onde conservava as malaguetas e todo o frasco do veneno das formigas Tudo vermelhinho, tal como o tomate do guisado.

Depois servi-o. Fui misturando devagar e estava ali a ver-me fazer aquilo até ter um prato bem composto, com os melhores bocadinhos de borrego, o chouriço à vista, o cheiro a cominhos a puxar a pinga.

Servi bem o meu prato, pus tudo na mesa, chamei-o, vê se está à tua vontade, que o cheirinho dá vida a um morto.

Devia ter dito dá morte a um vivo e isso passou-me pela cabeça, Deus me perdoe, parece até que estava com disposição para larachas.

Com o pão estaladiço e o vinho da pipa, o Inácio comeu e bebeu, estalou a língua, pediu mais porque lhe sobrou molhinho encarnado no fundo do prato, pus logo ali bastante e misturei bem para que não sobrasse nenhum, não havia perigo, ele lambeu com grandes bocados de pão e ainda disse, estás a ver? Tu quando queres atinas a fazer o comer, chega-me aí o queijo curado e meia duzinha de azeitonas retalhadas.

Depois foi-se deitar.

Eu tinha-me forçado a comer sem vontade nenhuma, como se nada fosse, tinha medo de alguma conversa do género, prova do meu, vê lá como o picante lhe dá graça, qual quê, ele nem olhou para o meu prato, só quis foi enfardar para dormir como um porco e ao acordar desgraçar as minhas três meninas.

Mas Deus é grande e usando-me como seu instrumento não consentiu que tal se desse. Quando elas chegaram da escola estava o Inácio a contorcer-se com dores na barriga toda, a querer lançar fora sem ser capaz, a gritar que o queijo curado lhe tinha assentado mal, na ambulância começou-a desfazer-se em diarreia e em vômitos, chegou ao hospital mais morto que vivo e eu fui à polícia dar parte de mim mesma e dizer que o tinha envenenado.

Vá para casa, tia Zulmira, a senhora é lá capaz de envenenar seja quem for, aquilo é apendicite, peritonite, foi ele que comeu uma grande pançada e agora está a pagá-las todas juntas.

Se ele morrer façam-lhe a autópsia e logo verão.

Assim foi.

Fui para casa sentar-me no alpendre à espera da minha hora, na mesma cadeira em que o Inácio tinha esperado a hora dele.

A tia Zulmira ficou um momento calada, sorriu, passou a mão habilidosa ornada de um dedal na carinha enrugada e acrescentou com uma ponta de ironia:

Apanhei estes anos todos porque os meus motivos, que teriam sido atenuantes, nunca puderam ser provados: as meninas, observadas pela medicina legal, estavam graças a Deus purinhas como quando vieram ao mundo. Fiquei por homicida que tinha andado anos a premeditar meter veneno no comer do meu marido só para ficar à vontade a gozar-lhe a pecúnia e a fazenda.

Mas agora a sério, gostei de vir presa, foi bom para a minha consciência, porque crime é crime e de muito boa vontade quero pagar o meu até ao fim. Tanto que, quando soubemos que o Inácio tinha morrido, eu disse às minhas filhas, sossegai, amores da minha alma, porque fui eu que o matei. E agora entra tudo nos eixos: eu vou presa e vós estais livres e para sempre seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fez-se um grande silêncio quando a tia Zulmira acabou a sua narrativa. Algumas tinham lágrimas nos olhos, não se pense que as assassinas são duras de coração, só a Arminda Canivete se levantou e, talvez a pensar que há mães e mães e que essa ideia lhe causava um desespero difícil de controlar, foi fechar-se um momento na cela donde voltou com o livro que andamos a ler a meias, O Regresso de Dora Elisângela, e refugiou-se no seu mundo de fantasia onde os pobres ficam ricos, os maus ficam pobres e os finais são felizes.

Quando Dora Elisângela saiu do manicómio, comprou uma cabeleira negra e longa, de franja, e umas lentes de contacto azuis, recuperou o filho perdido, arruinou o amante cruel, resgatou do silêncio o paizinho tartamudo, sempre impetuosa e irreconhecível sob o lindo e falso nome de Rosalba Açucena.

O Chão da Berta (este nome sempre me irritou para além do explicável e não gosto de o dizer nem em pensamento) era então um híbrido entre um restaurante de luxo que servia jantares e um bar de-pouco-mais-ou-menos que servia meninas.

A Berta bastantes vezes insistiu em lembrar-me que os meus sarcasmos não me isentavam de culpas, se é que as havia, nos aspectos clandestinos da nossa actividade. És dona da casa (eu só era dona da casa quando isso convinha à Berta), estás a par de tudo o que se passa, dás a tua autorização tácita, mas não te preocupes que aqui não há nada ilegal: o que se passa no andar de cima é do foro privado, e desses lucros não aparece rasto nos livros de contabilidade da Zézinha.

Quando um dia desabafei com o Filipe as minhas preocupações ele disseme, com a maior naturalidade, uma coisa que me deixou estarrecida, tomara que os negócios ilícitos do Major e da Berta se resumissem a uma discreta prostituição onde intervêm raparigas adultas, maiores e vacinadas. Eles estão metidos em negócios muito mais complexos, de que eu tenho conhecimento por uma daquelas coincidências difíceis

de explicar e até sei que estou na mira do Major e se alguma coisa correr mal ele vai achar que fui eu que o denunciei.

Fiquei em pânico. O meu sonho era que o Filipe estivesse a milhas de todos esses assuntos para que nenhuma inquietação perturbasse a nossa amizade. Mas nunca nada na minha vida se pareceu com os meus sonhos nem mesmo com os meus inocentes desejos e tive de passar a viver com aquele espinho de medo cravado no coração.

Tentávamos confraternizar com o grupo da noite para disfarçar desconfianças mas aos poucos começaram a surgir mal-entendidos porque a Berta começou a convencer-se que o Filipe olhava para a Zézinha com segundas intenções. A Zézinha era quase invisível de tão anónima, nem bonita nem feia, nem alta, nem baixa, só magrinha e pálida, com o cabelo curto, liso, penteado para trás das orelhas e um sorriso agradável que aflorava muito raramente, e não era com certeza o tipo de mulher para quem um homem olhasse segunda vez.

Mas a Berta começou a chamar-lhe sonsa e a avisar o Filipe que não a quisesse ter como inimiga, a ela Berta, que percebia muito bem que eu só servia de engodo para ele se poder fazer às outras mulheres da casa.

O Major teve um dia que a acalmar, disse-lhe que não se tratam assim os bons clientes e que se a Zézinha lhe fazia ciúmes então que ciúmes não faria ele à Zézinha, sabendo todos que ela, Berta, era o amor da vida dele e que o seu caso com a Fernandinha era só para disfarçar.

Tentámos todos fingir que aquilo era tudo uma brincadeira mas para o fim a coisa azedou quando o Major aconselhou o Filipe que se contentasse com a coxinha que lhe cabia em sorte ou então mostrasse que era homem, abrisse a carteira e levasse as três profissionais para o primeiro andar.

O Filipe levantou-se e antes de sair teve uma frase infeliz que não havia de cair em saco roto, Senhor Major Madeira, olhe que não é boa ideia provocar-me, sabe perfeitamente que posso fazer de si uma bolinha de papel e dar-lhe um piparote e atirá-la para o contentor do lixo.

Só eu sabia, ou pelos menos assim pensava, que esta não era uma ameaça física e quando as meninas seguraram o Major, que tinha ficado branco, de fúria ou de medo, não soube identificar na altura, todos pensaram que ele se preparava para esmurrar o Filipe, o que não aconteceu.

Mas não se pense que naquele bar só aconteciam coisas desagradáveis. às vezes havia noites de franca alegria, principalmente quando vinham empresários do Norte, homens cheios de dinheiro e boa disposição, que comiam, bebiam, exigiam a companhia das meninas e, se nem sempre subiam, nem por isso deixavam menos marcas dos seus cartões dourados.

Um deles, a quem chamávamos ternamente doutor Antoninho, explicava-nos que ia sempre ali na véspera de fechar um negócio e aquilo era já uma superstição, marcava mesa com antecedência, jantava na alegre companhia das nossas colaboradoras, às vezes encomendava expressamente mais duas ou três e ali ficava no bar até às tantas a tomar digestivos e a fumar charutos cubanos.

Uma noite deu-se um acontecimento insólito. A mulher legítima, uma espécie de esposa do Calisto Elói, irrompeu-nos pela casa adentro com o seu metro e meio de altura, os seus sapatos abotinados e o seu casaco de lontra, encontrou-o rodeado de beldades, incluindo uma no colo e outra no braço do cadeirão de veludo, e investiu contra eles, de guarda-chuva de seda verde-azeitona em riste.

ó filha, carago, dizia-lhe gentilmente o doutor Antoninho. Não me estragues o negócio de amanhã que o dinheiro também é para ti, canudo! Quantas vezes já tive que te repetir em trinta e seis anos de casamento que isto é um ritual, carago, estás careca de saber que as pegas me dão sorte! Só as pegas é que têm aquela energia que faz o meu dinheiro rolar para o lado certo, agradece o teu casaco de lontra aqui às senhoras putas e vai-te embora, Mariazinha, que amanhã por esta hora estás mais rica um colhão de massa, caralho! Isto de mulheres legítimas são mais burras que o chamberil onde eu pendurava os porcos e a corretã com que os içava no tempo em que era pobre e apanhava fruta com um corrupixel, porque ainda não sabia que as putas eram o segredo da minha fortuna. Desanda, mulher, tens aqui o nome do hotel e o número do quarto, pede a chave e mete-te na cama que já te lá vou aquecer os gadanhos quando acabar de atender aqui o meu querido putedo que merece toda a tua consideração. Vai, filha, não era caso para te teres incomodado porque o que tem que ser tem muita força e as putas dão-me sorte, o que é que tu queres? É a vida, carago.

E então começaram a chegar as cartas anónimas. Com a sua insídia, a sua intriga, o seu veneno. O Filipe recebia-as no escritório, lia-as para tentar decifrar a sua origem, pensou numa amiga da ex-mulher que já em tempos se entregara a esse tipo de práticas para liquidar um homem que a rejeitara.

A princípio eram apenas insultos. Mais tarde já mencionavam as tuas novas amantes. Por fim traziam veladas ameaças de morte.

A partir daí o Filipe rasgava-as sem as ler.

Para mim andava ali o dedo da Berta, até ao dia em que ela própria começou também a recebê-las, descobrimos isso porque uma vez deu um casaco à Júlia para pendurar e do bolso caiu um papel que lhe chamou a atenção porque era todo escrito com letrinhas recortadas da imprensa. O envelope não estava lá.

Cheia de medo das consequências a Júlia escondeu a carta e mostrou-ma e foi para mim uma facada ver que a carta anónima avisava a destinatária, cujo nome não vinha mencionado, da (muito improvável) relação da menina Maria José com o senhor doutor Filipe Martins. Dizia que se encontravam em local seguro e que ela reparasse nas saídas da menina Maria José, sozinha, pelo menos duas vezes por semana.

A Júlia confirmou. A Zézinha tem saído, sim, não sei quantas vezes porque não reparei, mas uma vez, ela que é de tão poucas falas, disse-me que andava num curso de ioga. Eu até achei estranho ela dar-me aquela satisfação, a dona Lili acha que era para tapar alguma coisa?

Não temos nada com isso, Júlia. São assuntos delas, elas que se entendam.

Mas ficou-me a badalar na cabeça aquela aberração do Filipe com a Zézinha porque eu achava, embora não houvesse nada entre nós, que o Filipe era meu. Maldita carta anónima, maldita gotinha de veneno que, por mais que eu não quisesse, me começou a roer o coração.

A segunda carta que encontramos dirigida à Berta, quase um mês depois (e sabe-se lá quantas teria recebido entretanto), estava toda rasgada aos bocadinhos no cesto de papéis do pequeno escritório improvisado junto da cozinha onde eu costumava sentar-me com a Amália a combinar as ementas.

Não pude deixar de ver aqui o dedo maquiavélico da Berta que, não querendo ser a única a sentir-se

atraiçoada, arranjou maneira de me dar a saber, como quem não quer nada, um facto que me magoava.

Percebi isto por uma qualquer intuição e estive mesmo para resistir à tentação de juntar os pedacinhos de papel e tentar decifrar o texto.

Não os encontrei todos, mas consegui ler bocados de frases, preciso de mais vinte contos, não quero prejudicar, a verdade vem sempre...

Portanto a Berta estava a pagar para conseguir estas informações ignóbeis, isto era o que mais me custava a crer.

Sentime tão desprezível, sentada ali à secretária, com a porta fechada à chave, a juntar bocadinhos de papel com letras de imprensa mal coladas, todas tortas a dizerem torpezas de que eu não queria tomar conhecimento, que decidi esquecer tudo.

Mas não pude deixar de observar a frieza com que a Berta tratava a Zézinha e eu própria não falava com o Filipe da mesma maneira, duvidava que ele viesse ao restaurante para jantar comigo e à noite deixava-os no bar e ia deitar-me mais cedo.

O Filipe começou a perguntar se eu estava doente, eu dizia não, não, é que às vezes à noite dói-me imenso a cabeça, isso acontece nos dias de mais movimento, acho que ando cansada, preciso de dormir um pouco mais.

O meu coração bateu com força quando ele disse que precisava de falar comigo a sós, talvez fora dali, uma segunda-feira, que era o dia em que estávamos fechadas, podíamos ir almoçar a Cascais, porque preciso muito, mesmo muito, de falar consigo.

Está bem, disse eu, a querer adiar essa informação que já me trazia lágrimas aos olhos só de pensar que a ouviria da boca dele. Está bem, Filipe, numa segunda-feira em que eu esteja livre, nós vamos.

Lili, insistiu o Filipe, é muito importante e urgente o que eu tenho para dizer. Só quero ajudá-la, porque gosto muito de si.

Cinco dias depois estávamos sentados num restaurante junto ao mar, eu a sentir-me feliz por poder imaginar que vivia num mundo sem Bertas, sem Majores, sem cartas anónimas, o Filipe a pedir-me desculpa por considerar que a refeição estaria muito aquém dos meus sumptuosos jantares. Mas era isso mesmo que eu queria: comida diferente, um lugar diferente, o mar a perder de vista e o Filipe ao meu lado sem testemunhas maldosas.

Saboreámos o almoço com todo o vagar, falámos de coisas felizes, mas eu não conseguia esquecer que, com o café, viria um assunto que só podia ser desagradável.

Era. Muito mais do que eu podia imaginar.

Poupo-a a pormenores, Lili. Mas vou ter que depor contra o grupo de traficantes a que o Major e a Berta estão ligados.

Receio mesmo que eles tenham alguma coisa escondida na sua casa e depois do meu depoimento haverá certamente uma rusga. O que lhe queria pedir é que saia do país, não se veja envolvida numa armadilha que não deixarão de lhe montar.

Eu não queria acreditar no que ouvia, lembrei-me do sótão, cuja chave tinha desaparecido e que era o único lugar onde nunca ninguém entrava.

O Filipe pediu-me que não verificasse coisa nenhuma, que me limitasse a fazer uma mala com o indispensável e a partir, ele estava disposto a ajudar-me financeiramente nessa fuga, se fosse necessário.

Mas eu ainda pensava que não ia ser preciso, que preferia ficar e ver as coisas esclarecidas.

Você não sabe com quem está metida, Lili. Lembra-se das cartas anónimas? Têm a ver com este assunto e não com o meu divórcio.

A última, que, não sei porquê, decidi abrir, ameaçava-me de morte se eu não saísse do país antes de

depor. Estou cada vez mais convencido que é a Berta que as manda.

Impossível. A Berta também anda a recebê-las. E dizem...

Dizem,

Que... isto é ridículo, eu sei. Dizem que a Zézinha é sua amante.

A gargalhada do Filipe foi tão genuína que tive a certeza de que andava a mortificar-me sem nenhuma razão. Fiquei tão aliviada que quase me pareceu indiferente que houvesse cocaína no meu sótão.

Fazemos então uma coisa, Filipe. Partimos juntos.

Impossível, querida. Estou em posição, antes não estivesse, de ajudar a dismantelar uma rede de bandidos. Tenho que depor, é a minha obrigação.

Não discuti, só pude admirá-lo.

Quando cheguei a casa passei o resto da tarde à procura da chave do sótão. Finalmente encontrei-a numa velha caixa de sapatos cheia de bijuterias esquecidas.

A Berta tinha saído com o Major. As duas empregadas estavam de folga. Também não encontrei a Zézinha.

Subi silenciosamente a escadinha estreita, para verificar, em pânico, que a fechadura tinha sido mudada.

Tive a certeza de que tudo era verdade.

Desci a escada a correr, tomada pelo pior pressentimento da minha vida.

A minha avó dizia que há homens que nunca crescem, ficam eternamente crianças, a brincar às guerras, aos negócios, aos mágicos, aos heróis, aos polícias e ladrões e somos nós, do fundo das nossas cozinhas, das nossas oficinas, quintais, cortes, enfermarias, berçários, fábricas, escolas, escritórios ou armazéns, que temos de crescer e aguentar os pilares do mundo, a loucura dos homens, a vida e a morte.

Pensava nisto muitas vezes quando via os nossos clientes, já bem bebidos, rebentarem em discussões infantis como se o bar fosse o recreio da escola.

Mas naquela noite, que por ser domingo era sempre mais fraca, não aconteceu nada disso. Estava tudo no maior sossego. A Zézinha, que estava com gripe, não tinha descido. A Fernandinha tinha faltado pela mesma razão. Às tantas a Loira tinha subido com um cliente, a Mulata estava à conversa com outro, a Júlia ao balcão, o Major a namorar a Berta com carícias mais óbvias do que as habituais, a Billie Holiday em fundo a cantar os seus blues e eu a falar com o Filipe sobre um livro que tinha descoberto e me encantava, Como o Tempo Passa, de Brasilac.

O Filipe não conhecia. Fiquei de lho emprestar logo que acabasse, mas não resisti a ir buscá-lo para lhe ler uma passagem lindíssima, uma noite de amor em Toledo...

Queria seduzi-lo, sim. Cada um usa as armas que tem e eu, que tinha poucas, sabia que o nosso ponto de contacto era mais intelectual que físico.

Não vá agora, Lili. Não me deixe aqui sozinho...

Eu ri e saí apressada do bar, tentando disfarçar ao máximo o meu defeito, como sempre fazia quando era necessário atravessar uma sala e vencer a minha timidez. Fiquei grata ao casal Mulata/cliente que se levantou quase em simultâneo, desviando de mim as atenções. A Júlia saiu atrás deles para lhes dar os agasalhos, estava uma noite fria lá fora, eu subi a escada e quando estava a estender a mão para a minha estante, ouvi o tiro.

Percebi instantaneamente o que tinha acontecido. O Major matou o Filipe, disse alto, com uma lucidez exagerada. Aproveitaram ficar a sós com ele e mataram-no.

Desci como uma sonâmbula, entrei no bar e caí de joelhos diante do Filipe, inanimado, no chão. Não

chorava, mas os soluços faziam estremecer todo o meu corpo. Naquela mesma sala onde sujara as mãos no sangue do meu pai, sujava agora as mãos no sangue do homem com quem tivera a ousadia de sonhar construir uma vida.

Pega na arma, estúpida, disse a Berta. Pega na arma ou queres que te apanhem nesses lindos preparos?

Na minha desorientação reparei que ao lado do meu joelho estava caída uma pistola, apanhei-a, lembro-me de pensar que estaria quente mas estava fria, fiquei a olhá-la como uma imbecil, a Berta deu-me um safanão para que lha entregasse e ela recebeu-a, com as mãos em concha, no cachecol do Major.

Como um cordeirinho, saltei pelo meu pé para o altar do sacrifício.

Chamaram a polícia. A Berta e o Major garantiram que eu tinha discutido com o Filipe, por causa duma carta anónima que eu recebera a dizer que o Filipe, que era meu amante, me atraía. A Berta fingiu que extraiu do bolso das minhas calças a carta, que me pareceu aquela primeira encontrada pela Júlia e entregou-a ao agente. O crime passional estava montado. A arma tinha as minhas impressões digitais e havia testemunhas oculares.

A Berta, com o maior descaramento, afirmou que a Júlia lhe tinha dito que eu não subira a escada mas que fora ao vestiário buscar qualquer coisa ao bolso do sobretudo do Major, embrulhada no seu cachecol de seda. Talvez o Major estivesse com frio e fosse apenas o cachecol de seda, mas tinha-se logo verificado que não, até para o facto da arma pertencer ao Major a Berta tinha arranjado uma explicação.

A Júlia, aterrada, a pensar no seu Atutxa, lavada em lágrimas, confirmou.

A Berta insistiu. A Lili, a Cordélia, disse que ia ao quarto buscar um livro, mas como se vê não trouxe livro nenhum. Andava a receber cartas anónimas e como é um espírito fraco, coitadinha, e às vezes tem atitudes violentas e pouco normais... Já quando o pai se suicidou, abandonou a mãe e foi de férias para o Algarve. Quando a mãe morreu, não a vi deitar uma lágrima. E

agora cometeu esta loucura. O doutor Filipe Martins, imagine-se, tão boa pessoa!

Veio então à baila o dia em que eu, provocada até ao limite pelo Major (mas isso ela omitiu) tinha dado, sem mais nem menos com os braços em tudo o que estava em cima do balcão do bar e tinha partido catorze copos. Isto era verdade, mas contado fora do contexto fazia de mim uma destrambelhada.

Não foi, Júlia? Não foi?

A Júlia era minha amiga, fez o que tinha de fazer: renegou-me três vezes ainda antes de cantar o galo.

VII

Aquela casa era portadora de má sorte. Trouxera a desgraça à família da Laura, à minha família, a mim em particular e, num confuso desejo de vingança, eu acreditava que, num futuro longínquo, a casa mastigaria a Berta e a cuspiria como um caroço de ameixa por sobre os grades do jardim.

Este pensamento, tão pouco cristão, ajudou-me a dormir a noite passada, talvez por ter dobrado aquele cabo das tormentas da memória e navegar agora pelas portas da prisão adentro, num mar de calma se comparado com tudo o que vivi.

Não quis atardar-me nas recordações do julgamento onde, muito pior que a sentença, foi ter ouvido os depoimentos mentirosos e injustos de pessoas em quem confiava. A meu favor, ou do meu carácter ou da minha inocência, testemunharam apenas a Amália e o meu chefe de mesa, com elogios inúteis mas muito consoladores.

Depois foi o estrondo da porta a fechar-se atrás de mim, um som definitivo como o do cutelo do carrasco e que, como diz a Arminda e muito bem, nos fica agarrado às vísceras até ao fim dos nossos dias.

O pior da prisão era sobretudo o desconforto, que me fez perceber que, apesar de todas as minhas desgraças, tinha sido sempre uma privilegiada.

Tinha frio, detestava a comida e por isso tinha fome, horrorizava-me ter de fazer as necessidades na presença das minhas colegas de cela, entrar na fila para os despejos e ter de sair militarmente para o conto, a contagem das presas que acontecia à noite e de manhã.

Aqui no regime aberto é tudo completamente diferente, está-se tão bem que eu ficava cá, se me deixassem, até à hora da minha morte.

Mas não me deixam. Vou ter que enfrentar aquele vazio lá de fora e tenho medo. Medo da liberdade, que é para mim uma casa sem portas nem janelas, sujeita a todos os temporais. Medo da minha inépcia para arranjar trabalho, para enfrentar uma cidade que, segundo me dizem e se depreende das notícias da televisão, se tornou um caos, um lugar inóspito que rejeita os próprios habitantes.

Ao fim de seis meses de reclusão tive a enorme surpresa de receber a visita da Júlia, que desfeita em pranto me vinha pedir perdão.

Eu já lhe tinha perdoado, compreendi perfeitamente o que aconteceria ao Atutxa se ela não seguisse à risca as ordens da Berta e preocupei-me que a Berta descobrisse aquela visita, ainda por cima a um domingo, com o restaurante a funcionar. Mas a Júlia disse que desde aquele dia ela não pensava noutra coisa senão em despedir-se, tinha que ser a bem com um forte motivo, inventou que tinha o pai a morrer quando o Atutxa arranjou maneira de viajarem para a América do Sul, iam partir daí a dois dias e ela não conseguia ir-se embora sem me pedir desculpas.

Dona Lili, disseme ela. Há outras coisas que a senhora tem de saber. As cartas que a gente encontrou eram mesmo escritas pela dona Berta, de propósito para a senhora as ler, para depois dizer que tinha atirado no doutor Filipe por ciúmes.

Já calculávamos. Mas como é que descobriste?

A Zita foi passar a ferro aquelas calças cinzentas de flanela da dona Berta que têm bainhas viradas para cima, lembra-se? e encontrou uma data de letrinhas metidas na bainha, até guardou um Z, que era a letra dela, para colar no plástico do passe social.

Foi tudo premeditado. Não consigo engolir esta maldade horrível que ela lhe fez.

Deixa lá, Júlia. Entre um cúmplice rico e poderoso e uma sócia incómoda, quem é que tu achas que

ela metia na cadeia?

Um cúmplice rico? Mas não foi o Major que matou o doutor Filipe. Foi a dona Berta. Eu vi.

Contou-me então que quando eu subi a escada e o casal saiu, ela fechou a cortina do vestiário onde pendia apenas o sobretudo do Major e ia a entrar no bar quando ouviu a voz da Berta, no seu tom mais agudo e irónico.

Com que então o Filipe pensa que vai depor contra nós? Nem imagina como está enganado!

Levantou-se e estendeu na direcção dele as duas mãos com o cachecol do major amarrotado e eu só percebi que tinha a pistola embrulhada quando ouvi o tiro e vi o doutor Filipe, que vinha a caminhar para ela, cair desamparado no chão.

Fiquei tão nervosa que fui fechar-me na casa de banho a vomitar, mas senti que tinha de ir ver se o doutor Filipe estaria vivo e se seria preciso chamar uma ambulância.

A dona Lili tinha descido entretanto, estava de joelhos junto ao corpo a gritar Filipe, Filipe, Filipe e a dona Berta a pousar no chão a pistola mesmo junto à sua perna.

O Major saiu à pressa do bar, não sei onde foi porque depois voltou, mandou-me calar quando eu perguntei se não era melhor pedir uma ambulância e ainda gritou, ninguém mexe em nada que eu vou chamar a polícia.

Não me lembro de nada disso. Não me lembro de gritar pelo Filipe, acho mesmo que quis gritar e a voz não me saiu, lembro-me, sim, de pegar na arma e de pensar que o Major tinha fugido, quando, desorientada, o procurei com os olhos.

Para dizer a verdade nunca quis pensar nos pormenores do que teria acontecido. Achei sempre que tinha sido o Major e que não valia a pena dissecar a armadilha montada contra mim, porque tenho a certeza que nunca houve presa mais fácil, mais idiota, mais participativa, foi quase como se tivesse ensaiado o papel que me cabia e isto amachuca de mais o meu restinho de amor-próprio.

Que injustiça, dona Lili! E pensar que os ajudei! Nunca mais vou estar em paz com a minha consciência, chorou a Júlia, nunca mais!

Vais sim. Levas o meu perdão total e o meu desejo sincero de que sejas muito, muito feliz com o teu Atutxa.

Fiquei depois a pensar que de facto o Major era demasiado covarde para enfrentar os riscos de um homicídio e a Berta suficientemente fria e decidida para, tendo todo o plano montado, não deixar escapar a primeira oportunidade que se lhe deparasse.

E a pistola? Como é que estava na mão dela? O Major trá-la-ia sempre com ele para o que desse e viesse? E o cachecol? Tinha-o provavelmente ao pescoço, mas ninguém se lembrou disso. E de que adiantaria lembrar? Afirmar isso era defender-me, e ninguém ia meter-se nessa alhada e ficar com a Berta por inimiga.

Sendo assim vou tentar dormir. Amanhã tenho de estar bastante activa para adiantar o trabalho de tear que trago entre mãos. Faltam treze dias para sair e, por uma vez na vida, quero deixar completo algo de bom.

Quando cheguei aqui e disse às minhas colegas que estava inocente, elas responderam a rir, ai filha, não te canses, estamos todas!

A burla que me trouxe aqui? Foi o meu patrão que a cometeu, era a minha palavra contra a dele, e os

ricos, já se sabe, têm sempre as costas quentes.

A heroína que apanharam no aeroporto no forro da minha mala?

Foi o meu namorado que a lá meteu. Eu nem sabia que ele andava ligado a essas poucas-vergonhas.

O tiro no meu amante? Foi o meu pai que o deu para lavar a honra da família, mas a minha mãe implorou-me que me acusasse na vez dele, o pai faz muito mais falta, não és tu que vais trazer o sustento para mim e para os teus cinco irmãos.

Por isso nunca contei a minha história, nunca a acomodei às palavras, nunca finalizei uma versão oficial e, pior que isso, nunca exorcizei os meus fantasmas, as minhas dúvidas, as minhas dores.

É talvez por isso que tenho insónias e vivo com este redemoinho dentro da minha cabeça, a perguntar-me se a minha memória me traiçoa, se foi tudo assim ou se foi tudo diferente, se estou a atenuar os meus erros e a ampliar as culpas dos outros.

Não sei. Afinal subi todo o calvário das recordações para ver onde é que a minha vida descarrilou e continuo sem resposta. Provavelmente já nasci descarrilada e por isso, como um vagão enlouquecido, tanta vez me esbarrei, me virei e entornei a carga que acabei na sucata.

Queria falar com a Laura, mas ela nunca mais me procurou.

Agora que te vais embora quero contar-te a minha história, disse-me a Patrícia.

Não contes, Patrícia, sei que não tens boa fama entre as reclusas e eu nunca quis saber porquê.

Ora, porquê. Porque tenho um curso superior, porque não me misturo com elas, porque requisito livros na biblioteca, porque às vezes me chamam para ajudar nos serviços administrativos e porque pertença a outro meio social. O teu.

É por isso que te quero contar a verdade, porque é natural que encontres pessoas que me conheceram quando eu era alguém e pagava as despesas e os convidava para as minhas várias casas ou para o meu barco.

Não me dou com ninguém, Patrícia. Por amor de Deus, poupa-me às tuas megalomanias.

Pois o caso é todo esse. É que eu não sou megalómana, nem mitómana, nem esquizofrénica como vocês me acusam.

Há pessoas ricas no mundo, ou não há? Pois eu era uma delas, não tenho culpa de ter sido a herdeira única de pais ricos e avós ricos de um lado e de outro. Era tudo meu. Tudo meu. Não havia nada que eu pudesse desejar, a não ser um grande amor, uma grande paixão.

Ah! Também andas a ler os livros de cordel da Arminda Canivete!

Isso é bom para ti. Eu leio Proust.

E mostrou-me A Fugitiva, que já várias vezes lhe tinha visto na mão.

Mais uma prova de que não temos nada a ver uma com a outra.

Fica-te com a tua história que eu, com a minha, já tenho com que me entreter.

Conheci o mundo todo, insistiu ela. Corri todos os casinos da Europa e foi em Monte Carlo que conheci um árabe milionário, um verdadeiro príncipe das Mil e Uma Noites.

ó Patrícia, tem pena de mim!

Juro-te. Mas não era ele o meu grande amor, apesar de termos casado e termos sido razoavelmente felizes.

Também vivi com um actor de Hollywood, não te digo qual porque toda a gente o conhece...

Não digas! Não digas!

Mas como fui sempre uma louca com homens, tinha que escolher o gajo errado. Apaixonei-me loucamente por um vigarista, português ainda por cima, que aparentava uma coisa e era outra, parecia rico e era um pobretanas.

Azar, Patrícia, é a vida.

Casámo-nos, vê lá tu. Aos poucos fui descobrindo que ele não tinha nem um tostão, mas isso só me fez gostar dele cada vez mais, eu queria dar tudo àquele homem, tudo, passei fortunas para as mãos dele, fingia que não percebia que as jóias que me dava eram compradas com o meu dinheiro, admitia-lhe tudo menos a traição. E ele adorava-me, apesar dos meus ciúmes, admito, um pouco doentios.

E uma noite em que estávamos na nossa mansão de Cascais a beber champanhe e a comer caviar...

Patrícia, não embales!

Juro-te! Para nós era normal! Chega a polícia para me prender, acusando-me de ter assassinado uma não-sei-quantas que era amante do meu marido...

Claro que foi ele que a matou, eu nem sabia que ela existia, parece que a mulher estava há cinco dias enrolada no tapete da sala onde havia, em grande destaque, uma fotografia dos dois abraçados.

Acusaram-me de tudo. De a ter morto por ciúmes, de lhe ter arrancado as jóias, que o meu marido me tinha roubado para lhe dar, e, como ela engoliu um solitário magnífico que era o meu preferido, acusaram-me de lhe ter esfuracado o esófago com uma faca para recuperá-lo.

Como se isso fosse possível! Diamante a mais ou a menos, que diferença me fazia.

Mas como encontraram o carro dela na minha garagem, que eu nem sabia que lá estava, e os cartões de crédito dela na minha carteira, como as minhas contas estavam limpas porque o meu marido fez o favor de as limpar para lhe dar a ela, acharam que eu matei por dinheiro, por um Ferrari e por meia dúzia de jóias.

Eu, imagina! Que tive tudo na vida.

E agora estou aqui, posta de parte por ladras e assassinas, só por acharem que é feio furar o esófago de uma morta com a faca da cozinha. Se ela estava morta, que diferença lhe fez, não achas? Ficava lá o anel com um diamante daqueles, para o gajo que lhe fez a autópsia o oferecer à mulher?

Isto, se fosse verdade, que, como te disse, eu nunca vi a criatura mais gorda.

Claro, Patrícia. É tudo uma grande injustiça.

A Patrícia tirou dois calmantes da caixa de prata que usava escondida no soutien para não lha roubarem e ainda me gritou, já eu ia longe:

Se vires lá por fora os meus amigos diz-lhes que ando a viajar.

Está bem, Patrícia. Podes ficar descansada.

Está aqui a direcçãozinha da minha mana, Guita Coxa. Vais ter com ela, pedes-lhe que te arranje um empregozinho de cozinheira, ou a dias, disse a Lídia. A minha mana é muito boazinha. É um bocadinho simples da cabeça, por causa da porradinha que apanhou em criança, mas trabalha na mesma casa há doze anos, limpezazinhas e roupazinha a ferro.

A minha mãe nunca me vem ver, disse a Arminda, porque o meu padrasto não autoriza, mas se não fosse ele, ela até te deixava dormir lá em casa.

Eu não te ofereço nada porque a minha casa é na província e lá na minha terra uma cadastrada é pior do que a peste, resmungou a Ilda Grandalhona.

Em todo o lado, disse a Ema, e se te empregares, nunca digas que estiveste na cadeia. Ficam cheios de medo que os mates, que os esfoles, que os roubes, que lhes violes as filhas e metas o bebé no forno para assar com batatinhas.

Arranja um negócio teu, disse a Glorinha. Não queiras patrões. Porque te vão apontar o dedo por tudo que acontecer. Se perderem um anel foste tu que o roubaste, se lhes cair mal o peixe frito foste tu que os envenenaste.

Faz-te freira, disse a Adelina Santa. É parecido com isto, só com mais rezas e menos papelada. Tens

a bucha garantida até ao fim dos teus dias. Eu sei, criei-me com elas, é uma vida regalada, tirando o levantar cedo e as dores nos joelhos.

Só que não há homens, disse a Rita.

Quando entrei no E. P. toda a gente me explicou que aqui dentro ninguém é amiga de ninguém. Namorada talvez, colega sim senhor, confidente se calhar. Mas amiga não. Ninguém gosta verdadeiramente de ninguém. Qualquer uma é capaz de roubar ou chibar a inseparável da semana anterior.

Vi acontecer isso, certamente.

Mas considero a solidariedade das minhas colegas na hora da partida, como verdadeira amizade. Gosto delas e acredito que gostam de mim. A Lídia vai mesmo deixar cair uma lágrima quando dissermos adeus. As outras vão rir, pigarrear, assoar a constipação.

Vou agarrar-me a estes sinais com muita força, porque eles exprimem todo o amor a que tenho direito neste mundo.

A Zita, nossa empregada doméstica do primeiro andar e, extra-contrato, também obrigada pela Berta a limpezas no restaurante, veio um dia visitar-me.

Tinham passado muitos anos e ao princípio nem a reconheci, ela teve que dizer, dona Lili sou a Zita, porque para mim todas aquelas caras tinham ficado congeladas na memória, nunca me ocorreu que envelhecessem, que lhes caíssem os dentes, que lhes branqueasse o cabelo.

Sou a Zita e ainda trabalho para a dona Berta, não sei se por muito tempo porque aquilo está a ir tudo por água abaixo. Depois do... da... daquilo que aconteceu, a dona Amália e o chefe de mesa despediram-se, ela ficou sem ter quem cozinhasse, ainda pôs uma das ajudantes, a Alice, mas ela não deu conta do recado. A dona Berta fechou a parte de restaurante e ficou só o bar. Mas ultimamente zangou-se com o Major, a menina Zézinha começou a fazer cenas diante dos clientes até que o Major se fartou e houve para lá discussões de meia-noite, até que ele desapareceu do mapa.

Agora a dona Berta está a pensar alugar a casa para casamentos, encomendando a comida fora, também já ouvi dizer que ia vender a casa, não sei se ela pode fazer isso sem autorização da dona Lili, mas é o que falam.

A Berta pode tudo, Zita. Se lhe apetecer vender a casa inventa uma procuração, falsifica a minha assinatura, interdita-me, faz o diabo, mas leva a água ao seu moinho. Disso podes ter a certeza.

Ela agora tem um sistema daquelas poucas-vergonhas pelo telefone, até sai na televisão, 0641, parece que aquilo dá uma data de dinheiro, montou uns telefones que dá para muitas ao mesmo tempo, elas fazem turnos, donas de casa, estudantes, feias, gordas, peludas, vale tudo, só é preciso ter voz meiga e língua suja, e estômago para ouvir o piorio.

Não me contes isso, Zita. Não quero saber.

O que me custa mais, dona Lili, é que quando perguntam pela senhora, ela diz que a meteu no manicómio e que já nem merece a pena ir visitá-la, porque a senhora não conhece ninguém.

Diz que a sua mãe era maluca e o seu pai não devia ser melhor, porque se matou com um tiro na cabeça...

E da minha avó, também diz mal? É que se ela se atreve a tocar na memória da minha avó, eu saio daqui e dou-lhe um tiro, igual ao que ela deu ao doutor Filipe. Assim como assim, já estou habituada a esta casa, seguramente muito mais limpa do que a dela.

A Zita ficou assustada com a minha fúria, deve ter pensado que havia alguma verdade na versão da maluqueira hereditária, foi-se embora, coitada, sem saber o mal que me tinha feito.

E eu, nessa noite e nas seguintes, não consegui dormir.

Chegou a temida hora da liberdade. Como quem se atira à água, agarro no meu saco de cabedal, guardo o dinheirito que consegui juntar com o trabalho de tantos anos, e digo-me, sem nenhuma fé, vamos lá ver do que sou capaz.

Pensando bem, a minha história é igual à dos romances de cordel da Arminda Canivete e tem os mesmíssimos ingredientes: narcotraficantes cavilosos, mulher manipulada, prisioneira inocente.

Por isso, quando as minhas colegas, com muito mais lágrimas e abraços do que eu previ, me perguntam, e agora, Guita Coxa? Eu respondo, para desdramatizar, com o humor possível nesta hora tão difícil:

Agora, com o dinheiro que a visitadora me deu para o transporte, compro uma cabeleira ruiva, umas lentes de contacto verdes e vou vingar-me dos malvados que me prejudicaram, sob o falso nome de Jéssica Marlene.

Volvidos estes anos todos, parece que ainda estou a ver-me, desorientada naquela estação, sem saber que comboio apanhar, com o meu saco de cabedal, o cabelo de bruxa penteado em carrapito, a roupa boa completamente fora de moda, o casaco bege, de óptimo corte, mas picado das traças apesar do cheiro a naftalina. A naftalina deve ter sido uma iniciativa posterior ao apetite das traças, naqueles dezasseis anos de vida secreta do roupeiro da prisão.

O casacão era quente de mais para aquele fabuloso dia de primavera, mas era o que havia, esperava não causar muito má impressão. A quem? Pensaria eu que o estigma de encarcerada era visível a olho nu e que iriam repelir-me por causa disso?

Tive que afinar a garganta para que o empregado percebesse que lhe pedia um bilhete para Lisboa. Faltava uma hora certa para o comboio e eu tentava ver-me de fora, uma mulher de meia-idade, excessivamente encasacada para a quentura do dia, ali perdida num banco de costas abauladas, com uns olhos tão tristes que os abaixava para ninguém os ver.

Lembro-me que, já sentada no meu lugar à janela da carruagem, desejei que o comboio não chegasse nunca a lugar nenhum, Lisboa para mim era uma palavra sem sentido, não havia, como para os meus companheiros de viagem, rostos a antever para a hora da chegada, quem sabe a satisfação de uma sala de estar, a refeição na mesa, o riso das crianças, as boas-vindas do cão.

Pensei na tia Zulmira, que, se não tivesse saído dois anos antes de mim, talvez me pudesse dar um bom endereço, no campo ou na cidade, onde alguém me acolhesse, ao menos por uma noite.

Mas a tia Zulmira estaria agora na terra dela, feliz com a família, tentando esquecer as nossas caras, os nossos dramas e a nossa solidão. Era um direito que lhe assistia, depois de tantos anos de dádiva.

Confesso que o movimento da estação de Santa Apolónia, com tanta gente que se apressava em direcção a um objectivo, me baralhou e confundiu a cabeça.

Fingi que também eu tinha um objectivo urgente e determinado e em sólidas se bem que desiguais passadas fui-me afastando de todo aquele bulício, pelas ruas esquecidas da margem do rio, repletas de carros até ao improvável.

O casaco fazia-me um calor imenso com a reacção da marcha, mas não me atrevia a despi-lo porque me envergonhavam as minhas roupas ridículas, dezasseis anos fora de moda. O saco, felizmente, era leve.

Enquanto caminhava pensava o que fazer, procurar uma pensão para dormir que coubesse no meu orçamento reduzido ou apanhar uma camioneta para os subúrbios onde morava a irmã da Lídia, a única

referência concreta que de facto possuía.

Mas começava a cair a tarde. Assustou-me a ideia de chegar de noite a um lugar desconhecido. Vindo eu de onde vinha, talvez nem me abrissem a porta.

Era cedo para procurar pousada. Queria ainda passear um pouco pela cidade e, no tipo de pensão que eu podia pagar, provavelmente roubar-me-iam a bagagem se me ausentasse por mais de uma hora. Por isso fui arrastando o saco de cabedal por uma Lisboa desconhecida que se ria da minha ausência com o impudor dos seus prédios envidraçados, com o descaramento de ruas que recordava silenciosas e que lançavam agora contra mim jovens com pregos no nariz, que se beijavam sofregamente e se movimentavam em bandos, mais estridentes, todos, todos, que as gaiotas do Tejo.

Tinha pensado contemplar o cair do dia sobre as águas, no Terreiro do Paço, mas o parapeito estava ocupado por rapazes de rosto cadavérico que tiritavam dentro de casacos rotos, grandes de mais, deitados ao comprido num torpor estupefacto.

Prudentemente fui procurar um lugar para descansar um pouco, tão longe dali quanto me permitiram os meus pés cansados, o meu braço dorido do peso do saco, a minha perna defeituosa, desavezada de chão aberto.

Inexperiente da vida cá de fora não me lembrei do óbvio, a irmã da Lídia não estava em casa a meio da manhã, quando a procurei depois de ter delapidado em dormida, sandes, café e camioneta, uma fatia larga do meu pecúlio.

Era um bairro muito pobre e por isso foi fácil perguntar pela Carmen a uma vizinha ansiosa por saber quem eu era, disse que era amiga da família e a outra percebeu logo de onde eu vinha, porque toda a família que a Carmen tinha era a Lídia e a velhota perguntou-me com toda a naturalidade, saiu ou está de precária?, perfeitamente familiarizada com a terminologia, pelos vistos habitual naquelas paragens.

Não senti nela rejeição ou desconfiança, mandou-me entrar, fez-me partilhar o seu magro almoço, dividiu comigo uma farinheira com batatas cozidas, pelo que lhe fiquei imensamente grata, apetecia-me muito uma comida quente e agradou-me a companhia.

Queixou-se da sua artrose reumatismal, repetiu isto uma quantidade de vezes, vaidosa por ter uma doença com um nome tão importante que ela sabia pronunciar tão bem.

Foi para mim um prazer lavar-lhe a loiça, varrer-lhe o chão que era o que mais lhe custava, ouvir-lhe as queixas e partilhar o seu chá de tília servido em púcaros de alumínio.

Chamava-se Benta do Céu e deu-me um inestimável presente, um pouco de fé na espécie humana.

Carmen chegou ao fim da tarde, trabalhava na senhora das nove às cinco, e disse que pena, ainda há dois dias entrou uma cozinheira nova, mas se é isso que tu sabes fazer talvez se arranje para uma tasca que há lá ao pé e onde precisam duma senhora para a cozinha, amanhã vais comigo que eu levo-te ao senhor Tomé.

Dormi com a Carmen e a cama era tão estreitinha que eu, useira e vezeira em insónias, fiquei na bordinha o tempo todo a ouvi-la rressonar e tive saudades da Ilda Grandalhona e do seu sono ruidoso, dos seus modos bruscos e dos seus palavrões matinais.

O senhor Tomé aceitou-me de caras e durante um mês especializei-me em bifanas, bacalhau à lagareiro e arroz de polvo, o meu tempero voltou a atrair o paladar dos fregueses, na minha cozinha de dois por dois fazia um calor de matar, com as batatas a fritar incessantemente, o bacalhau nas brasas, as frigideiras de ferro das bifanas.

Mas o dinheiro chegou para comprar um colchão e, tendo a comida assegurada, pude dar à Carmen o restante ordenado para ajudar nas despesas.

A casa da Carmen era quarto, cozinha e um terraço de que ela se orgulhava, onde se lavava e estendia

a roupa e onde as plantas ocupavam todo o espaço possível e ainda sobravam para a minúscula entrada que tinha um envidraçado com grades por onde as trepadeiras faziam acrobacias.

A Carmen gostava de ter-me, lá em casa, além de eu ajudar nas despesas matava-lhe indirectamente as saudades que tinha da irmã, dizia que eu podia ficar até às férias dela, em Agosto, quando a senhora ia para o Algarve e a sogra da Lídia lhe traria o Ruizinho, sobrinho do seu coração, se eu lhe vendesse o colchãozinho é que lhe dava jeito, o menino já estava grande para dormir com ela.

Como Agosto estava próximo, tratei de arranjar um quarto alugado perto da tasca do senhor Tomé, ofereci o colchão à Carmen, agradei-lhe a sua hospitalidade, despedi-me da tia Benta do Céu a quem fazia as limpezas ao fim de semana em paga daquela farinheira de um dia incerto, daquela porta aberta, daquela íntima confiança sobre a sua artrose reumatismal.

Continuei a ver a Carmen porque a tasca do senhor Tomé era bastante perto da casa onde ela trabalhava e durante o mês de Agosto foi mesmo visitá-la e conhecer o Ruizinho.

Era impossível esquecer os meus anos de reclusa porque a Carmen ia quase todos os domingos visitar a Lídia e trazia-me notícias, quando a Lídia casou, na precária do Rui, elas insistiram para que eu fosse, mas eu desculpei-me com o trabalho, o domingo era o dia de mais movimento, não me apetecia voltar à prisão na minha nova condição de pessoa livre, parecia até afrontoso para as minhas colegas, era possível que isto nem lhes ocorresse mas para mim era assim. Também não queria entrar na capela onde nos primeiros anos tinha rezado tanto à espera que se fizesse justiça por obra e graça do Espírito Santo e onde, aos poucos e à falta de respostas, tinha perdido a fé.

Nunca notei que a Carmen fosse, como a Lídia me tinha dito, uma pessoa simples e com problemas. Não seria inteligente, mas era perfeitamente capaz.

Porém um dia, a senhora que me alugava o quarto veio dizer-me que ela tinha sido despedida de casa daqueles senhores por doença da cabeça. Informei-me melhor e descobri que, um dia em que recebiam visitas, ela tinha tido um ataque epiléptico e caíra, a espumar da boca, para cima da bandeja do chá. Uma senhora queimou-se com a água a ferver, outra feriu-se nos cacos do serviço Vista Alegre e todas fugiram enojadas com aquele espectáculo de chilique de pobre.

A patroa, alegando, embora, que era muito amiga dela, explicou-lhe que era um perigo ter em casa uma pessoa naquelas condições e que, se ela quisesse, o senhor doutor providenciava tudo para a meter num hospital onde tratavam pessoas com aquele tipo de problemas mentais, mas a Carmen agradeceu muito e foi-se embora.

Fui visitá-la e encontrei a porta fechada, espreitei pelo envidraçado e não vi as plantas trepadoras, acudiu a tia Benta do Céu que me explicou que a sogra da Lídia tinha vindo buscá-la porque entenderam que ela não podia ficar sozinha, doente e sem emprego.

Nesse dia cortei o último laço com o lugar onde passara dezasseis anos e oito meses da minha vida.

O senhor Tomé, excelente pessoa, bonacheirão, com a sua grande barriga e a sua testa suada, era viúvo e tinha um filho de dezassete anos que servia as mesas e me ajudava a lavar pilhas e pilhas de pratos.

Um dia achei-o triste e, supondo que se trataria de alguma paixoneta não-correspondida, insisti para que se abrisse comigo e ele respondeu sucintamente, são coisas com o meu pai.

Isto fez-me confusão, porque o pai, pelo menos à minha vista, tratava-o sempre muito bem, ensinava-o com paciência, tolerava-lhe as faltas e compreendia os verdores da sua adolescência. Naquela classe social esse tipo de coisas não se disfarçam, se o senhor Tomé fosse bruto, haveria de ser bruto mesmo na frente dos fregueses.

Mas numa manhã em que o senhor Tomé tinha ido abastecer-se de legumes e tardava, o Chico, que convivia comigo há quase um ano, começou a contar-me que o pai tinha há anos um caso com uma tal Assunção que era casada, mas que agora o marido dela morreria e, ao fim de três meses de luto, a viúva alegre tinha ido enfiar-se lá em casa e se pusera a mandar nos dois, o pai era um paz d.alma, mas ele, Chico, não estava para a aturar.

Agora mesmo está ela com ele, a dar palpites na qualidade dos legumes, aposto, porque ela é que sabe tudo, disse o Chico. E

depois quer parar nos cafés a tomar bicas e a comer brioques, por isso é que o meu pai se demora tanto, antigamente, como a dona Cordélia sabe, às oito da manhã já ele aqui estava com as compras feitas.

Não me apetecia nada ter uma patroa daquele género mas, pelo menos, ela tinha o bom senso de não aparecer na Adega do Tomé.

Isso é o que a dona Cordélia pensa. O meu pai vai casar com ela não tarda e ela há-de vir para aqui dar ordens, com a boca torcida e as mamas em cima do balcão.

É certo que a verdade está na boca das crianças porque, poucos meses passados, o senhor Tomé, feliz e orgulhoso, me apresentou a esposa, depois de um casamento discreto como convinha a dois viúvos.

A Assunção entrou de fininho na tasca e, com um sorrisinho à banda, bastante hipócrita, começou a pôr defeitos em tudo, mandou pôr as mesas com os pratos virados para baixo, queria ter sempre ovos cozidos e saladinha de polvo só porque ela gostava e mandou-me pôr à vista travessas com postas de peixe cru enfeitadas com salsa. Fazia festinhas na barriga do senhor Tomé e convencia-o de tudo quanto queria.

O Chico andava desesperado. Começou a procurar emprego sem o pai saber e um dia arranjou um trabalho de estafeta que lhe realizava dois sonhos: ver-se livre da madrasta e andar de mota.

Mas quando chegou à tasca e se despediu houve uma cena macaca, a Assunção não queria perder um criado que se contentava com as gorjetas (e mesmo essas controladas por ela) e tais coisas disse ao marido que este, pela primeira vez na vida, tirou o cinto, que lhe segurava as calças logo ao cimo das pernas, e pregou duas correadas no Chico, que chorou desalmadamente, muito mais pelo gesto que pela dor.

Percebi que aquele miúdo, se não se emancipasse na sua maioridade próxima, iria ser escravo da Assunção como eu tinha sido da Berta. De mais sabia eu que uma situação dessas só podia acabar mal.

Passei a defender o Chico em todas as situações, mesmo quando ele não tinha razão, e isso valeu-me o ódio da patroa, que era a última coisa que eu devia facturar. Mas a minha tendência para a catástrofe estava-me indelevelmente colada à pele.

Não tardou que a Assunção se inteirasse do meu currículo e, apesar de quase dois anos de bons e leais serviços, começou a dizer que não queria uma cadastrada no seu estabelecimento e correu comigo, praticamente a pontapés.

Aqui neste lugar onde me encontro agora (não perdi o vício de rever a matéria e rememorar todo o meu percurso, apenas com uma serenidade muito diferente da angústia com que o fazia na prisão) não posso deixar de me rir, lembrando-me que a Assunção me substituiu na cozinha. Os fregueses perdiam a paciência de esperar pelas bifanas, empanturravam-se de ovos cozidos e iam-se embora, o bacalhau à lagareiro passou a estar sempre seco e salgado, o arroz de polvo amargava e vinha meio-cru, nunca mais houve pudim flã para ninguém e um dia pegou fogo à frigideira gigante das batatas fritas e deixou a cozinha tão negra que tiveram que fechar para obras.

Eu ia sendo informada pelo Chico de todos estes eventos, ríamos os dois à gargalhada, púnhamos

todas as pedras da nossa maldade num tabuleiro chamado Assunção.

A minha situação não era boa. Continuava no mesmo quarto mas já estava atrasada no pagamento e a senhoria começava a fazer-me sentir que aquilo não podia durar muito.

Andei de tasquinha em tasquinha, fui mesmo oferecer-me a restaurantes pequenos, porque não perdia de vista que no meu antigo restaurante eu dirigia a cozinha mas era a Amália quem, com as ajudantes, executava quase tudo. Assustava-me a ideia de assumir essa responsabilidade sozinha.

Um dia o senhor Tomé abordou-me para saber se eu queria voltar, mas isso equivalia a ser espezinhada pela Assunção e tinha jurado a mim própria que não haveria mais Bertas na minha vida. Além de cadastrada é orgulhosa, terá dito a Assunção. Mas se eu lhe puder ser boa não perde pela demora.

Comprava o jornal aos domingos para ver a página dos anúncios e ficava muito claro que a minha capacidade profissional era extremamente limitada.

Por fim apareceu um lugar de cozinheira numa casa particular que era onde eu achava que tinha mais hipóteses de me sair bem.

Efectivamente fui um sucesso.

Era um grande andar antigo nas avenidas novas, os patrões um casal que andaria pelos setenta, de boas famílias, com gosto para a decoração onde avultava uma razoável colecção de pintura, pelos vistos herdada. Muitos portugueses do principio de século, Fausto Sampaio, José Malhoa, Carlos Reis, um Amadeo, e a mãe, julgo que dela, num inevitável Eduardo Malta.

Como o meu espaço era a cozinha, tinha poucas oportunidades de espiolhar o resto da casa. Nunca fui aos quartos nem a outras divisões mais íntimas. Apenas, na folga da Alice-de-fora, servia à mesa e vinha trazer à sala a bandeja de prata do café onde nunca faltava uma taça de Sèvres com bombons.

Conforme o conselho das minhas colegas de reclusão, omiti o meu currículo dos últimos anos e a senhora estava tão desesperada, porque não sabia estrelar um ovo e não concebia a vida sem cozinheira, que aceitou as minhas referências verbais: Dirigi a cozinha de um restaurante de luxo em Sintra e depois disso fui cozinheira-chefe de um outro restaurante aqui em Lisboa, sei fazer tudo e tenho bom feitio.

Pôs-me à prova num jantar para oito pessoas e, segundo a Alice-de-fora, ouviu tantos elogios à excelência da comida que contou às visitas que tinha conseguido roubar a cozinheira-chefe de um grande restaurante de Lisboa, não dizia o nome para não imaginarem o ordenado escandaloso com o qual se vira obrigada a concordar. Fartei-me de rir.

Nas refeições de todos os dias ficava encantada com a decoração das travessas e com o meu especial engenho para aproveitar restos, em pratos que pareciam sempre criações em primeiríssima mão.

Era raro ir à cozinha, mas uma vez apareceu para me dizer, o senhor arquitecto adora a sua comida, diz que nunca se cozinhou tão bem cá em casa, e de outra vez sondou-me diplomaticamente, para saber se eu faria sem ajuda o jantar das bodas de ouro do casal, para cinquenta pessoas. De pé, é claro, acrescentou.

Sem ajuda, não, disse eu. Preciso da Alice a tempo inteiro na cozinha e a senhora terá que fazer o favor de contratar dois ou três criados para o serviço. Se for assim, eu faço. E garanto que corre tudo bem.

Lá se decidiu a abrir os cordões à bolsa e o jantar foi um êxito. Tive mesmo senhoras na cozinha a tentarem arrancar-me o segredo dos folhados e do tempero da mousse de salmão.

Outras, de melhor educação, vieram cumprimentar-me e agradecer.

Um senhor recém-operado ao coração, que veio à cozinha beber o seu conhaque e fumar o seu charuto às escondidas da mulher, meteu-me mesmo no bolso do avental uma nota das gordas. Há quem pague para

morrer mais depressa.

Tudo corria às mil maravilhas. Dava-me bem com a Alice, não tinha qualquer problema com os patrões e de vez em quando excedia-me a mim própria na arte da boa culinária.

A Assunção levou seis meses a descobrir onde eu estava.

Cordélia, sirva-me o café na sala.

O arquitecto tinha almoçado fora e era a folga da Alice.

Pousei a bandeja e ia retirar-me quando ela me travou, preciso de falar consigo.

Diga, minha senhora.

Fui informada de que o seu character não é o que eu pensava.

Percebi logo tudo.

Se a senhora confia mais no julgamento de uma desconhecida do que no seu próprio... Estou aqui há seis meses e acho que não tem razões de queixa.

Não é isso. É que me garantiram que a Cordélia esteve quinze anos presa. E como compreende... disse ela a pôr em cima da mesinha baixa um monte de notas.

Dezasseis anos e oito meses, minha senhora. Por um crime que não cometi.

Com uma desenvoltura de que não me julgava capaz, atirei o avental para o braço do sofá, servi-me do café que ainda estava intacto, desembulhei um chocolate e sentei-me na poltrona em frente à minha siderada patroa.

Oiça. A pessoa que cometeu esse crime e que eu conheço perfeitamente, é recebida em toda a parte com toda a consideração, só porque não foi julgada e não esteve na cadeia.

Portanto o que marginaliza não é a culpa, mas o seu pagamento, ainda que se pague a culpa dos outros. Pagamos a chamada dívida à sociedade, mesmo que a dívida não seja nossa e é essa sociedade que nos exclui precisamente por a termos pago. Percebeu-me?

...A Cordélia não devia andar a servir, devia ser professora de Filosofia...

Sou formada em Farmácia, menti eu. Perigosíssimo para uma cozinheira.

Pousei tranquilamente na bandeja a xícara vazia, pus a prata do chocolate feita numa bolinha no cinzeiro de cristal, dobrei o monte de notas ao meio sem as contar e já de saída acrescentei: -- Sempre achei que devia mudar o Carlos Reis para aquela parede. Ganhava outra perspectiva e outra luz.

Saí para a rua com uma sensação indescritível de felicidade.

Vinha a rir-me pelo passeio fora como os maluquinhos, só de me lembrar da expressão aparvalhada da minha ex-patroa. Também me dava um gozo infinito saber que ela tinha seis pessoas para jantar e nem uma sopa feita. Tudo porque não lhe dei oportunidade de fazer o resto do discurso e que era, posso adivinhar:

O senhor arquitecto entendeu que devíamos dar-lhe mais dois meses de ordenado, pedindo-lhe que, como sempre, se esmere o mais possível no jantar desta noite. É que vem o senhor embaixador e a mulher e contamos também consigo para servir à mesa. Realmente a Cordélia serve à mesa muito melhor do que a Alice...

Já me tinha dito isso várias vezes e até talvez acrescentasse, agora compreendo porquê, o seu nível não é propriamente o de uma cozinheira...

E no fim havia de entregar-me o dinheiro, talvez até o metesse num envelope e diria, muito simpática, bom, a partir de amanhã, que é dia 1, é que não contamos mais consigo...

à noite, na cama, depois de ter comunicado à minha senhoria que estava outra vez desempregada e de lhe ter pago o quarto, por causa das moscas, com três meses de avanço, revi toda a cena, imaginei-os a terem de levar o embaixador e o resto da comitiva ao restaurante, forreta como ela era... Sentia-me feliz e vingada.

Mas entretanto, do fundo da minha consciência, surgia uma certeza que me assustava: os reverses da vida estavam a fazer de mim uma pessoa cada vez pior.

Nunca mais arranjei emprego. Agora toda a gente me pedia referências, diplomas, cartas de apresentação.

Passava os dias de jornal na mão a calcorrear as ruas de Lisboa e arredores, comia pouco para poupar o pouquíssimo dinheiro que me restava, nem sequer podia ir pedir uma sopa ao senhor Tomé, que ma daria da melhor vontade. Um dia o Chico trouxe-me um queijo, um naco de presunto e um saco de azeitonas, tudo roubado nas costas da madrastra. Eu aceitei, estava esfomeada, fizemos uma festa os dois, mas proibi-o de voltar a fazer isso, porque não estava certo e, se a Assunção descobrisse, dava-lhe cabo do canastro.

Felizmente tinha o quarto pago por três meses. O verão estava a acabar e era bom saber que teria um tecto quando viessem as primeiras chuvas.

Lembrei-me de ir à Faculdade pedir uma certidão do meu segundo ano de Farmácia para a exhibir em todas as boticas da cidade.

Algumas tinham posto na montra um letreiro, praticante precisa-se. Mas pelos vistos ninguém queria uma praticante de cinquenta anos que, nos dias maus, parecia cem.

E vieram as primeiras chuvas e terminaram os três meses de aluguer garantido e comecei a acumular dívidas, conseguia uma manhã ou uma tarde por semana a dias, só trabalhos pesados que para a minha perna eram fatais. Para não pagar transporte arranjava casas ali pelo bairro, até a Assunção descobrir, e me denunciar e me fazer perder todos os trabalhos.

Passei a ser conhecida e apontada a dedo, olha a presidiária, um dia a senhoria cansou-se da situação e no verão de S.

Martinho, numa manhã luminosa de Novembro, pôs-me sumariamente no olho da rua.

VIII

Não acreditava no que me estava a acontecer. Comecei a andar à deriva pelas ruas, a princípio meio-estonteada, depois, à medida que o dia passava, com a cabeça a trabalhar febrilmente na procura de uma solução. Não tinha dinheiro para pagar dois meses à senhoria, mas tinha o bastante para alugar um quarto por uma noite. Porém, aí, ficaria sem nada para comer. Entre uma coisa e outra, ia ter que escolher a comida. Numa hora já tardia para o almoço, sentei-me finalmente num café, pedi um pão com queijo e um café com leite muito quente, descontraí-me e aprendi uma coisa muito útil para os tempos que se aproximavam: gozar os pequenos prazeres do momento como se o momento fosse único e não houvesse nada a seguir. Sentime quase feliz.

Só comecei a ficar insegura quando, ao fim de três horas sentada à mesma mesa, o criado me veio dizer, se a senhora não deseja mais nada, está aqui a notazinha da despesa, agora começa a hora do movimento...

De facto o café estava cheio, já havia pessoas à espera de mesa, paguei, agarrei o meu velho saco, agora mais pesado com as modestas compras daqueles três anos: alguma roupa, um par de sapatos alternativo, produtos de toilette.

Vestia ainda o meu antigo casacão de alta costura e se o calor que sentia naquele Novembro excepcionalmente quente era idêntico ao de uma ida tarde de primavera, a incerteza do meu coração era infinitamente maior.

Que fazer? Já tinha anoitecido, eu apressava estupidamente o passo com medo de ser roubada se me atardasse pelas esquinas, as horas passavam, caminhava em direcção a sítio nenhum, a fome voltou a apertar, a perna doía-me, entrei numa tasca mal frequentada, sentei-me ao balcão sem olhar para ninguém, ajojada com o saco no colo e pedi um caldo verde que era a sopa do dia.

Era bom, vinha quente e dava direito a uma carcaça. Voltei a sentir-me bem.

E depois foi a noite. O medo. O frio que voltou a pôr lógica naquele Outono. O silêncio aterrador das ruas solitárias.

Sentei-me num bloco de cimento que impedia o estacionamento dos carros, pousei o saco, esfreguei o braço dormente de carregá-lo e desatei a chorar.

Sentime melhor. Pensava, é inacreditável, vou dormir na rua, isto não pode ser verdade, o nervoso deu-me para rir da minha tristíssima figura e nisto fiquei apavorada porque ouvi passos arrastados, certamente de bêbado, de algum noctívago que recolhia a um daqueles prédios antigos, com fachadas de azulejos e todas as luzes apagadas.

Era um velho.

Vinha carregadíssimo e andava com dificuldade, passou por mim sem reparar, à fraca luz da rua apercebi-me de meia dúzia de sacos de plástico muito cheios e um cobertor ao ombro de que se desprendia um cheiro inconfundível de miséria.

Não entrou em prédio nenhum. Esteve muito tempo parado, depois ajoelhou no passeio, pousou a carga, ficou a tirar e a meter coisas indefinidas nos sacos, enrolou-se no cobertor e deitou-se a dormir no canto mais tenebroso da rua. Ficou imóvel. E aos poucos a escuridão daquele recanto engoliu-o, o seu contorno dissolveu-se, a sua identidade diluiu-se, só ficou um pequeno monte de lixo desprezado no egoísmo da noite.

Aquele velho, vindo de sítio nenhum e desaparecido no nada, explicou-me, no humilde espectáculo dos seus movimentos, quem eu era, quem eu iria ser daquele dia em diante.

Fiquei toda a noite naquela rua, a presença irreal do velho, comido pelo passeio empedrado à portuguesa, de certo modo serenava-me, fiquei-lhe grata por isso, então, quando às sete da manhã abriu um café no fim da rua, saí do meu torpor e fui até lá.

Tinha conseguido dormir um pouco, talvez por estar tão cansada, sentada no chão com a cabeça encostada ao bloco de cimento e com o saco a fazer de almofada. Acordei, curiosamente, menos pessimista que na véspera.

No café pedi um leite quente e um pão, a estalar de fresco, com fiambre, luxos que eu sabia que iam durar muito pouco. Comi e pedi uma dose igual e um copo de plástico. Verti o leite para o copo, paguei, agarrei no pão e fui levá-lo ao velho que continuava adormecido, talvez morto, mas cuja forma reaparecia na tímida luz da manhã.

Mexeu-se. Ficou a olhar para mim, bebeu o leite sem uma palavra e a mastigar o pão com os poucos dentes que lhe restavam, murmurou, Deus lhe pague, senhora.

Não sou uma senhora, disse eu. E não me agradeça porque eu trouxe-lhe o leite para você me fazer um favor.

O velho riu-se. Eu, um favor? Eu não posso fazer favores a ninguém. Eu não existo. Os outros chamam-me o Linhaças e até já me esqueci do meu nome.

Queria pedir-lhe se posso ficar aqui de noite a dormir ao pé de si.

És puta ou quê? Perguntou ele desconfiado, a acabar de saborear o pão.

Não sou puta, não, Linhaças. Sou só uma pessoa a quem a vida correu mal e esta foi a minha primeira noite na rua. Queria que você me ensinasse como é que se faz e me deixasse ficar aqui para eu não ter medo.

O velho olhou-me com uma tristeza infinita, os seus olhos tinham lágrimas que eu não sei se eram de velhice ou de pena, abanou a cabeça e falou baixinho.

Isto é mau. É muito mau. Mas a gente habitua-se. Podes ficar por aqui, mas não muito perto de mim, senão faz muito volume e dá nas vistas. Se ainda tens algum dinheiro e pelos vistos tens porque este comer foi comprado, com guardanapo de papel e tudo... guarda-o na roupa do corpo, se te roubarem o saco enquanto dormes, salva-se o tostaneco. Rouba um cobertor. É a primeira coisa a fazer. As mulheres às vezes penduram-nos nas janelas enquanto arejam as camas, tens que arranjar arte para roubar um. Vai por esses contentores de lixo ao fim da noite e escolhe uma caixa de cartão de algum televisor ou de compras grandes nos supermercados, esses são mais grossos, aguentam mais.

Para que é a caixa?

Para meteres a cabeça dentro quando chove de noite. E sacos.

Muitos sacos de plástico para o cartão não se pôr mole e para guardar tudo o que venhas a apanhar. E vende a mala, senão roubam-ta.

Vendo a quem?

Conheço um gajo que compra tudo por tuta e meia, mas não faz mal, vê-te livre dela.

Mas tu não tens caixa de cartão, disse eu numa irmandade de miséria, usando o tu, para me sentir um deles. A tua caixa?

O velho riu-se. Tive que lhe cagar dentro num dia em que a polícia, não sei porquê, andava por todo o lado. Como o tempo tem estado bom distraí-me, mas tenho que arranjar uma porque vem por aí borrasca. Os meus ossos são melhores que o boletim meteorológico que eu dantes via na televisão.

Dantes, quando?

Ora, dantes. Há sempre um dantes na vida de todos nós. São poucos os que já nasceram na rua, porque esses não chegam à minha idade. Começam a ir presos muito cedo e assim que saem, voltam para lá.

E se saem de vez?

Se saem de vez, morrem.

Ficámos calados muito tempo, ele aparentemente apático, eu a ruminar aquela sentença. Ao fim de um grande silêncio repeguei na conversa.

Por que é que morrem? Morrem de frio? De fome?

Não. Isso a gente aguenta. Custa, mas aguenta. Esmolas, sopa dos pobres, lá se vai vivendo. Não. Eles morrem porque trazem vícios da cadeia, metem-se nas drogas, apanham doenças más, não duram muito. Ficam os velhos. Só ficam os velhos. Até que Deus os chame.

Acreditas em Deus?

Se não acreditasse, onde é que eu já estava!

Fiquei a pensar onde é que ele achava que estaria se não acreditasse em Deus. O que seria para aquele homem pior do que dormir na rua com a cabeça dentro numa caixa de cartão.

Perguntei-lhe.

Não sabes nada, tu.

Sorriu e agarrou o meu braço com a sua mão de miséria, negra de tão suja, com feridas por fechar.

É só o corpo, minha menina. É só o corpo que cai aos bocados e parece lixo. Se estiveres com Deus, a tua alma está limpa e inteira.

Tive a certeza de que ele era maluco. Que Deus era o dele que o deixara cair naquele buraco, apodrecer em vida, diluir-se na noite como um monte de dejectos. Não quis ofendê-lo mas pensei que dispensava bem um Deus assim.

Onde é que a gente se lava, perguntei.

Para quem ainda tem essas paneleirices, o que não falta em Lisboa são bicas, fontanários, coisas dessas.

Fui à procura de uma torneira, um W.C. de café, pensava que, com a cara lavada, talvez conseguisse roubar um cobertor.

Não fui capaz.

Não por ter medo de ser apanhada, voltar para a cadeia era a menor das minhas preocupações, mas porque os cobertores a pender de janelas baixas só existiam em bairros pobres, estávamos em Novembro, deviam fazer imensa falta às suas proprietárias, longe de mim prejudicá-las.

Resolvi comprar um. Gastei mais de metade do que me restava, mas além de um óptimo cobertor, fiquei também com um enorme saco de plástico, onde pode meter todos os meus haveres e dar a mala ao Linhaças para vender.

Achei que não ia ver o dinheiro nunca, mas ele tinha a alma limpa e inteira, uma coisa era roubar um cobertor a uma desconhecida, outra, muito diferente, enganar uma colega de infortúnio.

Trouxe-me o dinheiro e recusou a metade que lhe queria dar.

Só dez por cento, disse ele. Só dez por cento que é a minha comissão.

Entre muitos outros recursos de sobrevivência, descobri as potencialidades infinitas do lixo das cidades. Acabava sempre por encontrar o que me fazia falta, era uma questão de persistência.

Pensava em tudo o que tinha deitado fora ao longo da vida e esperava que todas essas coisas tivessem aproveitado a alguma miserável, investigadora de contentores.

Encontrava também muitas coisas vendáveis, era indispensável ter dinheiro para uma bebida quente, sem isso não havia energia para nada, era só enrodilhar-me e deixar-me morrer.

Muitas vezes pensei que aquela era uma fase passageira, não contava morrer na rua, alguma coisa havia de acontecer, não sabia bem o quê, mas a vida tem tantas surpresas, a minha sorte havia de virar,

alguém havia de me estender a mão, dar-me um trabalho, um tecto, uma esperança.

Um dia o Linhaças contou-me a sua história. Habituada na prisão a ouvir relatos de vidas extraordinárias, todas as crueldades, violências, crimes, milagres, culpas e perdões, achei a história daquele homem mais parecida com a minha, isto é, uma sucessão de azares, traições e maldades de que ele fora vítima, com uma inércia que eu muito bem conhecia.

Quando se chamava Óscar Paulino, o Linhaças casou com uma mulher da sua criação, de cabelo na venta mas disposta para o trabalho, que lhe deu três filhos e lhos criou.

O óscar achava que não lhe faltava com nada, nem na mesa nem na cama, mas a partir dos quarenta, com os filhos criados, ela começou a tornar-se resmungona, descontente, sempre a pôr defeitos em tudo, na casa, que era alugada, no emprego dele, que era fiel de armazém numa fábrica. Queria casa sua e que para lha poder comprar, com empréstimo à caixa, ele mudasse de emprego.

O óscar aceitou a pedir o empréstimo mas não mudou de emprego, a antiguidade é um posto, e ele era fiel do armazém há mais de vinte e cinco anos.

A casita que pôde comprar era modesta e precisava de obras, mas tinha um quintal com uma laranjeira, que dava para plantar umas couves, uns tomates e uns pés de alface.

Encarregou-se ele próprio das obras, ao fim de semana tinha aquele entretém, mudar as telhas, tapar buracos, meter portas e janelas novas que as outras estavam bichentas e a cair de podres.

A mulher não estava satisfeita. Tinha concordado com a compra, tão ansiosa estava por ter casa própria, mas agora queixava-se dos canos, do quadro da electricidade sempre a ir abaixo, das obras do marido que não atavam nem desatavam.

Os filhos já lá não estavam para o ajudar. Foram casando e foram emigrando, só o mais novo é que se aguentou por cá, meteu-se na droga e nunca mais souberam dele.

Um domingo o óscar caiu do telhado, tanto queria fazer o trabalho bem e depressa, escorregou-lhe um pé e veio cá parar abaixo todo feito num oitão, ficou de cama com duas costelas partidas e o corpo todo negro e foi quando a mulher decidiu chamar um trolha para acabar aquelas malditas obras. O homem era o tipo do jeitoso, que deita a mão a tudo, o óscar passou a descansar aos fins de semana, porque de segunda a sexta andava lá o outro a pôr-lhe a casa num brinquinho.

A mulher já não se queixava dos canos e andava contente porque a electricidade já não ia abaixo, as portas e as janelas fechavam desempenadamente e já não chovia aos pés da cama. No dia em que a casa ficou pronta declarou ao marido que se ia embora com o habilidoso, que pagasse o que tinha a pagar (e não era pouco) e que tivesse muita saúde que a ela não lhe havia de faltar.

O óscar ficou com cara de corno, uma mão à frente e outra atrás e uma dor na alma muito pior que a das costelas partidas.

Fartou-se de fazer horas extraordinárias para pagar a dívida contraída, como trabalhava aos sábados e domingos tinha a casa num caos, nem roupa lavada, nem cama feita, nem comida na mesa.

Havia na fábrica uma rapariga nova de nome Violeta, que deitava um olho comprido para o lado dele. Mas com o desgosto o óscar nem ligava, achava que a rapariga era tonta, ele tinha idade para ser pai dela.

Mas um dia lembrou-se de lhe perguntar se ela não queria tratar-lhe da casa e da roupa, a rapariga disse logo que sim, não tinha ninguém no mundo a quem dar satisfações, só um irmão e uma cunhada que não faziam caso dela.

Acertaram-se, o óscar agora tinha muito menos despesa, sem o sorvedouro das obras e as exigências da mulher, pôde deixar de trabalhar ao fim de semana que era também quando a Violeta tinha mais tempo,

nos outros dias era só uma horinha depois da fábrica, das seis às sete.

Ela era linda e alegre e tão boa que o óscar lhe perguntou se ela gostava mesmo dele ou aquilo eram só negações, ela disse que o amava de todo o coração, meteu-se na sua cama, ele descobriu que aquela carne tenra e aquele riso feliz eram tudo o que nunca tinha tido, descobriu que, ao contrário do que ele pensava, o coração não estava morto e o resto também não.

Viveram uma felicidade nunca sonhada. Não podiam casar porque ele não sabia da mulher para lhe pedir o divórcio, então o óscar, preocupado em morrer e deixar a Violeta ao deus-dará, pôs a casa em nome dela, que era tudo o que possuía no mundo, se mais tivesse mais lhe dava, não havia outra tão merecedora.

Um dia recebeu uma carta do Canadá, pensou que era do filho mais velho, era da mulher, a pedir que metesse o divórcio por abandono do lar, adultério, qualquer coisa servia, porque se queria livrar dele para casar com um canadense, pelos vistos ainda mais habilidoso que o trolha.

Assim fez.

Quando já andava a tratar dos papéis para casar com a sua adorada Violeta, ela, na pressa de atravessar a rua para ir comprar um bife para o jantar do seu amor, ficou debaixo dum autocarro e teve morte instantânea.

O óscar quase enlouqueceu. Começou a faltar na fábrica quando estava a um passo da reforma, meteu-se na bebida e acabou por perder o emprego com justa causa, tudo o que lhe restava era a casita.

Pô-la à venda. E no dia seguinte apareceram, disfarçados de compradores, o irmão e a cunhada da Violeta que mal se inteiraram do preço que ele pedia, se identificaram como herdeiros, a casa era da irmã, há sempre um sacana escondido à espera de bater no ceguinho.

O óscar ficou na rua, tal como eu, sem emprego, sem casa e sem família.

Neste ponto da história sentime imensamente solidária, mais irmã dele que nunca, e percebi que afinal é mais fácil do que parece perder tudo na vida, deve haver no mundo milhares de histórias iguais à nossa, que nós, enquanto estávamos no quentinho das nossas casas e na fartura das nossas mesas nem conseguíamos imaginar.

O óscar teve, ao princípio, um companheiro de rua, como eu o tenho a ele. O companheiro um dia adoeceu com pneumonia, recusou-se a ir para o hospital, o óscar corria todas as ervanárias a pedir linhaça para pôr papas nas costas do amigo, tal como a sua Violeta tinha posto nas suas num inverno feliz.

As papas de linhaça não salvam ninguém, disse o óscar. O que salva é o amor. E pelos vistos eu não amava que chegasse o meu companheiro de miséria, ele morreu e eu fiquei sem amigos e sem nome, porque desde aí e para sempre passei a ser o Linhaças.

Nos meses que se seguiram também aprendi a visitar a horas estratégicas as portas traseiras dos hotéis, onde, eu sabia-o por experiência própria, se deitavam no lixo quilos de boa comida que o meu olho profissional sabia seleccionar.

Esta era a nossa principal fonte de alimentação, eu dividia tudo com o óscar, é claro, mas ficava-me a faltar a tal bebida ou comida quente e eu, que tinha jurado que nunca pediria esmola, habituei-me a mendigar uma sopa às portas das cozinhas dos pequenos restaurantes, tascas, casas de pasto.

Levei muita nega até conhecer o Quim, filho do patrão de um restaurante com duas estrelas, que se fez meu amigo e me guardava diariamente um prato de comida, quentinha e saborosa.

Nunca mais passei fome. Em troca dava-lhe receitas que me pareciam adequadas àquele género de casa, tive que lhe jurar que tinha sido uma grande cozinheira e explicar-lhe por que é que ninguém me queria dar trabalho. O Quim disse logo que ia falar ao pai, eu pedi-lhe que não perdesse tempo porque os adultos, que sabem da vida, não têm a mesma generosidade dos que ainda não sabem, ele insistiu que o

pai dele não era assim, mas, é claro, nunca me trouxe a resposta.

Passei, porém, muito frio. Nem o cobertor nem o casaco de boa lã inglesa eram capazes de proteger a minha artrítica carcaça do vento cortante das noites geladas do inverno. Cozi muita gripe nas pedras da calçada, com a cabeça e o tronco metidos na minha grande caixa de cartão prensado, cheia de traparia para calafetar o vão e os pés embrulhados em jornais que roubava sistematicamente dos caixotes dos que se estavam nas tintas para a reciclagem do papel. Lia-os de vez em quando, para ver, com um resto mortal de curiosidade, com que é que o mundo se ia entretendo.

Fiz-me cada vez mais feia. Tentava manter a higiene possível, sempre tive horror de porcaria e maus cheiros, quem diria, mas o meu esforço não era muito conseguido. Tinha a pele gretada de tão seca, sempre ao sol e ao vento, fui ficando com uma cor cada vez mais encardida, nasceram-me pêlos no buço e na cara e a minha trunfa, agora grisalha, usava-a apanhada atrás com atilhos achados ao acaso dos contentores. Assustava-me a minha própria imagem no vidro das montras. Punha-me então a ajeitar o cabelo, a compor os trapos que me serviam de cachecol, a entalá-los dentro da gola indeformável do casaco que, de bege que tinha sido, acabou por conhecer todas as gradações cromáticas do castanho.

Também perdi a noção do tempo. Não saberia dizer quantos meses depois de estar na rua me lembrei de procurar a Amália. Levei um dia inteiro a chegar à morada dela. Devo ter andado muitos quilómetros a pé, saí de madrugada e fui-me sentando ao acaso dos bancos do jardim, das escadarias generosas dos palácios, das cadeiras de plástico das esplanadas até ser enxotada. Lembro-me que estava bom tempo e decidi considerar aquela caminhada como uma excursão ao único lugar da terra onde talvez fosse bem-vinda.

Cheguei ao fim da tarde.

Abriu-me a porta uma mulher nova com um bebé ao colo. A tia Amália faleceu há mais de três anos, disse ela, foi do coração.

Eu devia saber que o coração era o ponto fraco da Amália.

Não sei quanto tempo depois, só sei que era inverno, o Linhaças adoeceu e não me deixou chamar alguém que o levasse ao hospital.

Lá, morremos no meio de corredores cheios de correntes de ar, disse ele, e ainda nos fartamos de rir, ele com as pouquíssimas forças que lhe restavam entre os ataques de tosse, eu a pôr o meu cobertor pela cabeça e a abrir os braços, para protegê-lo do vento.

Estivemos naquilo três ou quatro dias, uma noite ele disse que ia morrer, pediu-me que dormisse abraçada a ele para o aquecer, seria impossível explicar a uma pessoa de vida normal (o que quer que isso queira dizer) até que ponto o mau cheiro do Linhaças era demolidor.

Consola-me, disse o óscar moribundo.

Estudei um truque, que era não tentar evitar o bedum, inspirá-lo a fundos haustos até parecer que o cheiro fazia parte de mim, abracei-me ao Linhaças com todo o amor pelo próximo que encontrei na minha alma esfarrapada e ali fiquei, a ouvi-lo murmurar orações ininteligíveis, percebi perdão, percebi pecados, o resto eram sons guturais que pela madrugada se transformaram num estertor e o Linhaças morreu nos meus braços e só o larguei quando ficou tão gelado que já não havia consolo que lhe valesse.

Depois esperei que abrisse a porta de serviço do restaurante do Quim e pedi-lhe que chamasse uma ambulância ou alguém que o levasse.

Afastei-me dali com os meus sacos de plástico, o meu cartão, o meu cobertor, pousei alguns dias por ruas vizinhas, não podia afastar-me muito do meu prato de comida, mas não queria olhar para o bocado de empedrado à portuguesa que tinha sido, durante os seus últimos anos, o único lar que o óscar conheceu.

Mais tarde vim a apoderar-me daquele mesmo lugar, pensei que, se ele tinha posto a casa em nome da Violeta, talvez não se tivesse importado de pôr em meu nome aquele bocado de passeio.

Fui ficando mais sozinha que nunca, mais exausta que nunca, mais gelada que nunca. Pensei em acabar com a vida, mas nem para isso consegui arranjar iniciativa. Um dia adoeci, tinha visto como o Linhaças se fora serenamente, só que eu era mais pobre do que ele porque não tinha ninguém que me abraçasse.

Calculo que o Quim, ao fim de alguns dias, tenha estranhado a minha ausência, depois a namorada chegou e ele não pensou mais nisso.

Eu tinha fome mas não podia mexer-me. A febre levou-me o resto das forças e fiquei ali como um trapo, deitada no último degrau da miséria que é feito de pobreza, fome, frio, doença, desistência e solidão.

Meu Deus, ajuda-me, ouvi-me murmurar.

Depois adormeci.

IX

Acordei do meu torpor, desmaio ou sono, era noite fechada, a bater os dentes com força e com dores horríveis na perna e no corpo todo. Estava enrolada como um bicho, virada para as fachadas dos prédios, quando senti, parecia-me já ter sentido antes, um toque no ombro, leve de mais para ser a polícia.

Voltei-me com a maior dificuldade e vi um rapazinho negro que eu não conhecia. Estava ajoelhado na valeta, sobre o lixo que o vento juntara e estendia-me, com um sorriso e com as mãos em concha, uma tigela de sopa fumegante.

Sem perceber o que havia de insólito naquela situação inesperada, sorvi a sopa quente de olhos fechados, quase em êxtase, e pensei que nem nos meus tempos de alta cozinha conseguira um sabor igual àquele.

Inundada de gratidão, a formular as palavras que pudessem agradecer aquela maravilha, abri os olhos, mas o menino tinha desaparecido.

Então tive a única certeza absoluta da minha vida, meteu-se-me instantaneamente na cabeça que aquele pretinho era Jesus.

Já não tinha frio, nem febre, nem dores. Já podia responder à Laura, já sei de que cor é a minha vida, é castanha (igual ao meu casaco esburacado) e o seu, até hoje, inexplicável sentido, foi este percurso em queda livre até chegar aqui e encontrar Deus no lixo da valeta.

Lembrei-me da Rita e do Urso e de Nossa Senhora em cima do salgueiro e pensei que provavelmente os milagres acontecem no limite da culpa, do desespero ou da solidão.

Pus-me a pensar muito depressa, porque agora tinha uma razão para viver.

A primei a pessoa com quem falei foi o Quim. Expliquei-lhe que ia arranjar dois baldes, que era o máximo que eu conseguia carregar e havia de ir pedir aos restaurantes as sobras da comida, sopa, pão, para distribuir pelos pobres mais pobres que eu, os que estão doentes, perdidos, desesperados.

O Quim prometeu-me pelo menos meio balde de sopa e meio de comida, nem que tivesse de roubar.

És um bom menino, hás-de ser muito feliz, a quem Deus promete não falta.

Vinham-me à memória estas frases esquecidas, Deus lhe pague, Deus não permita, se Deus quiser. A palavra Deus passou a ocupar grande espaço na minha modesta linguagem. E decidi que, se conseguisse o meu objectivo e ia conseguir, entregaria a malga de comida aos despojados da sorte com uma única frase: em nome de Deus.

Era sábado, sentei-me à porta de uma igreja de mão estendida, não queria acreditar que estava a fazer aquilo, mas Deus assim mo exigia, as esmolas foram muito poucas, tudo moeditas das pequenas, não chegava nem para um balde, que tinha de ser forte e de boa qualidade.

Quando a missa acabou, entrei na igreja e agradeci. Agradeci tudo, a sopa da noite, a inspiração da madrugada, o bom e o mau da minha vida, aquela luz que de repente me inundara.

No domingo, voltei a sentar-me na escada. Recebi muito mais.

Um senhor bem posto, que devia ter a consciência negra, deu-me mesmo uma nota grande para se aliviar.

Na segunda, fui comprar material. Era tudo caríssimo. Estava tão desabituada de fazer compras que não imaginava o preço das coisas.

Numa loja que tinha baldes de plástico à porta, fortes e bonitos como eu imaginara, enfiados um nos outros, vi o preço, desentalei um deles e pu-lo de parte no passeio. Entrei, comprei outro da mesma cor, era verde, à saída enfiei-o com naturalidade no que me esperava cá fora e pensei que podia ainda, noutra loja, comprar as tigelas indispensáveis, umas quatro, de plástico ou alumínio.

Fiquei sem dinheiro, mas estava felicíssima. Nessa noite, com a ajuda do Quim, já pude: dar de comer a quatro desvalidos, dos mais necessitados por serem velhos e doentes e que eu conhecia das minhas peregrinações pela cidade.

Andei nisto uma semana. Consegui sensibilizar mais dois patrões de restaurantes, dos quinze que abordei, e, mesmo esses, cederam por causa daquela tradição cultural que diz que não se nega um prato de sopa ou uma côdea de pão a quem tem fome, nem um copo de água a quem tem sede. Mas a mim pouco me importavam os motivos deles.

Juntei as diferentes sopas que me deram. Umas eram de feijão, outras de hortaliça, outras de cozido com massa, tudo misturado ficava uma delícia, eu provava sempre antes de distribuir e servia com uma grande concha que o Quim me dera.

No domingo seguinte voltei às escadas da igreja, no sábado tinha andado muito atarefada a fazer por escrito a minha carta de intenções para entregar nas portas de serviço dos restaurantes, alguns faziam uma bola na frente do meu nariz, sem ler, eu pensava no que me tinha custado arranjar o papel, a esferográfica roubei-a num dos restaurantes que me deram tampa.

Para comprar o bloco foi preciso pedir na rua, um vexame horrível, mas os caminhos de Deus são trabalhosos, só o gesto de estender a mão que, sentada nas escadas, não parecia tão difícil, de pé era terrivelmente penoso, como se a mão tivesse dignidade própria e não quisesse estender-se nem abrir-se.

Voltei às escadas da igreja e consegui mais dinheiro, mas pus-me a pensar que não podia carregar com mais de dois baldes que, cheios, pesavam bastante, mesmo assim já era preciso deixar os meus haveres abandonados lá no canto da rua onde eu morava, à falta de solução entreguei nas mãos de Deus, ele tomou conta, nunca me desapareceu nada.

Ao fim de, suponho, três semanas desta estafadeira, veio ter comigo uma rapariga nova que disse que me tinha visto da janela a passar ajoujada com dois baldes cheios de comida, sempre à mesma hora e que aquilo lhe tinha feito confusão e na véspera resolvera seguir-me e tinha ido para casa a chorar, comovida com o meu gesto de solidariedade.

Casa, era uma força de expressão. Ela era toxicodependente, e os pais, que já não podiam aguentar mais os seus desmandos, quando souberam que se prostituía, pagaram-lhe uma desintoxicação, com a condição de ela não lhes voltar a aparecer na frente.

Ela fez a cura, uma amiga de outros tempos deixava-a dormir lá em casa por esmola, mas não autorizava que ela partilhasse a vida familiar para não dar maus exemplos às crianças, sem querer compreender que essa seria a melhor terapia e quando estava quase a cair de novo em tentação, a curiosidade, ou Deus, levou-a a seguir-me.

Aquela caminhada tinha sido a sua estrada de Damasco, compreendera que a única salvação era sentir-se útil e vinha oferecer-se para me ajudar.

Chamava-se Ana-Flor.

Era o presente que me faltava. Com o dinheiro dos domingos comprámos mais dois baldes pelo processo já utilizado antes, mas como ainda não tínhamos comida para encher os quatro, voltámos à ronda dos restaurantes.

Num deles, onde me tinham dado uma malga de sopa na véspera, o dono soltou um irritado Outra vez?

O senhor não come todos os dias? disse a Ana-Flor. E fique sabendo que a comida não é para ela, que nem lhe toca. É para pôr aqui nestes baldes, está a ver? e levar por essas ruas fora, quer chova quer vente, aos mais pobres de todos, que nem forças têm para pedir.

O homem pensou um bocado, foi até lá dentro e voltou sorridente.

Garanto-lhes meio balde de sopa todos os dias, disse ele. Vou passar a contar com uma panela para vocês.

Deus vai-lhe pagar, disse eu, e o homem, comovido com a sua própria bondade, teve um gesto extremo apertou-me as duas mãos.

A Ana-Flor era preciosa, passou a ser o meu braço direito.

Descompunha os corações empedernidos e sabia consolar os aflitos.

Um dia perguntou-me como é que eu tinha ido parar à rua, parecia-lhe uma pessoa culta e educada, quando leu a minha circular, repetida em todas as páginas do bloco, admirou a minha boa letra, a minha ortografia irrepreensível, o meu bom português.

Até eu me admirava de ainda saber escrever.

Contei-lhe por alto as minhas aventuras e desventuras, não havia nada a comentar, mas aquela confiança aproximou-nos, ficámos amigas para sempre.

Os pobres da noite andavam em alvoroço. Agora anda aí uma maluca duma coxa que distribui comida aos que não têm força para ir às casas de caridade.

Como eu era a alternativa a uma instituição conhecida, puseram-me uma alcunha, a Concha dos Pobres. Só mesmo Deus para não deixar que, mesmo na miséria, se perca o humor.

De todos os nomes que tive, Lili, Cordélia, Guita Coxa, este era de longe o de que eu mais gostava. Tinha de o honrar.

Quando, muito cansada, muito dorida, muito feliz, pousava a cabeça no meu travesseiro de plástico e trapos, vinham-me à memória coisas antigas, a prisão, o restaurante, a casa da minha avó.

às vezes sonhava com elas.

Já não estou a dormir mas ainda não estou acordada. É uma enorme cozinha e eu deixo-me ficar ali da mesa de mármore para o fogão, do fogão para a mesa de mármore, descasco cebolinhas e reparo como são perfeitas com as suas sete salas que alternam a seda, a cambraia, parto em quartos os cogumelos do campo que estiveram a macerar em sumo de limão, vou ao fogão virar o frango para que doure na manteiga e ali alouro também as cebolinhas que largam o seu sumo. Os cogumelos vão depois, com toda a sua sugestão de espaços sombrios sob as árvores, talvez um canto de pássaros, talvez uma brisa de aurora, tapo e deixo cozer.

Agora são horas de fazer o molho béchamel, derreter à parte outra manteiga, juntar-lhe duas colheres de farinha, usar toda a arte das minhas mãos experientes para obter um creme emulsionado dissolvendo o leite, as natas líquidas, temperar com sal, pimenta, que já não vale ouro com em tempos trágico-marítimos mas abre o paladar de todas as coisas, pedir às ervas escolhidas aromas misteriosos e sugestivos, fazê-las matizar o molho de cambiantes primaveris.

Posso meter o frango no forno, no reflexo de um barro vidrado, não sem antes o cobrir com metade do creme sabiamente preparado a que juntei duas gemas de ovo bem batidas e, reduzido a puré, tudo o que ressuma do tacho, a manteiga, os cogumelos do campo, as cebolinhas que já rescendem e polvilhar tudo com uma poalha subtil de queijo ralado.

O frango irá gratinar a gosto para maior requinte do paladar e da vista e quando no prato de fina porcelana o oferecer ao olfacto, ladeá-lo-ei de ervilhas cozidas ao vapor e arroz branco, em que cada bago terá vida própria, correndo da colher como missangas brancas, amaciadas pela mão de uma virgem.

O restante molho, um pouco irregular na textura, irá servido na molheira para que cada um o doseie segundo o seu critério e momentânea inclinação da apetibilidade.

Era este o meu sonho recorrente de muitas madrugadas, às vezes com variantes de ingredientes e temperos, mas sempre na mesma cozinha, que não era a de Sintra nem a dos Alcatruzes, mas onde os aromas me doíam de tão verdadeiros e o fogão queimava de tão quente.

Depois acordava, deitava numa malga os fundinhos dos baldes (e nem sempre a malga ficava cheia) e tomava esse pequeno-almoço coalhado de tão frio, com uma palavra de agradecimento no coração.

Chamo-me Paulinho, sou homossexual e seropositivo. Fui corrido do meu emprego, do meu bairro, da minha rua e por fim da minha casa, os meus tios, com quem vivia, não aguentaram mais o peso de tanta iniquidade, no café lá da esquina recusavam-se a servir-me e um dia em que o criado se apiedou da minha humilhação e me pôs na esquina do balcão um café que eu bebi à pressa, o patrão veio de lá com um esgar de maldade e ostensivamente atirou a chávena, o pires, a colher e o copo de água para o balde dos desperdícios.

Fiquei sem casa e sem amigos, restou-me arrumar carros e dormir na rua debaixo deles, os jipes são bons, sei os que arrancam tarde e me dão tempo de me esgueirar, qualquer dia há um que se levanta cedo para ir apanhar o avião e me mata sem querer, e acaba com esta merda de vez.

Ouvi falar de ti e venho ajudar-te, isto é, se aceitares uma bicha cheia de sida até aos ossos, adorei quando me disseram que eras coxa e caridosa e te chamavam a Concha dos Pobres.

Na sua entoação açucarada o trocadilho tinha imensa graça, rimo-nos os dois, abraçados, a gostarmos um do outro, sentimo-nos irmanados nas partidas que a vida prega e no desejo de minorar as partidas que a vida prega aos outros.

O Paulinho passou a ser o meu braço esquerdo, o direito era a Ana-Flor.

Também os miúdos da rua, que cheiram cola para enganar a fome, não tardaram a chegar-se a nós, na esperança de receberem comida.

Dávamos-lhe sopa e pão em troca de ajuda e o número de baldes pôde subir para quinze, eram precisos braços livres para carregar os sacos de tigelas, conchas, colheres que às tantas não chegavam para as encomendas. Muitos dos pobres escondiam as malgas e não as devolviam, para as usarem como escudela de esmola. Mas o Paulinho punha os putos em acção e num instante eles roubavam ou pediam todo o material que nos faltava.

Eu entregava a refeição e dizia, em nome de Deus. A Ana-Flor continua a dizer, em nome de Deus. Cada um dos meninos diz, em nome de Deus. E o Paulinho, que andou no Seminário e adora latim, entoava: in nomine Dei.

Também recebíamos presentes.

Juntei aos meus haveres um abre-latas ferrugento, um caco de espelho, um sapato sem par, um rádio sem pilhas, uma gaiola donde o canário fugira para acabar na boca de um gato.

Formávamos um grupo brechtiano, a mendiga, a drogada, o doente terminal, os meninos sem mãe, levando em procissão baldes cheios de sopa, sacos a abarrotar de tigelas chocalhantes, pelas ruas inconfessáveis da noite.

Um dia adoeci gravemente. Desmaiei no passeio, de febre e de cansaço e levaram-me para o hospital onde, como previra o Linhaças, fiquei a tiritar em cima de uma marquesa num corredor desabrigado e mais concorrido que os do metropolitano.

Já não tinha papéis. Tinham-me roubado um dia a malinha de mão que me dava a ilusão de ainda parecer uma senhora, fiquei mais pobre ainda, sem senhoria nem identidade, isso já acontecera há muito tempo, mais tarde tinha-me farto de rir com a perda daquele último vínculo à sociedade estabelecida.

No hospital não me ligaram nenhuma, eu, também, calei-me que nem um rato, tinha medo que me entregassem às autoridades e que estas resolvessem fazer caridade comigo, metendo-me nalgum albergue da Misericórdia ou na prisão, para onde já não queria voltar porque tinha uma tarefa a cumprir.

Naqueles dias de abandono e dores nas barrigas das pernas porque a marquesa era mais curta do que eu, lembro-me vagamente de ouvir falar em pneumonia dupla, de levar umas injeções e de ser posta

novamente na rua, porque a marquesa e o lugar no corredor faziam falta a outro infeliz.

Arrastei-me (e sei lá quanto tempo levei a fazê-lo) até àqueles seis palmos de passeio empedrado a que mentalmente já chamava lar, reencontrei os meus amigos, a quem pedi que continuassem sem mim, porque não podia mexer-me e a tosse me desmantelava os pulmões e o coração e o estômago e via moscas pretas à frente dos olhos e vomitava o pouco que comia para um penico que o Paulinho arranhou e que ele próprio se encarregava de despejar.

A Ana-Flor embalava-me como se eu fosse uma criança, os miúdos da rua ficavam a olhar-me a certa distância, repelidos pela sordidez da minha doença, atraídos pelo espectáculo próximo da minha morte.

Arranjava forças para os mandar a todos tratar do turno da noite, tal como tinham feito na minha ausência no hospital, eu ficava bem, recebia a primeira sopa da distribuição e via-os partir carregados com o alívio dos aflitos do frio e da fome.

Um dia os meus amigos descobriram um abrigo onde eu podia, ao menos, passar as noites, e queriam transportar-me para lá mas eu recusei. Parecia-me que no conforto de um vão de escada ou a ver chover através de uma vidraça partida me acomodaria como toda a gente e esqueceria o sofrimento dos meus irmão de rua.

O inverno ia bravo. O mau tempo é o inimigo pior dos sem-abrigo, a minha caixa de cartão toda coberta de plástico parecia mais uma tenda que uma protecção para a cabeça, mas eu sentia-me em casa, não me parecia tão mau assim agonizar naquela gruta só minha, toda cheia do meu mau cheiro e dos vapores da minha febre, sentia-me, apesar de tudo, feliz por ter alguma coisa em que acreditar, compreendia o que o Linhaças me tinha dito, sem Deus onde é que eu já estava, e sorria à imagem ida do meu amigo, mentalmente dizia-lhe até já.

A Ana-Flor encontrou-me tão mal que se pôs a chorar, eu tentei consolá-la, disse-lhe que ela tinha era de olhar para o futuro, continuar a nossa obra, procurar quem a ajudasse a lançar âncoras, uma base concreta de boas vontades, torná-la uma organização legalizada, coisa que ela podia fazer muito mais facilmente quando eu me fosse, sem o trambolho de uma mendiga não-identificada, suja e teimosa, que se recusava a sair da rua e a ter existência legal.

Pedi-lhe que não chorasse, que tentasse ser feliz, pus-me a brincar com ela, a gracejar sobre a sujidade do meu casaco, agora despromovido a roupão, e do sonho nunca realizado de o mandar limpar a seco num dia quente de Agosto.

Tu, que estás tão mal, é que acabas por me consolar a mim, sorriu ela.

Claro, meu amor. Quem parte é que deve consolar quem fica.

E agora vai. Eles precisam de ti.

É assim que me encontro aqui neste fim de dia, a ajustar contas com a vida, a recordar todo o meu trajecto desde aquela estação de caminho de ferro, perdida, de casacão de inverno num dia de primavera. Atirei para longe a minha tenda de cartão e plástico (porque quero ver o céu e preciso de ar) e estou aqui, sem protecção nem abrigo a lembrar-me de tudo e a ver os pombos de Lisboa a voar sobre a minha cabeça.

O meu leito de morte, que não é bem leito, mas um colchão amarelo de espuma que eu penso que serviu um dia para embalar cristais e que o Paulinho achou para mim numa lixeira, é um lugar tão bom como outro qualquer, talvez melhor, para fazer esta retrospectiva e compreender algumas coisas das mais importantes.

Somando tudo o que lembrei nas minhas insónias da prisão e o que acabo de reviver aqui, esta foi a história da minha vida, a minha caminhada, o meu romance de Cordélia.

Hoje sei que fui eu que a escolhi.

Se o meu comportamento tivesse sido diferente, a minha mãe não me teria expulso. Podia ter escolhido ir para os Alcatruzes e não para casa da Berta. Se não tivesse abortado, talvez hoje um filho me acolhesse e me ajudasse, como a família da tia Zulmira, a reerguer-me aos olhos do mundo. Podia ter escolhido vender a casa e sair do país quando tomei posse da herança. Podia ter escolhido fugir quando o Filipe me implorou que o fizesse. Podia, quando saí da prisão, ter procurado um advogado, ter-me inteirado da situação da minha casa, fazer alguma coisa para recuperá-la, vendê-la, começar vida nova.

Mas sei que, fosse qual fosse a minha escolha, num dado momento da minha vida, em qualquer lugar do mundo, Jesus me bateria levemente no ombro e me estenderia a minha malga de sopa.

Acabaria neste mesmo canto de rua, a mobilizar boas vontades, a dar de comer a quem tem fome, a motivar os deserdados a erguerem-se à sua dignidade de filhos de Deus.

Eu estaria aqui, neste momento solene da minha morte, fossem quais fossem as escolhas que o meu livre arbítrio me tivesse ditado.

Agora que compreendi isso, sinto-me preparada.

Acho que dormitei, porque estou a ter um sonho incrível. A Laura da minha infância está sentada muito perto de mim, sobre o contentor que serve o prédio no 35 e diz-me, Cordélia vem depressa que Deus mandou-te chamar. Já sabes de que cor é a tua vida, só te esqueceste de lhe juntar na imaginação um toque de dourado que agora é já visível a olho nu, cumpriste a tua missão, anda comigo.

E como queres que vá à presença de Deus com estes farrapos?

E no mesmo instante apareço toda vestida de luz, voo com a maior simplicidade para cima de um telhado, como sonhava fazer quando queria ser bailarina, e fico a ver-me dormir no passeio, no meio daquela traparia nojenta, o rádio sem pilhas, a gaiola de porta aberta, a sacola de pão bolorento que nunca tive coragem de deitar fora.

Depois chegam dois polícias, metem-me num grande saco preto que me fica largo e levam-me dali.

Arreção, cantando, a minha saia de estrelas, e lavo os pés na chuva da madrugada.

16 de Março de 1998